

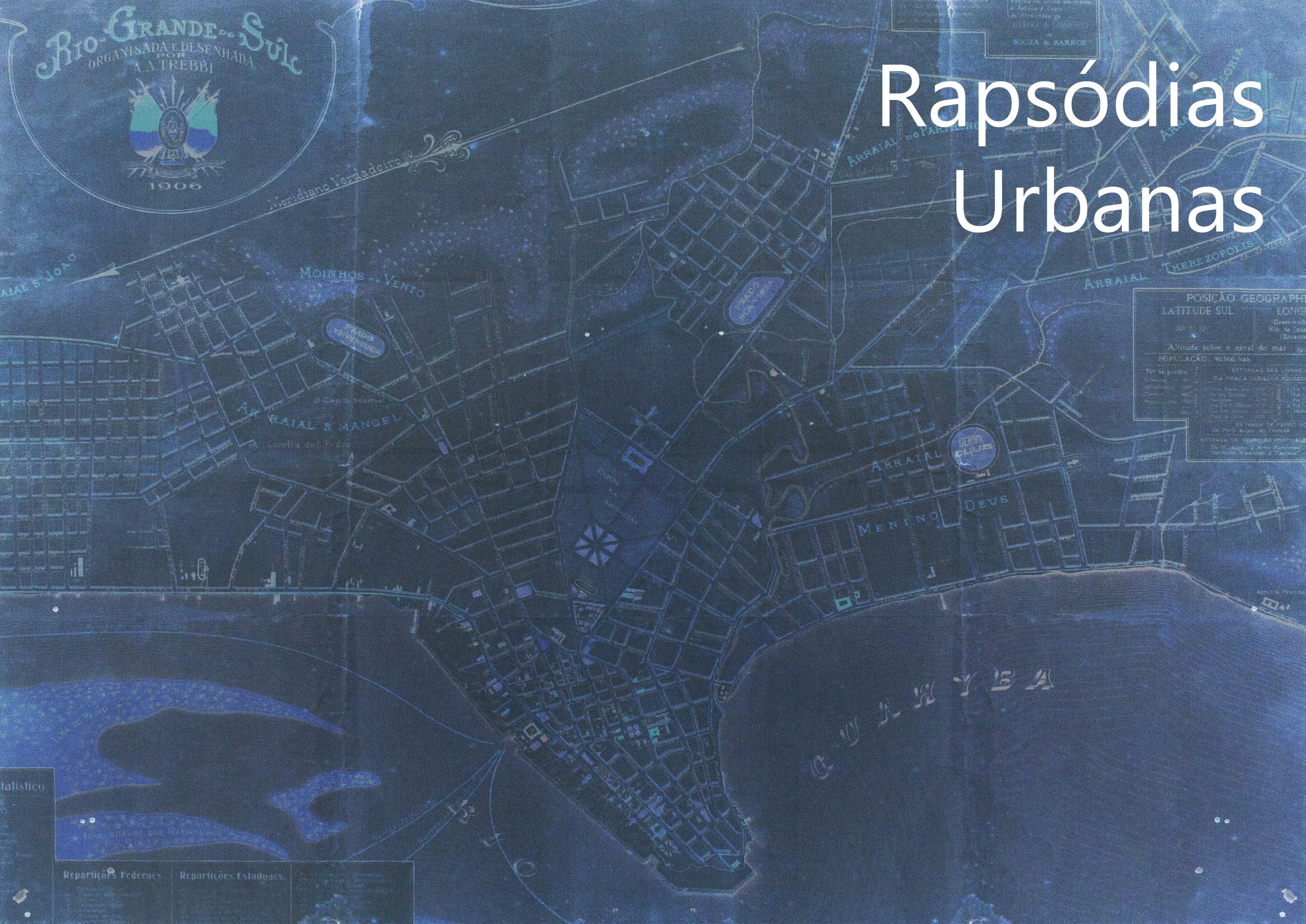
Rapsódias Urbanas

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert
Felipe Rodrigues
Sonia Maria Piccinini
(orgs.)





Rapsódias Urbanas



POSICÃO GEOGRAPHICA

LATITUDE SUL	LONGITUDE
20° 11' 30"	43° 10' 00"

Altitude sobre o nível do mar: 100 metros

POPULAÇÃO: 10.000 hab.

ESTRUTURA DAS UNIDADES
1.000 hab.
2.000 hab.
3.000 hab.
4.000 hab.
5.000 hab.
6.000 hab.
7.000 hab.
8.000 hab.
9.000 hab.
10.000 hab.

estatístico

Repartições Federaes	Repartições Estaduaes
1.000 hab.	1.000 hab.
2.000 hab.	2.000 hab.
3.000 hab.	3.000 hab.
4.000 hab.	4.000 hab.
5.000 hab.	5.000 hab.
6.000 hab.	6.000 hab.
7.000 hab.	7.000 hab.
8.000 hab.	8.000 hab.
9.000 hab.	9.000 hab.
10.000 hab.	10.000 hab.

Rapsódias Urbanas

COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS DA ABA – CELCA (GESTÃO 2023-2024)

Coordenador:

Carlos Alberto Steil (UFRGS; Unicamp)

Vice-coordenadora:

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

Integrantes:

Edimilson Rodrigues (FAMES)

Eva Lenita Scheliga (UFPR)

Marcelo Moura Mello (UFBA)

Martina Ahlert (UFMA)

Nathanael Araújo da Silva (Unicamp)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPE)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (Ufam)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA DIRETORIA (GESTÃO 2023-2024)

Presidente

Andréa Luisa Zhouri Laschefski (UFMG)

Vice-Presidente

Sônia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos
(UFPA)

Secretária Geral

Deborah Bronz (UFF)

Secretária Adjunta

Alexandra Barbosa da Silva (UFPB)

Tesoureiro Geral

Guilherme José da Silva e Sá (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Gilson José Rodrigues Junior (IFRN)

Diretora

Flávia Melo da Cunha (UFAM)

Diretor

Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB)

Diretor

Tonico Benites (CEFPI-MS)

Diretora

Denise Fagundes Jardim (UFRGS)

Organizadores

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Cornelia Eckert

Felipe da Silva Rodrigues

Sonia Maria Piccinini

ABA PUBLICAÇÕES

www.portal.abant.org.br

UNB - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte
Prédio do ICS - Instituto de Ciências Sociais
Térreo - Sala AT-41/29 - Brasília/DF CEP: 70910-900

Brasília

2025

ABA PUBLICAÇÕES

Copyright ©, 2025 dos autores

Organização

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert
Felipe da Silva Rodrigues
Sonia Maria Piccinini

Revisão

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert
Sonia Maria Piccinini

Diagramação

Felipe da Silva Rodrigues

Capa

Felipe da Silva Rodrigues

Fotografia da capa

Olavó Ramalho Marques

Acervo

Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV

Apoio



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bianca Mara Souza – Bibliotecária - CRB-14/1587

R221 Rapsódias urbanas / Organizado por Ana Luiza Carvalho da Rocha... [et al.]. -- Brasília : ABA Publicações, 2025.
339. : il. ; PDF ; 88 MB.

Inclui índice, bibliografia e nota sobre os autores.
ISBN Digital 978-65-87289-41-0
Demais organizadores: Cornelia Eckert, Felipe da Silva Rodrigues e Sonia Maria Piccinini.

1. Coleção etnográfica 2. Fotografia. 3. Percursos urbanos. 4. Cidade; Porto Alegre (RS) I. Rocha, Ana Luiza Carvalho da (org.), II. Eckert, Cornelia (org.), III. Rodrigues, Felipe da Silva (org.) e IV Piccinini, Sonia Maria (org).

DOI Livro 10.48006/978-65-87289-41-0

CDD 307.76

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidades urbanas – 307.76

Sumário

Apresentação

Ana Luiza Carvalho da Rocha, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
e Cornelia Eckert, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

14

Trajetos: Usina do Gasômetro e passeio das ilhas
do arquipélago

18

Rafael Devos, Universidade Federal de Santa Catarina

Trajetos: Ruas por onde já andaram

32

José Daniel Craidy Simões, PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
e Felipe da Silva Rodrigues, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Museu do Percurso Negro e outras histórias

56

Elisa Algayer Casagrande, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Da Praça da Matriz até os Altos da Praia

82

Felipe da Silva Rodrigues, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Passos aquarelados pela cidade

100

Laura Aggens Schmidt, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Borges de Medeiros, Paço dos Açorianos
a Ponte de Pedra

116

Ana Cecilia Silva, CONICET, Argentina

Trajetos: Caminhos dos sebos e antiquários

136

Anelise Gutterres, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: As escadarias da 24 de maio,
um lugar para se conhecer

148

Luciana de Mello, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Vem comigo caminhar pela república!

160

Alexandre Magalhães e Silva, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Passeio no Brique da Redenção, Parque Farroupilha
Ana Luiza Carvalho da Rocha, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

178

Trajetos: Ilhota e Areal da Baronesa

192

Elisa Algayer Casagrande, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: As ruas e ruelas do antigo Areal da Baronesa

216

Olavo Ramalho Marques, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Região da Grande Cruzeiro, em Porto Alegre/RS

234

Ana Patrícia Barbosa, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: De caminhadas no Morro do Osso
ao calçadão de Ipanema

248

Rafael Devos, Universidade Federal de Santa Catarina

Trajetos: Caminhada na rua mais linda do mundo,
Rua Gonçalo de Carvalho

258

Cornelia Eckert, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Quarto Distrito de Porto Alegre

272

José Luís Abalos Júnior, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: Seguir as águas pelas bordas,
abrir um Caminho Novo: a Rua Voluntários da pátria

284

Camila Braz da Silva, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Trajetos: A cidade das águas e suas
paisagens mais que humanas

300

Sonia Lucietto Piccinini, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Índice de Imagens

324

Sobre os Autores

312





PLANTA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

CAPITAL DO ESTADO DO RIO-GRANDE DO SUL

ORGANISADA DE ACORDO COM A PLANTA QUE SERVO PARA OS ESTUDOS DOS PROJECTOS DE ABASTECIMENTO DE AGUA E SERVIÇO DE EXGOTTOS

ORGANISADA E DESENHADA POR A.A. TREBBI



1906



POSICÃO GEOGRAPHICA

LATITUDE SUL 30° 1' 57"

LONGITUDE O Greenwich 51° 24' 44" S Rio de Janeiro 0° 32' 3" E (Estrada S. de 10' 52")

Altitude sobre o nivel do mar Navegante +87

POPULAÇÃO: 90.000 hab.

EXTENSÃO DAS LINHAS DE BONDS

Nº de linhas	Extensão	Extensão
1	1,200 km	1,200 km
2	2,400 km	2,400 km
3	3,600 km	3,600 km
4	4,800 km	4,800 km
5	6,000 km	6,000 km
6	7,200 km	7,200 km
7	8,400 km	8,400 km
8	9,600 km	9,600 km
9	10,800 km	10,800 km
10	12,000 km	12,000 km

ESTATUA DO CONDE DE PORTO ALEGRE



Quadro Estatístico

PRACAS

- B - Praça General Osório
- C - Praça Sete de Setembro
- D - Praça Mercadão
- E - Praça II de Novembro
- F - Praça Vinte e Nove de Abril
- G - Praça General Marques
- H - Praça D. Feliciano
- I - Praça de Conceição
- J - Praça João de Deus
- K - Praça Matriz de São Pedro
- L - Praça de Comendador

203 LIVRARIA DO COMERCIO SOUZA & BARROS

Repartições Federaes	Repartições Estaduales
1 - Delegacia Fiscal	33 - Alameda Rio Branco
2 - Tribunal de Alçada	34 - Observatorio Meteorologico
3 - Correio	35 - Museu do Estado
4 - Alfândega	36 - Estação de Ferro de Alagoa
5 - Arsenal de Guerra	37 - Museu de Arte
6 - Arsenal de Mares	38 - Estação de Ferro de Alagoa
7 - Arsenal de Mares	39 - Museu de Arte
8 - Arsenal de Mares	40 - Estação de Ferro de Alagoa
9 - Arsenal de Mares	41 - Museu de Arte
10 - Arsenal de Mares	42 - Estação de Ferro de Alagoa
11 - Arsenal de Mares	43 - Museu de Arte
12 - Arsenal de Mares	44 - Estação de Ferro de Alagoa
13 - Arsenal de Mares	45 - Museu de Arte
14 - Arsenal de Mares	46 - Estação de Ferro de Alagoa
15 - Arsenal de Mares	47 - Museu de Arte
16 - Arsenal de Mares	48 - Estação de Ferro de Alagoa
17 - Arsenal de Mares	49 - Museu de Arte
18 - Arsenal de Mares	50 - Estação de Ferro de Alagoa
19 - Arsenal de Mares	51 - Museu de Arte
20 - Arsenal de Mares	52 - Estação de Ferro de Alagoa
21 - Arsenal de Mares	53 - Museu de Arte
22 - Arsenal de Mares	54 - Estação de Ferro de Alagoa
23 - Arsenal de Mares	55 - Museu de Arte
24 - Arsenal de Mares	56 - Estação de Ferro de Alagoa
25 - Arsenal de Mares	57 - Museu de Arte
26 - Arsenal de Mares	58 - Estação de Ferro de Alagoa
27 - Arsenal de Mares	59 - Museu de Arte
28 - Arsenal de Mares	60 - Estação de Ferro de Alagoa
29 - Arsenal de Mares	61 - Museu de Arte
30 - Arsenal de Mares	62 - Estação de Ferro de Alagoa
31 - Arsenal de Mares	63 - Museu de Arte
32 - Arsenal de Mares	64 - Estação de Ferro de Alagoa
33 - Arsenal de Mares	65 - Museu de Arte
34 - Arsenal de Mares	66 - Estação de Ferro de Alagoa
35 - Arsenal de Mares	67 - Museu de Arte
36 - Arsenal de Mares	68 - Estação de Ferro de Alagoa
37 - Arsenal de Mares	69 - Museu de Arte
38 - Arsenal de Mares	70 - Estação de Ferro de Alagoa
39 - Arsenal de Mares	71 - Museu de Arte
40 - Arsenal de Mares	72 - Estação de Ferro de Alagoa
41 - Arsenal de Mares	73 - Museu de Arte
42 - Arsenal de Mares	74 - Estação de Ferro de Alagoa
43 - Arsenal de Mares	75 - Museu de Arte
44 - Arsenal de Mares	76 - Estação de Ferro de Alagoa
45 - Arsenal de Mares	77 - Museu de Arte
46 - Arsenal de Mares	78 - Estação de Ferro de Alagoa
47 - Arsenal de Mares	79 - Museu de Arte
48 - Arsenal de Mares	80 - Estação de Ferro de Alagoa
49 - Arsenal de Mares	81 - Museu de Arte
50 - Arsenal de Mares	82 - Estação de Ferro de Alagoa
51 - Arsenal de Mares	83 - Museu de Arte
52 - Arsenal de Mares	84 - Estação de Ferro de Alagoa
53 - Arsenal de Mares	85 - Museu de Arte
54 - Arsenal de Mares	86 - Estação de Ferro de Alagoa
55 - Arsenal de Mares	87 - Museu de Arte
56 - Arsenal de Mares	88 - Estação de Ferro de Alagoa
57 - Arsenal de Mares	89 - Museu de Arte
58 - Arsenal de Mares	90 - Estação de Ferro de Alagoa
59 - Arsenal de Mares	91 - Museu de Arte
60 - Arsenal de Mares	92 - Estação de Ferro de Alagoa
61 - Arsenal de Mares	93 - Museu de Arte
62 - Arsenal de Mares	94 - Estação de Ferro de Alagoa
63 - Arsenal de Mares	95 - Museu de Arte
64 - Arsenal de Mares	96 - Estação de Ferro de Alagoa
65 - Arsenal de Mares	97 - Museu de Arte
66 - Arsenal de Mares	98 - Estação de Ferro de Alagoa
67 - Arsenal de Mares	99 - Museu de Arte
68 - Arsenal de Mares	100 - Estação de Ferro de Alagoa

Repartições Municipaes

1 - Alameda Rio Branco	101 - Alameda Rio Branco	201 - Alameda Rio Branco
2 - Observatorio Meteorologico	102 - Observatorio Meteorologico	202 - Observatorio Meteorologico
3 - Museu do Estado	103 - Museu do Estado	203 - Museu do Estado
4 - Estação de Ferro de Alagoa	104 - Estação de Ferro de Alagoa	204 - Estação de Ferro de Alagoa
5 - Museu de Arte	105 - Museu de Arte	205 - Museu de Arte
6 - Estação de Ferro de Alagoa	106 - Estação de Ferro de Alagoa	206 - Estação de Ferro de Alagoa
7 - Museu de Arte	107 - Museu de Arte	207 - Museu de Arte
8 - Estação de Ferro de Alagoa	108 - Estação de Ferro de Alagoa	208 - Estação de Ferro de Alagoa
9 - Museu de Arte	109 - Museu de Arte	209 - Museu de Arte
10 - Estação de Ferro de Alagoa	110 - Estação de Ferro de Alagoa	210 - Estação de Ferro de Alagoa
11 - Museu de Arte	111 - Museu de Arte	211 - Museu de Arte
12 - Estação de Ferro de Alagoa	112 - Estação de Ferro de Alagoa	212 - Estação de Ferro de Alagoa
13 - Museu de Arte	113 - Museu de Arte	213 - Museu de Arte
14 - Estação de Ferro de Alagoa	114 - Estação de Ferro de Alagoa	214 - Estação de Ferro de Alagoa
15 - Museu de Arte	115 - Museu de Arte	215 - Museu de Arte
16 - Estação de Ferro de Alagoa	116 - Estação de Ferro de Alagoa	216 - Estação de Ferro de Alagoa
17 - Museu de Arte	117 - Museu de Arte	217 - Museu de Arte
18 - Estação de Ferro de Alagoa	118 - Estação de Ferro de Alagoa	218 - Estação de Ferro de Alagoa
19 - Museu de Arte	119 - Museu de Arte	219 - Museu de Arte
20 - Estação de Ferro de Alagoa	120 - Estação de Ferro de Alagoa	220 - Estação de Ferro de Alagoa
21 - Museu de Arte	121 - Museu de Arte	221 - Museu de Arte
22 - Estação de Ferro de Alagoa	122 - Estação de Ferro de Alagoa	222 - Estação de Ferro de Alagoa
23 - Museu de Arte	123 - Museu de Arte	223 - Museu de Arte
24 - Estação de Ferro de Alagoa	124 - Estação de Ferro de Alagoa	224 - Estação de Ferro de Alagoa
25 - Museu de Arte	125 - Museu de Arte	225 - Museu de Arte
26 - Estação de Ferro de Alagoa	126 - Estação de Ferro de Alagoa	226 - Estação de Ferro de Alagoa
27 - Museu de Arte	127 - Museu de Arte	227 - Museu de Arte
28 - Estação de Ferro de Alagoa	128 - Estação de Ferro de Alagoa	228 - Estação de Ferro de Alagoa
29 - Museu de Arte	129 - Museu de Arte	229 - Museu de Arte
30 - Estação de Ferro de Alagoa	130 - Estação de Ferro de Alagoa	230 - Estação de Ferro de Alagoa
31 - Museu de Arte	131 - Museu de Arte	231 - Museu de Arte
32 - Estação de Ferro de Alagoa	132 - Estação de Ferro de Alagoa	232 - Estação de Ferro de Alagoa
33 - Museu de Arte	133 - Museu de Arte	233 - Museu de Arte
34 - Estação de Ferro de Alagoa	134 - Estação de Ferro de Alagoa	234 - Estação de Ferro de Alagoa
35 - Museu de Arte	135 - Museu de Arte	235 - Museu de Arte
36 - Estação de Ferro de Alagoa	136 - Estação de Ferro de Alagoa	236 - Estação de Ferro de Alagoa
37 - Museu de Arte	137 - Museu de Arte	237 - Museu de Arte
38 - Estação de Ferro de Alagoa	138 - Estação de Ferro de Alagoa	238 - Estação de Ferro de Alagoa
39 - Museu de Arte	139 - Museu de Arte	239 - Museu de Arte
40 - Estação de Ferro de Alagoa	140 - Estação de Ferro de Alagoa	240 - Estação de Ferro de Alagoa
41 - Museu de Arte	141 - Museu de Arte	241 - Museu de Arte
42 - Estação de Ferro de Alagoa	142 - Estação de Ferro de Alagoa	242 - Estação de Ferro de Alagoa
43 - Museu de Arte	143 - Museu de Arte	243 - Museu de Arte
44 - Estação de Ferro de Alagoa	144 - Estação de Ferro de Alagoa	244 - Estação de Ferro de Alagoa
45 - Museu de Arte	145 - Museu de Arte	245 - Museu de Arte
46 - Estação de Ferro de Alagoa	146 - Estação de Ferro de Alagoa	246 - Estação de Ferro de Alagoa
47 - Museu de Arte	147 - Museu de Arte	247 - Museu de Arte
48 - Estação de Ferro de Alagoa	148 - Estação de Ferro de Alagoa	248 - Estação de Ferro de Alagoa
49 - Museu de Arte	149 - Museu de Arte	249 - Museu de Arte
50 - Estação de Ferro de Alagoa	150 - Estação de Ferro de Alagoa	250 - Estação de Ferro de Alagoa

Apresentação

Ana Luiza Carvalho da Rocha;
Cornelia Eckert

Em 2007, Porto Alegre foi sede do VII Congresso de Antropologia Mercosul, ou mais propriamente, o Departamento de Antropologia e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foram os anfitriões. Na ocasião, a programação foi intensa, e recebemos em torno de dois mil inscritos vindos não somente do Brasil, mas da Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Colômbia, Venezuela, México, Bolívia, Equador, além de outros países do Norte. A programação do congresso previu, entre outras atividades, oficinas de pesquisa. Nesse ínterim é que o Banco de Imagens e Efeitos Visuais, propôs uma oficina de caminhadas e visitação na cidade de Porto Alegre, tendo por metodologia a etnografia de rua, técnica de pesquisa que privilegia os deslocamentos em contextos urbanos para produção de imagens em diferentes suportes para estruturação de uma coleção de dados etnográficos.

O citado projeto, que tem por sigla BIEV, é um banco de conhecimento sediado no Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (com financiamento CNPq, CAPES e FAPERGS), tendo por patrimônio os documentos oriundos de pesquisas etnográficas feitas com recursos audiovisuais em contextos metropolitanos - fundado em 1997 pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert-. Ele integra o Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas, em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual (ambos do PPGAS, UFRGS). O projeto trata do acesso aos acervos de pesquisas implementadas no interior de instituições públicas, em especial na área da Antropologia urbana, na forma de repositórios digitais por intermédio da pesquisa antropológica com o software Tainacan. Trata-se de desenvolver e divulgar os estudos pesquisados no BIEV sobre memória e patrimônio da comunidade urbana porto-alegrense, dentre outras cidades brasileiras, para fomentar uma política patrimonial de Coleções Etnográficas Digitais, Etnografia da Duração, Etnografia do Trabalho e Memória Ambiental.

DOI 10.48006/978-65-87289-41-00

Este livro reúne sob o título de "Rapsódias urbanas" os escritos dos participantes dessa oficina composta de congressistas e de pesquisadores/as do BIEV. Complementam o livro outros exercícios de etnografia de rua, desenvolvidos ao longo dos últimos anos.

As saídas etnográficas de campo feitas pelos pesquisadores e pesquisadoras do BIEV são sistematicamente acompanhadas pela elaboração de diários de campo, relatos que refletem a experiência dos percursos por ruas e bairros da cidade e que expressam reflexões teóricas e conceituais que têm por base as áreas de conhecimento da Antropologia Urbana e da Antropologia da Imagem ou AudioVisual. Essa atividade recebeu ampla divulgação através do blog "O livro do etnógrafo", difundido no site do projeto do BIEV, de modo especial entre 2000 e 2015, e ainda acessível em <https://www.ufrgs.br/biev/publicacoes/blogs/>.

Outra metodologia importante é a pesquisa de imagens em acervos públicos e privados que reverberam a memória coletiva do viver no contexto urbano, no caso, na cidade de Porto Alegre, mote principal da pesquisa do projeto BIEV, com o propósito de difundir digitalmente, no formato de coleções etnográficas multimídia, os dados oriundos da pesquisa com itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no contexto citadino contemporâneo. Reunimos desde então, em sistema web, as coleções etnográficas sobre as experiências temporais e espaciais dos habitantes na cidade.

O exercício da etnografia de rua seguiu sendo, ao longo de todos estes anos, uma estratégia importante de formação de nossos/nossas pesquisadores/as do projeto, ação primordial na captação de imagens segundo o tema e contexto de cada investigador/a. Tal prática atravessou todos estes anos. Assim, nesta oportunidade, trazemos alguns entre diversos ensaios produzidos.

Os/as apreciadores/as deste livro poderão encontrar estas imagens cadastradas no nosso site <https://www.ufrgs.br/biev/>, na pla-

taforma Tainacan. Mas para nós é importante apresentar esta coleção de imagens nesta narrativa imagética que traz apreço às paisagens urbanas sob o olhar antropológico. A organização deste livro resulta do deferimento do projeto CNPq/MCTI/FNDCT No 39/2022, um programa de "Apoio a Museus e Centros de Ciência e Tecnologia e a Espaços Científico-Culturais", intitulado "A preservação cultural e repositórios digitais de pesquisas antropológicas urbanas sob a ótica dos estudos etnográficos de memória coletiva em contextos metropolitanos", coordenado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert.

A organização deste livro contempla o tema das "Políticas de Memória e de Patrimônio Cultural nas e das cidades brasileiras" como parte dos processos de acessibilidade às comunidades urbanas do país, através da visibilidade das pesquisas sobre seus patrimônios culturais e históricos que vêm sendo desenvolvidas no interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais em parceria com o Programa de Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tais ações buscam a preservação e divulgação do repositório de pesquisas antropológicas audiovisuais sobre a memória e o patrimônio da comunidade urbana porto-alegrense, sob a guarda do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, pertencente ao Laboratório de Antropologia Social/UFRGS, e sua expansão na Internet no site institucional, com o objetivo de popularização e divulgação científica de seus acervos a um público mais amplo, através do estudo da aplicabilidade da inovação tecnológica para a informatização de dados de pesquisas etnográficas audiovisuais oriundos do contexto das metrópoles.

As caminhadas nas cidades por parte dos pesquisadores e das pesquisadoras são orientadas por inúmeros conceitos que concebem o deslocamento epistemológico propiciado pela observação e reflexão pertinentes às mobilidades, percursos, itinerários, trajetos, circuitos e errâncias tão próprias da "flânerie", protagonizada por Walter Benjamin (1989) ao considerar a obra de Charles Baudelaire na Paris do Segundo Império. O flâneur descrevia os tipos humanos, as paisagens da cidade, os animais, os prédios, produzindo fisiologias: "A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa (...)" (Benjamin, 1989, p. 35). A vida na cidade moderna era descrita em sua diversidade ou, como diria Benjamin, "em sua inesgotável riqueza de variações" (p. 35), em que leva em consideração a atividade visual e a auditiva (com a preponderância da primeira sobre a segunda).

Para nós, torna-se fundamental reconhecer as experiências temporais que deixam transparecer as memórias intrageracionais de uma cidade como Porto Alegre. Inspiradas em Gaston Bachelard, em sua obra a "A dialética da duração" (1989), aprimoramos a noção da prática etnográfica da duração ao narrar com imagens os ritmos vividos por seus habitantes e interpretados, nessa forma de ensaio imagético, a convergência de razões de ser e estar na cidade.

Referências

BACHELARD, Gaston. *La dialectique de la durée*. Paris, Quadrige, PUF, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

Trajetos: Usina do Gasômetro e passeio das ilhas do arquipélago

Pontos de interesse: Lago Guaíba, Usina do Gasômetro, Igreja das Dores, passeio no arquipélago das ilhas do Delta do Jacuí e os parques da Harmonia e Marinha do Brasil. O Delta do Jacuí se forma no encontro das águas dos rios Jacuí, Sinos, Caí e Gravataí com o Lago Guaíba. Suas 30 ilhas, entrecortadas por sacos e canais, formam o Arquipélago do Delta do Jacuí, criado em 1979. O ecossistema do arquipélago desempenha um papel importante ao servir de abrigo para aves e espécies aquáticas. A melhor forma de conhecer o Delta do Jacuí e o Guaíba é passeando nos barcos turísticos, veleiros e escunas.

Ponto de Partida: Usina do Gasômetro (ônibus Praça XV-C2, Sesc-Petrópolis)

Início: Usina do Gasômetro, no bairro Centro

Fim: Ilhas do Lago Guaíba ou as docas do cais do porto, na Praça Senador Florencio, antiga Praça da Alfândega

Duração: 2 a 3 horas

Autor: Rafael Devos, Universidade Federal de Santa Catarina





Neste percurso, é possível contemplar o Lago Guaíba a partir de seus pontos de contato com a zona central da cidade. Na Usina do Gasômetro, antiga usina de energia elétrica à base de carvão da cidade, temos duas opções: dentro da Usina, espaços para exposições de arte, peças de teatro e a sala de Cinema P.F. Gastal, espaço alternativo para curta-metragens, documentários, filmes clássicos e mostras especiais. Uma dica é subir ao quarto andar da Usina e dar uma espiada no terraço, onde se vê o Lago Guaíba, parte do Porto da Cidade e as ilhas com a ponte do Guaíba ao fundo.

Fora da Usina, há um espaço tradicional da cidade para contemplar o pôr do sol, à beira do Lago. Desde aí, duas opções: um passeio de barco pelas ilhas do Bairro Arquipélago ou uma caminhada pela orla. Os passeios duram em média 1 hora e percorrem o Cais do Porto da Cidade, com vista para a Igreja das Dores, o Mercado Público e o Portão das Docas, tendo na margem oposta a Ilha da Casa da Pólvora, antigo depósito de munição do exército e hoje museu ecológico da flora e fauna do Delta do Jacuí. Em seguida, passando pela Ilha do Chico Inglês e pela ponta da Ilha Grande dos Marinheiros, os barcos tomam o Canal da Maria Conga, passando das antigas residências de pescadores até os recentes clubes náuticos e as enormes mansões que ocupam a margem da Ilha das Flores e da parte continental de Eldorado do Sul, que dá acesso à Ilha da Pintada. Segue-se costeando a Ilha da Pintada, repleta de embarcações de barqueiros e pescadores, com destaque para a Colônia de Pescadores Z-5, onde se pode degustar o excelente Peixe na Taquara. Finalmente, retorna-se à Usina do Gasômetro. Dica: no horário do pôr do sol (18 a 19 h) a vista fica ainda mais bonita. Também se pode negociar com alguns barcos de passeio caminhos alternativos pelas outras ilhas do Guaíba.

Na segunda opção do passeio, a caminhada, pode-se aproveitar um dos espaços preferidos dos porto-alegrenses para tomar um chimarrão e praticar esportes, percorrendo a orla do Parque Harmonia e do Parque Marinha do Brasil.











Trajeto: Ruas por onde já andaram

Pontos de interesse: As ruas escolhidas para o percurso remetem ao leque do primeiro traçado urbano da cidade, assim como as duas principais praças do Centro Histórico, totalizando em torno de 40 esquinas da antiga Rua da Praia.

Início: Rua da Praia

Fim: Rua das Graças

Contexto: A Rua da Praia, uma das ruas mais tradicionais e antigas da cidade de Porto Alegre. A Rua dos Andradas, nome oficial estabelecido em 1865, era chamada de Rua da Praia, do trecho do Gasômetro até a Rua General Câmara; e, de Rua da Graça, do trecho entre a Rua General Câmara e a Rua Senhor dos Passos.

Autores: José Daniel Craidy Simões, PROPUR, Univercidade Federal do Rio Grande do Sul; e Felipe da Silva Rodrigues, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





ESTATISTICA DA

- 1 Rua da Praia
- 2 R. da Graça
- 3 R. do Cotovelo
- 4 R. da Ponte
- 5 R. Formosa
- 6 R. de S. Jose
- 7 R. do Hospital
- 8 R. Nova do Poço
- 9 R. do Arvoredo
- 10 R. da Varzenha
- 11 R. Nova
- 12 R. da Cadeia
- 13 R. Principal
- 14 R. Bella
- 15 R. Directa
- 16 R. do Arroio
- 17 Rua Clara
- 18 R. de Bellas
- 19 R. d'Alegria
- 20 R. do Ouvidor
- 21 R. de Cemiterio
- 22 R. do Poço
- 23 R. de Braganca
- 24 R. do Rosario

CIDADE E SUBURBIOS

- 25 Rua de S.^a Cath.^{ica}
- 26 R. do Cozto
- 27 R. da Misericordia
- 28 R. da Figueira
- 29 R. da Olaria
- 30 R. d'Azinha
- 31 Beco do Leite
- 32 B. do Coelho
- 33 Beco da Funcha
- 34 B. da Ponte
- 35 B. da Opera
- 36 B. do 2.^o Batalhão
- 37 B. do Forno
- 38 B. do Israel
- 39 B. do Barbaça
- 40 B. do Chico Pinto
- 41 B. do Carneiro
- 42 Praça de Peláio
- 43 P. d'Alfandega
- 44 P. do Pirajó
- 45 P. do Portão
- 46 Casa d'Alfandega
- 47 Trapiche
- 48 Foleirinho
- 49 Igreja Matriz
- 50 Igreja dos Passos
- 51 Igreja do Rosario
- 52 Igreja das Dores
- 53 Cemitério da Matriz
- 54 Cemitério da Caridade
- 55 Catacumbas
- 56 Hospital da Carid.
- 57 Palacio do Governo
- 58 Casa d'Assemblea
- 59 Arsenal de Guerra
- 60 Intendencia
- 62 Arsenal de Marinha
- 62 Theatro

- 63 Quartel do 2.^o
- 64 Riacha
- 65 Ponte do Riacho
- 66 Praia do Riacho
- 67 Praia do Arsenal
- 68 Praia do Caminho Novo



Porto Alegre apresentou um modelo inicial de ocupação de seus territórios que seguiu os moldes de uma urbanização tradicionalmente portuguesa, caracterizada pela adaptação das vias à topografia, hidrografia e ao ambiente físico local. No bairro Centro Histórico, que corresponde ao núcleo original da cidade, ainda se encontram ruas e praças remanescentes desse primeiro traçado. Este bairro é caracterizado por três longas vias principais que se iniciam na extremidade da península e se estendem em direção ao interior do território, sendo atravessadas por ruas perpendiculares ao longo de toda sua extensão.

Uma dessas ruas, originalmente delineada ao longo da margem norte da península, continua sendo referida como Rua da Praia, embora sua denominação oficial tenha sido alterada para Rua dos Andradas, e a referida praia não mais exista devido aos aterros realizados ao longo dos séculos XIX e XX. Em 1820, Saint-Hilaire descreveu a Rua da Praia como a única via comercial da cidade, onde:

[...] se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros, carregando fardos. É provida de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de várias profissões. Quase igual distância desta rua há um grande cais que avança para a lagoa, e à qual se tem acesso por uma larga ponte de madeira de aproximadamente cem passos de comprimento, guarnecida de peitoris e sustentada por pilares de pedra. (Saint-Hilaire, 2002, p. 68).

As descrições de Saint-Hilaire sugerem que, já no início do século XIX, as visuais da cidade começaram a ser impactadas por construções, como a interferência causada por um armazém construído na extremidade de um trapiche. Saint-Hilaire referiu-se a esse local como um ponto que poderia ter criado um efeito estético positivo para a cidade, "se não fosse prejudicada pela construção, à entrada da ponte, de um edifício muito pesado e rústico que mede quarenta passos de comprimento, para servir de alfândega." (Saint-Hilaire, 2002, p. 68). Ao longo do tempo, a cidade reconfigurou seus limites ao avançar sobre o leito do Rio Guaíba por meio de aterros, provocando transformações profundas no bairro Centro Histórico.

Entre o seu traçado original como praia da Rua da Praia e sua posterior denominação como Rua dos Andradas, muitas transformações ocorreram em seu território. A Rua da Praia, cujo percurso se iniciava na extremidade da península, foi marcada, a partir de 1860, por duas grandes construções no início de seu trajeto: um grande presídio, que já foi demolido, e uma usina de produção de energia gerada pela queima de carvão, conhecida atualmente como Usina do Gasômetro. O nome dessa usina deriva da presença de tanques de gás próximos a ela, o que levou a população a referir-se à região como a "curva do gasômetro". Esse termo foi curiosamente incorporado à usina a carvão, tornando-a conhecida como Usina do Gasômetro, apesar de a construção nunca ter produzido energia a partir do gás de petróleo.

A Rua da Praia, que originalmente se estendia desde o antigo Porto de Viamão até o Alto da Misericórdia, onde hoje se encontra a Praça Dom Feliciano, próxima à Santa Casa de Misericórdia, passou a ser denominada Rua dos Andradas em 1865. Durante esse período, a municipalidade dedicou grandes esforços para substituir o calçamento colonial existente, onde o escoamento das águas pluviais ocorria de forma centralizada na via. Assim, iniciou-se uma série de obras de urbanização no bairro Centro Histórico, em que as vias de circulação passaram a ser reconstruídas com uma pista abaulada e sarjetas ao longo dos passeios.

Os cruzamentos da rua da Praia com outras ruas: toponímias e antinomias

Os mapas de Porto Alegre de 1839, elaborado por Luís Pereira Dias, e o de 1888, produzido por João Pedro Candido, revelam nomes peculiares das ruas transversais da Rua da Praia. A antiga toponímia destas ruas reflete aspectos do cotidiano da cidade à época. Durante a transição do Império Brasileiro para a Primeira República, ocorreram diversas alterações nos nomes das ruas do centro da cidade. Ruas que cruzam a Rua da Praia passaram a homenagear alguns generais que participaram da Guerra dos Farrapos, mudanças estas que estão amplamente documentadas no mapa de Porto Alegre de 1888, elaborado por João Pedro Candido. Além disso, outras ruas que formam esquinas com a Rua da Praia prestam homenagem a personalidades que se destacaram na cidade entre o final do século XIX e o início do século XX.

O Becco dos Guaranis passou a ser chamado de Rua General Vasco Alves. Segundo o cronista Antonio Alvares Pereira Coruja, que descreveu aspectos significativos de Porto Alegre do século XIX em suas crônicas, o Becco dos Guaranis recebeu esse nome devido à presença prolongada de um grupo de pessoas identificadas como pertencentes à etnia Guarani, que ali permaneceram "aquartelados" por vários anos. Segundo Coruja, "em dia de Santa Bárbara, sua padroeira, divertiam a população com danças de cavalinhos de madeira pintada e revestidos a caráter com colchas e saíotes" (Coruja, 1983, p. 109). Outros nomes atribuídos à mesma rua incluem Rua Principal do Arsenal, Rua da Guarda Principal e Rua do Arsenal, sendo o nome Rua da Guarda Principal frequentemente encontrado nas atas da câmara municipal. Ao ser renomeada como Rua General Vasco Alves, a via passou a homenagear o Barão de Santana do Livramento, Vasco Alves Pereira, militar que participou da Guerra dos Farrapos ao lado dos monarquistas.





O nome do Beco do Bot' à Bica, atualmente conhecido como Rua General Portinho, é descrito por Coruja como uma referência a um morador que residia na esquina desta rua com a Rua da Praia. Posteriormente, o nome da rua foi alterado devido à sua beleza, sendo renomeada como "[...] Rua Bela." (Coruja, 1983, p. 110). A partir de 1873, a Rua Bela passou a homenagear o Barão de Cruz Alta, adotando o nome de Rua General Portinho. José Gomes Portinho, homenageado pela mudança, foi um tropeiro que se tornou general do Exército da República Rio-Grandense e, posteriormente, do Império Brasileiro.

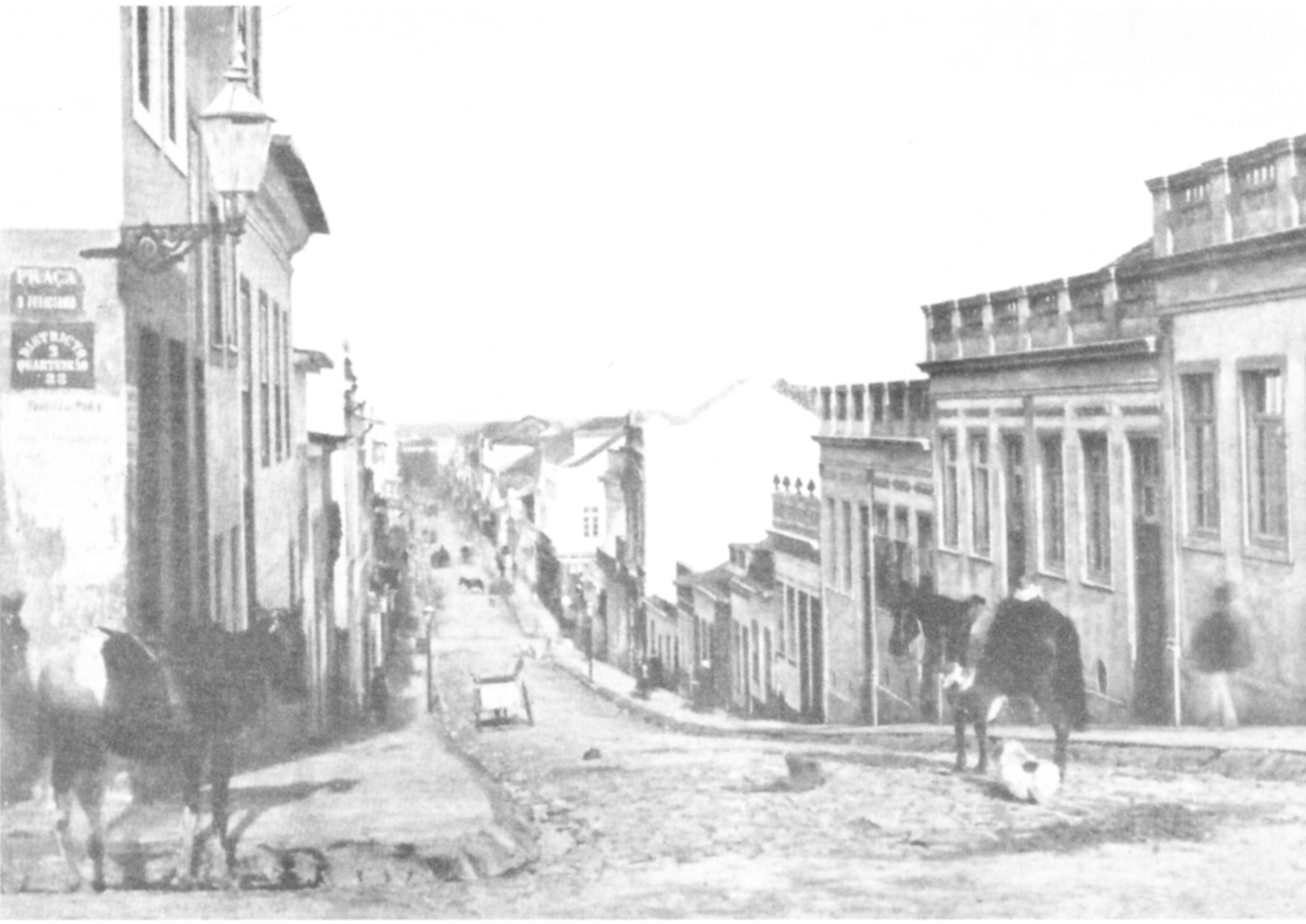
Seguindo pela Rua da Praia em direção ao Hospital, havia um pequeno sobrado na esquina, onde residia Pedro de Sousa Lobo. Este local era conhecido como o "Beco do Pedro Mandinga" (Coruja, 1983, p. 111). Após o falecimento de Pedro Mandinga, a rua passou a ser chamada de Rua Direita, um nome que também faz parte da história de outras vias da cidade. Segundo Sérgio da Costa Franco (1992, p. 98), a Rua Direita "lançava sobre o rio uma ponte de embarque e desembarque". Posteriormente, a rua foi renomeada para Rua do Conde de Porto Alegre, em referência a Manuel Marques de Sousa, que residia na esquina desta rua com a Rua do Cotovelo, o primeiro trecho atual da Rua Riachuelo, conforme descrito no mapa de 1839. Durante a administração do Brigadeiro Salvador José Maciel (1826-1829), houve a construção de obras significativas na Rua do Conde de Porto Alegre. Em 1879, os vereadores decidiram mudar a denominação da Rua do Conde de Porto Alegre para Rua General Canabarro, em homenagem ao General David Canabarro (1796-1867), militar cujo nome está associado à Batalha dos Porongos, um evento trágico em que os negros farrapos, que representavam quase metade do contingente rebelde farroupilha, foram traídos e mortos.

Ao seguir em direção ao hospital, chega-se à Rua do Arroio, que foi conhecida também como Rua dos Nabos a Doze, Rua do Jogo de Bola, Rua dos Pecados Mortais ou Rua General Bento Martins. De acordo com o cronista Coruja (1983, p. 111), "a Rua do Arroio (sem Arroio) era tão pouco conhecida por este nome, que para sabê-lo era necessário ir 'revolver os arquivos da

câmara', pois este era o seu nome oficial." No trecho entre a Rua da Praia e a Rua da Ponte, correspondente ao segundo segmento da atual Rua Riachuelo descrito no mapa de 1839, foram construídas as primeiras sete casinhas. Segundo Coruja (1983, p. 111), o nome "Rua dos Pecados Mortais" surgiu devido à "[...] quantidade ou pela qualidade das pecadoras que aí moravam, ou por ambos os motivos, o vulgo por gracejo a começou a chamar os 7 pecados ou Rua dos Pecados Mortais." Estes nomes persistiram por muito tempo no imaginário popular, embora tenham sido, com o tempo, substituídos pelo nome de Rua General Bento Martins.

Conforme apontado por Coruja, a rua que delinea a próxima esquina do trajeto em direção à Santa Casa, denominada como Rua Clara, recebeu este nome por meio de uma prática relacionada à antinomia, utilizada para descrever um lugar com a característica oposta à sua realidade. Nesse caso, uma rua conhecida por sua escuridão foi denominada Rua Clara, numa inversão simbólica. Em 1869, essa rua passou a ser chamada Rua General João Manoel, em homenagem a João Manoel Mena Barreto, um porto-alegrense que faleceu no mesmo ano durante o combate de Peribebeu, no Paraguai.

O Beco do Fanha, ou Beco do Inácio Manoel Vieira, refere-se a um antigo beco onde residiam "moradoras que se distinguiram pela vida alegre". Estas mulheres habitavam construções edificadas por Inácio Manoel Vieira. Nesse local, estabeleceu-se Francisco José de Azevedo, um taverneiro que "por falar de garganta apertada, ou bem ou mal sabidamente, tinha a alcunha de Fanha" (Coruja, 1983, p. 113). O beco também era conhecido como o Beco do Quebra-costas e estava previsto para ser estendido até a Rua Duque de Caxias, plano que foi interrompido pela construção da residência do Conde de São Leopoldo sobre o trecho que faria essa ligação. Em 1873, a Câmara Municipal renomeou o antigo Beco do Fanha para Travessa Paysandu, em homenagem à batalha ocorrida no Uruguai em 1865.



PRAÇA
3 FREGUESIA
DISTRITO 3
QUARTELA 23

Em 1944, o Prefeito Antônio Brochado da Rocha alterou o nome da rua Paysandu para Rua Caldas Júnior, em homenagem ao jornal Correio do Povo, cujas instalações estavam localizadas na esquina da Rua Paysandu com a Rua dos Andradas. Outra rua do Bairro Partenon, anteriormente denominada Rua Caldas Júnior, passou a se chamar Rua Paissandu.

A antiga Praça da Quitanda teve seu nome alterado para Praça da Alfândega, posteriormente para Praça Senador Florêncio, e novamente renomeada como Praça da Alfândega em 1979. Neste local, foi construído um trapiche sobre o rio, concluído em 1804, "com cais e trapiche para o desembarque dos gêneros e serventia pública." (Franco, 1992, p. 25). Em 1820, o local foi descrito por Saint-Hilaire como um lugar da Praia:

[...] próximo ao cais que fica o mercado. Nele vendem laranjas, amendoim, carne seca, molhos de lenha e de hortaliças, principalmente couve. Como no Rio de Janeiro, os vendedores são negros. Muitos comerciam acorados junto à mercadoria à venda, outros possuem barracas, dispostas desordenadamente". (Saint-Hilaire, 2002, p.68).

Em 1820, iniciou-se a construção de um edifício específico para abrigar a Alfândega na Praça da Quitanda. Devido a essa obra, foi determinada a remoção compulsória dos quitandeiros que ali atuavam, transferindo-os para a Praça do Paraíso, atualmente conhecida como Praça 15 de Novembro. A Rua da Ladeira, nome da via em que funcionava o antigo senado da câmara, que:

[...] tendo por escrivão o galo-piando e como porteiro o mulato velho fanhoso conhecido por Manoel da Espada. Por esse motivo chamavam Domingos da Ladeira ao capitão-mor Domingos José de Araújo Bastos e Luís da Ladeira ao capitão Luiz Inácio Pereira de Abreu, que aí moravam. Tempos houve em que aí foi por muitos anos residir o ouvidor da comarca Joaquim Bernardino de Sena Ribeiro da Costa" (Coruja, 1983, p.113).

Por esse motivo, a população passou a chamar a Rua da Ladeira de Rua do Ouvidor. Após o cruzamento com a Rua da Praia, em direção ao rio, essa via recebia o nome de Becco do João Inácio Teixeira, também conhecido como Beco da Garapa, devido à existência de um armazém que comercializava garapas. Atualmente, esta rua é denominada Rua General Câmara, em homenagem ao General Antônio Corrêa Câmara, segundo Visconde de Pelotas.



A Travessa ou Becco do Poço, atualmente conhecida como Rua General Paranhos, e a Avenida Borges de Medeiros têm uma história marcada por profundas transformações em sua configuração espacial. De acordo com Coruja (1983, p. 117), “[...] raríssimas eram as casas e de fraca aparência, em uma das quais morava Pedro Penacheiro, que saudava os transeuntes com as barretadas de ‘Meu Sinhozinho’.” Em 1871, uma resolução da Câmara Municipal renomeou o Becco do Poço como Rua General Paranhos, embora a população porto-alegrense continuasse a referir-se a essa via pelo antigo nome, reforçando uma denominação popular e espontânea. A antiga Rua General Paranhos também foi um lugar onde ocorreram conflitos e crimes, conforme notícias de jornais da época. Em 1894, já existiam projetos de alargamento desta rua, que só foram concretizados após uma série de desapropriações e demolições.

O Plano Geral dos Melhoramentos, elaborado em 1914 por João Moreira Maciel, destacou a intenção de ampliar e urbanizar a rua que hoje é a Avenida Borges de Medeiros. Durante a administração do Intendente Otávio Rocha, houve um investimento significativo na execução dessas obras, que resultaram na desapropriação e demolição de mais de 81 prédios entre as ruas Riachuelo e Coronel Genuíno para viabilizar a construção da avenida. Sob a administração do Intendente Major Alberto Bins, em 1935, a avenida foi finalmente concluída, incluindo a abertura do trecho entre a Rua dos Andradas e a Praça Montevideu.

A Avenida Borges de Medeiros, junto com a Rua dos Andradas, forma a chamada “Esquina Democrática”, um espaço icônico de Porto Alegre. Este local é conhecido por concentrar manifestações artísticas e culturais, além de ser um ponto cívico e simbólico da cidade, local onde ocorreram importantes manifestações políticas.

A Rua de Bragança, atualmente conhecida como Rua Marechal Floriano Peixoto, recebeu sua denominação inicial no contexto do processo de urbanização da cidade de Porto Alegre. O nome original sugere uma homenagem à dinastia portuguesa. A história dessa denominação difere do padrão espontâneo que caracterizou as primeiras toponímias das ruas da cidade. Desde o início do século XIX, há registros de melhorias nesta via. Sérgio da Costa Franco descreve a Rua de Bragança como parte do percurso tradi-

cional das procissões que saíam da Matriz, passando pela Rua da Igreja (atual Rua Duque de Caxias), descendo pela Rua de Bragança até a Rua da Praia e seguindo em direção à Rua do Arroio (atual Rua General Bento Martins). Em 1870, uma nova resolução da Câmara de Vereadores renomeou a Rua de Bragança para Rua do General Silva Tavares, em homenagem ao Barão de Cerro Alegre, João Nunes da Silva Tavares, que atuou na Guerra dos Farrapos em defesa dos imperialistas. Posteriormente, em 1893, o intendente Alfredo Azevedo alterou novamente o nome da via, que passou a se chamar Rua Marechal Floriano Peixoto, em homenagem ao militar que participou de diversos conflitos e batalhas da Guerra do Paraguai e que foi o primeiro vice-presidente e o segundo presidente do Brasil durante o período conhecido como República da Espada.

Em meados do século XIX, a Rua da Bandeira, posteriormente conhecida como Rua Vigário José Inácio, situava-se nas imediações das últimas ruas do tecido urbano da cidade de Porto Alegre, em direção aos seus arrabaldes. Durante esse período, a rua era essencialmente ocupada, com poucas moradias, e seu nome original, “Rua da Bandeira”, referia-se a um morador que residia na esquina do Caminho Novo (atual Rua Voluntários da Pátria). Em 1816, com o lançamento da pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre, templo que congregava a comunidade negra, composta por pessoas escravizadas ou forras, a via passou a ser denominada Rua do Rosário. A construção da igreja foi concluída em 1827, e o edifício foi tombado em 1938 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Contudo, devido a conflitos entre a Arquidiocese e o SPHAN, a igreja foi demolida em meados do século XX. Em 1877, a Câmara Municipal alterou o nome da Rua do Rosário para Rua Vigário José Inácio, em homenagem ao Padre José Inácio de Carvalho Freitas, vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, falecido no mesmo ano.

A Rua de Santa Catarina, atualmente conhecida como Rua Doutor Flores, foi descrita pelo cronista Coruja (1983) como uma rua “em que se contavam os moradores por unidades. [...] Esta rua, nesse tempo, era interrompida pela chácara do velho Couto, cuja canzoada, por sua ferocidade, interceptava os transeuntes.” O termo “canzoada” mencionado por Coruja alude a cães ferozes



que zelavam os espaços da referida chácara. Em 1873, a via foi renomeada para Rua Doutor Flores, em homenagem ao médico e político Luiz da Silva Flores, ligado ao Partido Liberal, que residia na mesma rua.

A Praia

A Praia, ou a Rua da Praia, é a via mais antiga da cidade de Porto Alegre e preserva, por meio do seu nome histórico, uma descrição cotidiana que caracterizou os nomes das vias de Porto Alegre no século XIX. Esta nomenclatura, embora hoje não esteja associada a uma praia, reflete a prática espontânea de atribuição de nomes da época, de modo que algumas descrições populares permanecem ao longo do tempo de forma peculiar. A Rua dos Andradas, que reúne a Rua da Praia e a Rua da Graça, esta última referenciada desde o século XIX também como Rua da Praia. Porém, no trecho correspondente à Rua da Graça (Rua da Praia), também não havia uma praia, assim como toda a extensão da Rua dos Andradas hoje (Rua da Praia).

A Rua da Graça, de acordo com o cronista Coruja (1983, p. 98), recebeu um nome “com que o povo não engraçou”, abrangendo o trecho entre a Travessa do Poço (atualmente Avenida Borges de Medeiros) e o Alto da Misericórdia (Praça Dom Feliciano).

A Rua da Praia, descrita por Saint-Hilaire como “atravessada por outras ruas muito mais curtas, traçadas sobre o declive da colina”, faz parte de um conjunto de vias no bairro Centro Histórico de Porto Alegre que foram alargadas e estendidas sobre aterros em direção ao Guaíba ao longo do século XX. Durante este período, também se deu a criação da primeira perimetral da cidade, composta pela Avenida Loureiro da Silva, Avenida Presidente João Goulart, Rua da Conceição, Avenida Mauá – construída junto ao Cais do Porto – e a Avenida Paulo da Gama. Esta última, em particular, percorre parte da antiga área da “Várzea de fora do Portão”, descrita por Sérgio da Costa Franco como uma área alagadiça, onde atualmente se encontra o Parque Farroupilha.

As antigas toponímias como elo entre a história e a cidade contemporânea

O uso dos nomes antigos nas placas das ruas do bairro Centro Histórico de Porto Alegre, juntamente com os nomes atuais, foi uma proposta defendida durante anos pelo arquiteto Nestor Torelly junto ao Conselho do Patrimônio Histórico Cultural de Porto Alegre (COMPAHC). Durante a Semana Estadual do Patrimônio Cultural de 2023, foi realizado na cidade de Porto Alegre um projeto intitulado “Ruas que Não Andei”, cuja proposta foi a realização de uma caminhada guiada pelo Centro Histórico. Ao longo do mês de agosto, as placas das ruas foram adesivadas com as denominações antigas das vias. O projeto, executado pelos arquitetos José Daniel Simões e Lucas Volpato, representou uma ação articulada entre o COMPAHC, a Diretoria de Patrimônio e Memória de Porto Alegre (DPM/SMCEC) e a empresa responsável pela sinalização das placas de rua na cidade. Foram adesivadas placas em 40 cruzamentos de ruas do bairro, e, durante o evento, foram descritas a origem dos nomes e algumas histórias das antigas ruas da cidade.

Os eventos climáticos sofridos pelo estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024 demonstraram que, assim como no tempo de Saint-Hilaire, a Rua dos Andradas ocasionalmente volta a ser uma praia delineada pelas águas do Guaíba. A reflexão apresentada neste estudo permitiu estabelecer conexões entre algumas toponímias antigas e o cotidiano da comunidade da época, assim como com o ambiente natural original da cidade de Porto Alegre e a presença dos povos originários e os povos escravizados no território da cidade.

Referências

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. Antigualhas, Reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1983.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

SAINT-HILAIRE, A. Viagem ao Rio Grande do Sul. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.



Trajetos: Museu do Percurso Negro e outras histórias

Pontos de interesse: O percurso que evoca a presença, a memória, o protagonismo social e cultural dos africanos e descendentes no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre. O percurso em si tem 21 minutos de caminhada, mas recomendo passear e aproveitar cada ponto. A proposta é justamente ampliar um roteiro já conhecido como “Museu do Percurso do Negro”, realizado pela prefeitura de Porto Alegre.

Início: Praça do Tambor.

Fim: Mercado Público de Porto Alegre

Contexto: O percurso convida a seguir por territórios negros, tendo como base o roteiro do Museu do Percurso do Negro de Porto Alegre, projeto que busca visibilizar a comunidade afro-brasileira, a partir da instalação de obras de arte em espaços públicos da cidade e da realização de visitas guiadas por esse roteiro. Realizado a partir de uma pesquisa histórico-cultural sobre o Centro Histórico da cidade o projeto também resultou na publicação de um livro. Sugiro aqui que se siga, para territórios negros próximos desses locais, expandindo a visita até a cidade baixa, como a Ponte de Pedra, o Largo Zumbi dos Palmares e o Quilombo do Areal, incluindo esses locais você fica com 1h10 de caminhada. Nas proximidades há ainda a Praça Garibaldi, que também é um tradicional território negro. Mais informações: <http://museudepercursodonegro-emportoalegre.blogspot.com/>, <https://www.instagram.com/arealbaronesa/>.

Autora: Elisa Algayer Casagrande, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul







Praça do Tambor / Largo da Forca (Praça Brigadeiros Sampaio)

Minha sugestão é você começar com um café da manhã reforçado na Padaria Andradas e partir para a caminhada! A praça que hoje é popularmente chamada de Praça do Tambor, em homenagem ao monumento que recebeu no projeto Museu do Percurso do Negro, já foi o Largo da Forca, de 1830 a 1860, e foi palco de uma série de execuções. Conta-se que foi também um cemitério, talvez por ser uma área um pouco mais afastada do que se chamava de centro, mas ainda próxima. Hoje, ela oficialmente se chama Praça Brigadeiro Sampaio, mas já teve também vários outros nomes. A escultura é o primeiro marco desse roteiro oficial, em amarelo, composto por 12 figuras que repercutem a trajetória de um povo: dor, alegria, luta e perseverança. A obra foi criada pelos artistas Pelópidas Thebano, Marco Antônio dos Santos, Gutê, Adriana Xaplin e Leandro Machado. Mais sobre a praça: <https://litera.mus.br/lendas-urbanas-enforcamentos-em-porto-alegre-o-largo-da-forca/>

Igreja Nossa Senhora das Dores

Em 1807, a igreja começou a ser construída quando as águas do Guaíba ainda encostavam na Rua da Praia, antes dos aterros, e demorou quase 100 anos para ficar pronta. Construída com mão de obra escrava, antigamente em frente à igreja havia um pelourinho. Essa imponente edificação é cercada de histórias e lendas, como a do escravizado que foi culpado pelo roubo de uma das pedras da igreja e acabou morto. Suas últimas palavras teriam sido referentes à finalização da obra:

*Vou morrer porque sou escravo, mas vou morrer inocente.
A prova da minha inocência é que as torres da Igreja das
Dores nunca vão ficar prontas! - Pela injustiça, seu senhor
jamais veria o fim das obras das torres da igreja.*





Rua dos Andradas

Sugiro ao leitor uma caminhada lenta pela Rua dos Andradas, para apreciar seus prédios históricos, como a Casa de Cultura Mário Quintana e outros locais, além dos diversos sebos e bares, que convidam à boemia. Se tiver tempo e vontade, recomendo sempre subir e conhecer alguns locais da Casa de Cultura, como o café do piso mais alto e o jardim. A região como um todo é muito convidativa para um passeio. Observe as árvores, a mistura de arquiteturas de diferentes tempos, a sobreposição de tempos em um mesmo lugar, as igrejas e a rua, ainda feita de paralelepípedos. Na esquina logo antes de cruzar para a praça, olhe à esquerda, ali fica o Jornal Correio do Povo.

Praça da Alfândega

A praça seria um roteiro por si só. Originalmente conhecida como Largo da Quitanda, a praça, que surgiu no fim do século XVIII, antigamente era um largo aberto, com pouca vegetação e bancos, forma pela qual Jean-Baptiste Debret a representou – dizem que a partir de desenhos de um pupilo. Como era um local de entrada na cidade, a partir da água, construiu-se ali um paredão e uma escadaria, dando acesso ao rio. Desde 1955, a praça é palco da Feira do Livro de Porto Alegre, evento que em 2024 tem sua 70ª edição, e também é um centro de referência dos museus da cidade, uma vez que nela ficam o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul e o Farol Santander.

Esquina democrática

A Esquina do Zaire ou Esquina Democrática é um dos principais pontos de reunião popular da cidade, formada pelo cruzamento da Rua da Praia e da Avenida Borges de Medeiros, o local tem uma importante função social e já foi palco de inúmeras manifestações políticas e culturais. A partir dos anos 70, o espaço foi firmado no imaginário popular, recebendo o nome atual na década de 80. Devido à sua importância histórica, a esquina foi reconhecida como patrimônio histórico da cidade em 1997. A partir de 1982, o local também começou a ser chamado de Esquina do Zaire, em homenagem à seleção africana do Zaire, como verificou o pesquisador Yosvaldir Bittencourt. O local também possui, nas suas ruas laterais, vários bares que são frequentados pela população local. A Avenida Borges de Medeiros recebe, todos os anos, a Descida da Borges, tradicional desfile das escolas de samba da cidade como a abertura do carnaval.

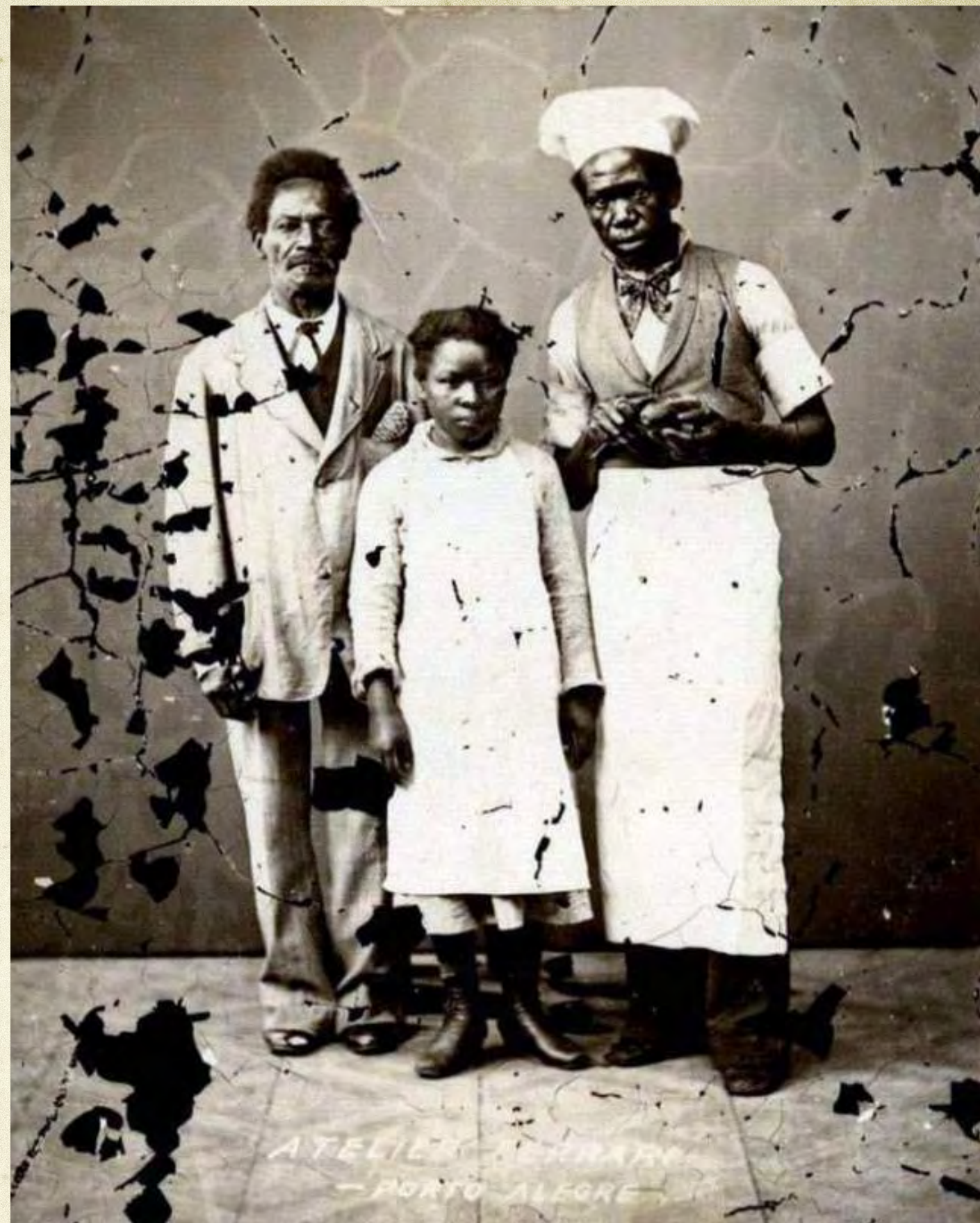
Mercado Público, Paço Municipal e Largo Glênio Peres

Inaugurado em 1869, o Mercado Público já era local de comércio na rua antes de sua construção. É o mais antigo do Brasil e tem mais de cem estabelecimentos. Teve uma remodelação que foi finalizada em 1997, passou por seu quarto incêndio em 2013 e pelas enchentes de 1941 e 2024, além de outras inundações menores. Composto por bancas de todo tipo, com floras, lojas e bancas de alimentação, incluindo a banca 40 e sua tradicional salada de frutas com sorvete, restaurantes e área de lazer, em seu centro há um monumento e um assentamento de Bará. O assentamento divide opiniões sobre sua forma e origem, e sugiro assistir ao documentário A Tradição do Bará do Mercado para entender sua importância para a cidade de Porto Alegre. Patrimônio histórico-cultural da cidade desde 2020, ele fica num cruzeiro, no meio do mercado, local de movimento e troca, e recebe todos os dias homenagens, saudações, balas de mel e moedas dos que passam por ali. Mais de 700 pessoas passam todos os dias no Mercado Público de Porto Alegre. Aproveite a região, entre no Paço Municipal, agora chamado de Pinacoteca Aldo Locateli, ande pelo Largo Glênio Peres e pare na banca de frutas, que já foi um trapiche, onde chegavam mercadorias e onde também trabalhava a população negra.

No momento desta escrita, a cidade de Porto Alegre está em processo de limpeza da maior parte de suas ruas atingidas por uma das maiores enchentes de sua história, com o Guaíba retornando para o nível abaixo da cota de inundação no Cais Mauá depois de quase 30 dias. Ainda há zonas da cidade com inundação e alagamentos, como os bairros Sarandi e Humaitá. Nos locais que citei neste roteiro, a água baixou e, em sua maioria, já foi drenada. Restam agora as marcas do atingimento da enchente. Nas fotos abaixo, a marca do nível atingido pelas águas no Mercado Público, a água baixando na Casa de Cultura Mário Quintana, localizada na Rua dos Andradas, mostrando a marca de quando estava ainda alta, e a inundação ainda na Praça da Alfândega.













Trajetos: Da Praça da Matriz até os Altos da Praia

Pontos de interesse: A Praça da Matriz no centro do Bairro Centro Histórico da cidade de Porto Alegre/RS

Início: A Rua Duque de Caxias, na parte alta do centro da cidade

Fim: Praça Marechal Deodoro

Contexto: A Praça da Matriz foi o lugar de fundação oficial da cidade de Porto Alegre, no Alto da Praia, por meio de uma provisão régia que criou a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais em 26 de março de 1772. A praça configura-se como um lugar central da cidade. A Praça da Matriz apresenta a centralidade da cidade, nos termos de Kevin Lynch (1999), que diz que a zona do centro está cheia de aspectos marcantes com os quais as pessoas criam uma forte ligação a um passado histórico ou a experiências anteriores. Quanto à centralidade simbólica, a praça abriga a Catedral Metropolitana (religiosidade), o Palácio Piratini (executivo), a Assembleia Legislativa (legislativo), o Palácio da Justiça (judiciário) e o Theatro São Pedro (culturalidade). Ao longo do tempo, o espaço da praça serviu de palco para diversas práticas urbanas e formas de sociabilidades. Desde sempre, a praça ocupa o lugar de palco de resistência, tanto na Legalidade em defesa da posse de João Goulart em 1961 quanto, hoje em dia, como espaço para protestos e reivindicações de organizações de classes sindicais. Ver mais em: <https://medium.com/livrodoetnografo/reconstru%C3%A7%C3%A3o-em-360-da-pra%C3%A7a-da-matriz-5582ed640fae>

Autor: Felipe da Silva Rodrigues, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Os nomes da Praça

No topo do Alto da Praia, a Praça da Matriz já teve muitos nomes ao longo do tempo. O mais famoso e duradouro faz menção à antiga Igreja da Matriz, erguida na praça a partir de 1779 e demolida entre 1920 e 1929 para dar lugar à nova Catedral Metropolitana, que perdura até hoje, bem como a alcunha de Praça da Matriz. Nos primeiros mapas sobre o povoado, a praça aparecia com o nome de Praça do Novo Lugar, quando da transferência da capitania de Viamão para Porto Alegre. Também foi conhecida como Praça do Palácio da Presidência, por ali, desde sempre, estar a sede do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, outrora no Palácio de Barro, de 1789 até 1896, e agora no Palácio Piratini, desde 1921.

Depois, a praça foi denominada Praça Dom Pedro II em 1858, por conta da visita do Imperador à capital da província. Visita que culminou com a instalação de um chafariz no centro da praça, em homenagem ao Imperador, com estátuas de mármore que personificavam os rios que formam a Bacia do Guaíba: Jacuí, Caí, Gravataí, Taquari e Sinos. Pois, do alto da praça, era possível ver a "mão" e controlar a navegação no Guaíba e nos seus afluentes.

Por fim, em 1889, um decreto municipal alterou o nome para Praça Marechal Deodoro, que conserva até hoje, em referência ao primeiro Presidente do Brasil, o Marechal Deodoro da Fonseca, após a proclamação da República. A mudança do sistema de governo, do Império para a República, também pode ser percebida na praça, pois houve a substituição do chafariz, em homenagem à visita do Imperador, pelo monumento a Júlio de Castilhos em 1910. Enquanto o chafariz fazia alusão à paisagem hídrica que constitui a cidade, o monumento referencia as questões políticas: a República, a Liberdade, a Paz e a Fraternidade.

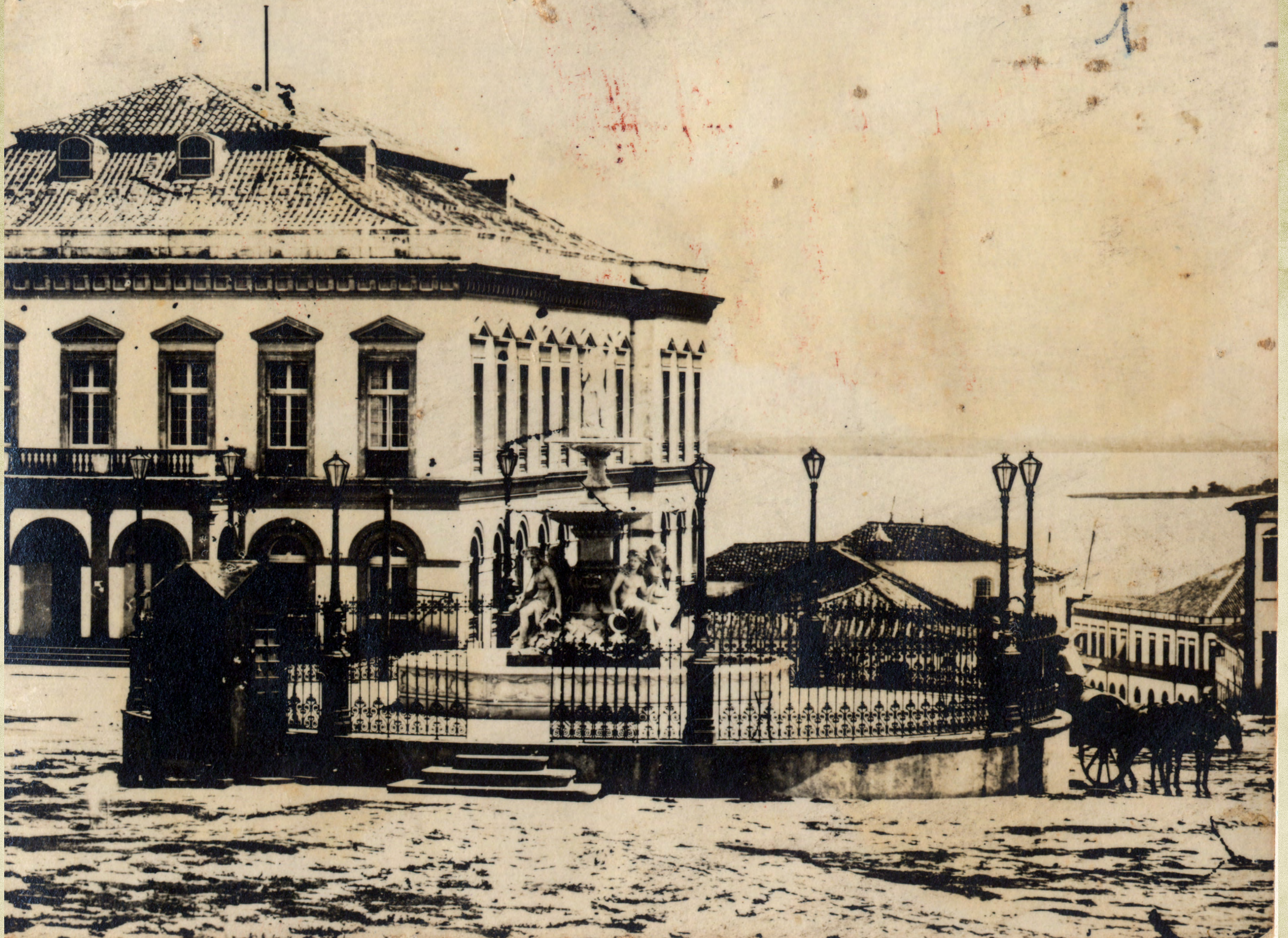
Ao se visitar a Praça da Matriz, hoje em dia, apesar de todas as memórias da cidade que ecoam ali, nos deparamos com um panorama bem distinto do lugar da fundação da cidade de Porto Alegre. É possível perceber diversas transformações ao longo do tempo. Algumas edificações foram substituídas: a Igreja da Matriz, o Palácio de Barro e o chafariz. Novos elementos surgiram: a Assembleia Legislativa, a arborização da praça, asfalto. E alguns foram suprimidos da praça, como a bailante e a concha acústica do Araújo Vianna. Porém, alguns elementos se mantiveram quase da mesma maneira, como o Theatro São Pedro.

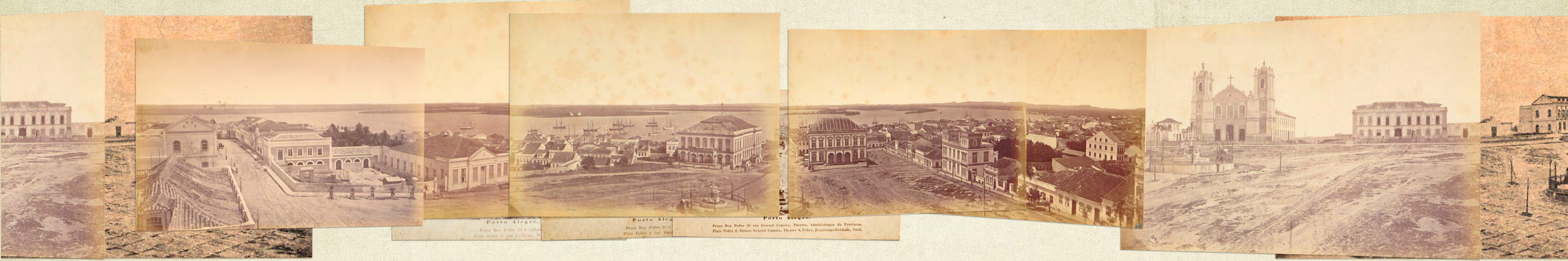
E tem um elemento natural que se manteve, mesmo não estando mais visível na paisagem observada a partir da praça: o Guaíba. A sua invisibilidade contradiz a própria fundação de Porto Alegre, que se estabelece como sede, vinda de Viamão, no Alto da Praia, para que se pudesse controlar a bacia do Guaíba e seus afluentes. Aliás, Alto da Praia, o primeiro de todos os nomes dados ao lugar onde se encontra a praça, faz referência às águas do Guaíba que se encontravam aos pés do morro onde se deu a fundação da cidade. Hoje não se vê mais o rio, a "praia" dá nome a uma rua que passa ali. A cidade cresceu em volta da praça, ilhando-a. Porém, vez ou outra a água volta, como em 1941 e 2024, e se faz presente para além das memórias da cidade.











Porto Alegre.
Praça Dos Pedro 20 e 21
Praça Pedro 2 and 3
Praça Dos Pedro 20 em General Câmara, Teatro, Administração da Prefeitura,
Praça Pedro 2, Museu General Câmara, Teatro S. Pedro, Regimento de Artilharia, S. Pedro.





Trajetos: Passos aquarelados pela cidade

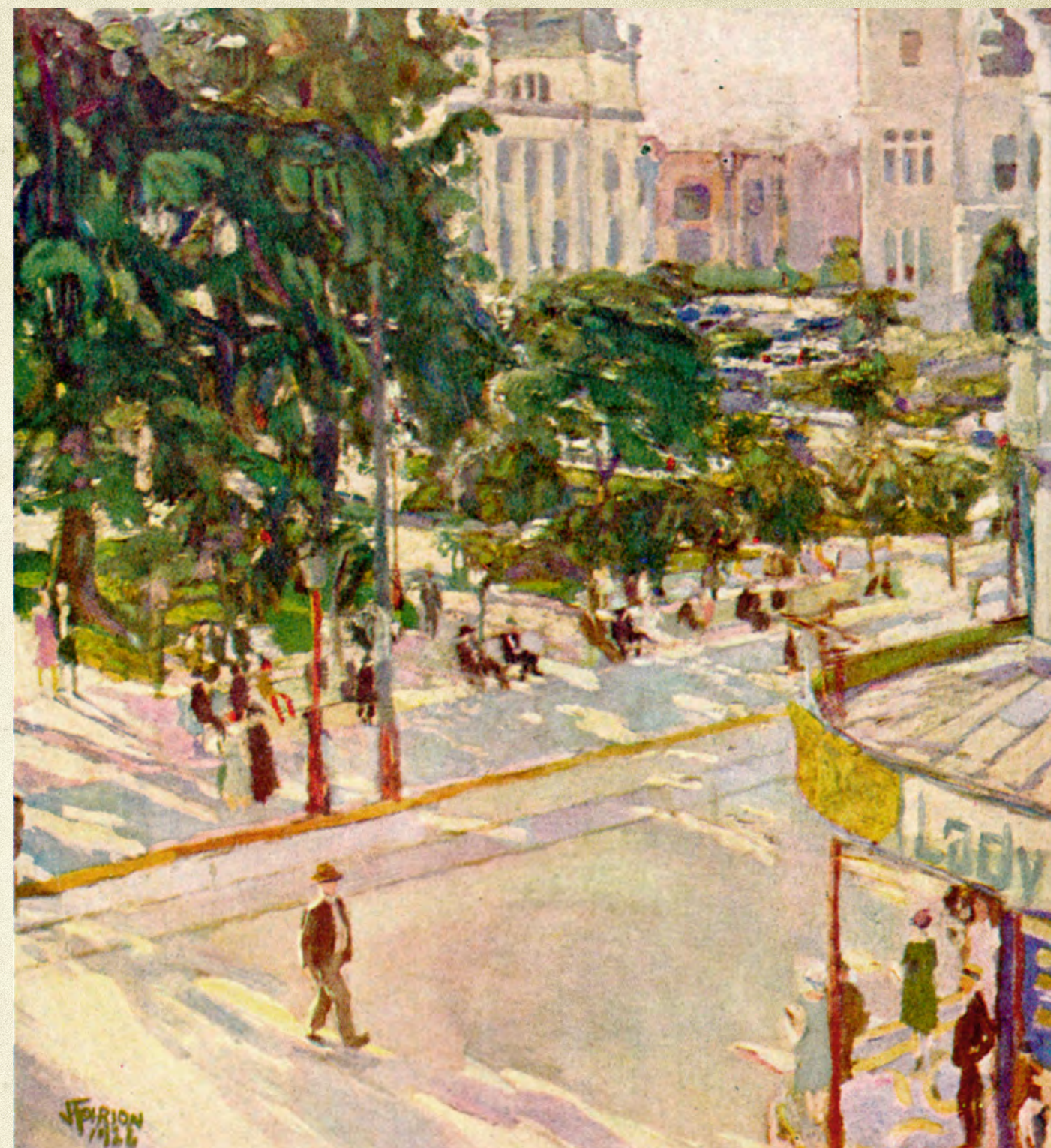
Pontos de interesse: Centro Histórico de Porto Alegre, Praça da Alfândega, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, Farol Santander, Clube do Comércio, Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Casa de Cultura Mário Quintana, Museu do Exército, Praça do Tambor, Museu do Trabalho, Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Praça da Matriz e arredores, Biblioteca Pública do Estado, Mercado Público, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

Início: Praça da Alfândega, Centro Histórico de Porto Alegre.

Fim: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS, Rua. Sr. dos Passos, 248 no Centro Histórico de Porto Alegre.

Contexto: Praça da Alfândega, visitando as Instituições de Memória do perímetro (Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, Farol Santander), continuando em direção o encontro das ruas Caldas Júnior e Andradas (e, se o leitor escolher por um breve desvio, seguindo o andar na rua pelo Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Casa de Cultura Mário Quintana, Museu do Exército, Praça do Tambor, Museu do Trabalho). No início da Caldas Júnior, a vista dos jardins do Arquivo Público, subindo então a R. Riachuelo em direção a Praça da Matriz e arredores, após, descendo a R. General Câmara (Biblioteca Pública do Estado, Sebos, Livrarias) até se encontrar novamente no ponto de partida. Segue-se então, em vias de finalização, em direção ao Mercado e ao Terminal Parobé.

Autora: Laura Aggens Schmidt, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Sonhe em aquarelas e caminhe descalço pelas memórias de uma cidade. O percurso que proponho é breve, talvez, no sentido de que pouco deve demorar se marcá-lo no tempo de um relógio. Já o fiz incansáveis vezes e confesso inclusive que devo-o ter começado como muitos, perdida, mas apressada, presa nas tarefas e prazos da rotina, dos passos que são contados pelos ponteiros do relógio...

É por isso que desenho este caminho de forma curta: afinal, pouco permite a rotina os minutos de contemplação, de repouso... de olhar cuidadosamente ao que há ao redor de nossos passos. O convite para um caminhar descalço não deve ser tomado literalmente, por favor! Escrevo rápido, mas sem esquecer que o descuido aqui não cabe. O convite é para descalçar estes sapatos que nos prendem ao presente e deixar levar, mesmo que a breves minutos, o pisar em camadas mais distantes, pelas ruas de Porto Alegre.

O início deste trajeto é inspirado por uma aquarela de João Fahrion, que traz uma cena do cotidiano nas ruas que dão acesso à Praça da Alfândega, no Centro Histórico. É por ela que começamos. Escolha qualquer uma: Siqueira Campos, Sete de Setembro, a Caldas Júnior... a Rua dos Andradas, que um dia já foi Rua da Praia. Afinal, existe jeito errado de entrar em uma praça?

Algo, bem, até um pouco inconveniente, por vezes, da aquarela é que seus pigmentos moldam-se à água. Desmancham-se. Borram. Renascem. Daqui a pouco, sorratamente, um lindo amarelo ressurgiu de seu esconderijo, abre caminho entre as gotas molhadas... fica, por enquanto. Caminhar despreziosamente é um pouco assim: quais dos meus passos encontram uma pedra, uma esquina, uma casa... direto do passado?

Lembro-me, acredito que de forma um pouco querida, de crônicas lidas da cidade. Palavras que não são minhas, um tempo que não é meu. Os lugares, bem... estes também não foram. Mas há, de certa forma, um vento que as carrega, em memória. Será que já vivi tanto tempo para falar sobre como mudou o tempo ao meu redor? Talvez não. Mas vi as marcas de águas mais altas que eu surgirem nos prédios, a rua virar rio, lama, esgoto... e rua outra vez. Há, se não, no final destes meses, o que persiste. Mas forma-se um cenário um pouco engraçado, também: vegetações que antes verdes, agora já mortas; ruas e fachadas

abandonadas, vazias de onde conheci apenas uma cacofonia esbravejante, outras distopias que seguem quase intocáveis... caso não houvesse visto imagens. Mas será que vi, mesmo? Há ainda os prédios que recebem roupa nova, pintura, reformas, como se fossem apagar os vestígios que existem à sua volta.

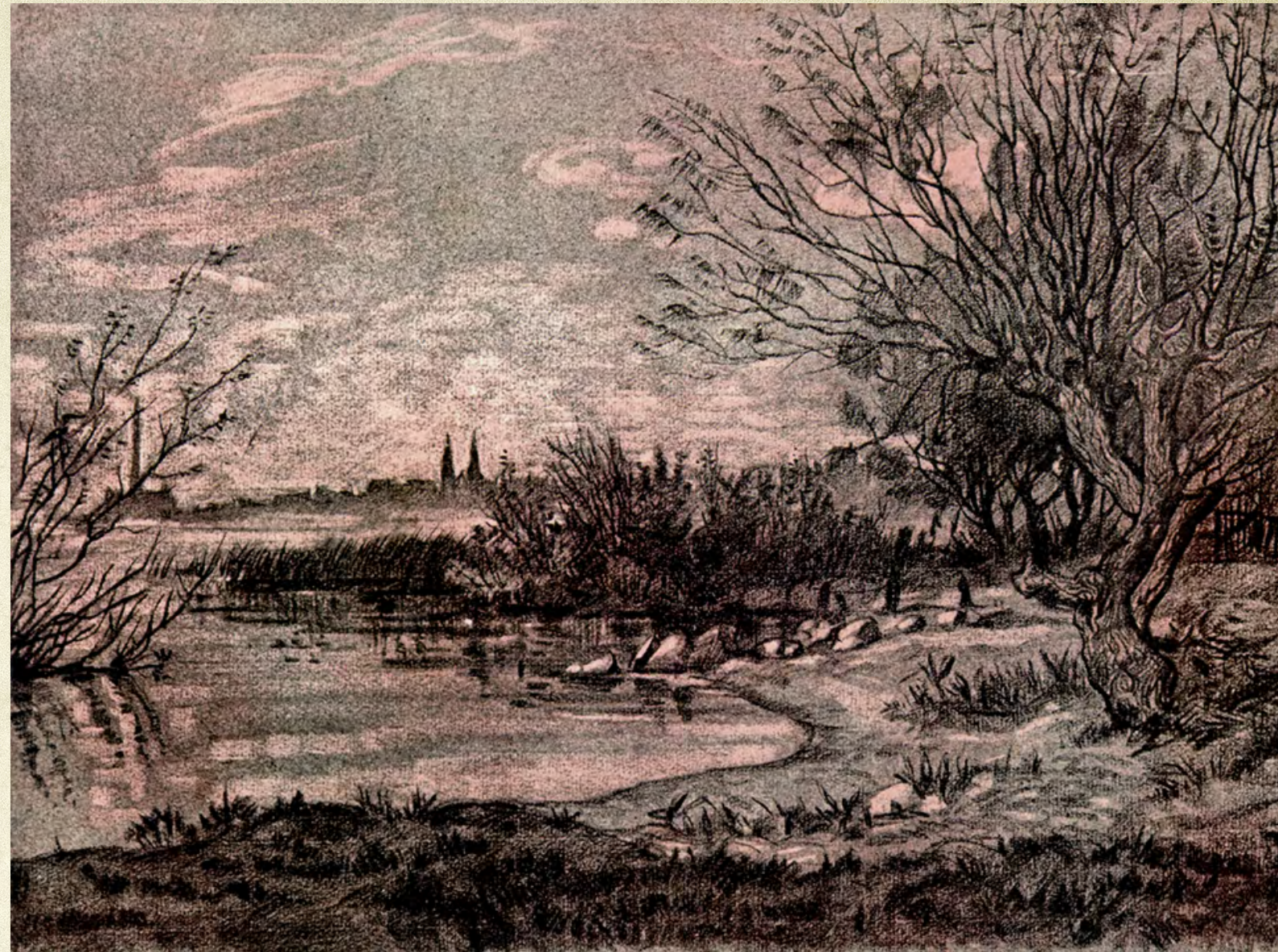
Mas voltemos aos museus novamente: já falei que este era um texto sobre memória? Em uma conversa num Uber, uma vez, surgiu a pauta: ela gostava de museus, mas achava que Porto Alegre tinha poucos... passei então a recitar os mais famosos que me lembrava, lista formando, quase roteiro turístico - se estes abriam após horário comercial e são acessíveis é inteiramente outra coisa, e foi dessa que seguiu aquela conversa. Mas a verdade é que, deixando de lado a lista dos mais conhecidos e da especificidade da denominação "Museu", são tantas as camadas de memória na cidade que seria até mesmo inconsistente não vê-los quase a cada esquina, no próprio bairro que ficou histórico.

É completamente possível, também, que este seja um caso apenas meu: afinal, quem estuda a memória, tempo, cidade... há de vê-las em todos os cantos. Mas se fores na Praça da Alfândega, por exemplo, poderia muito bem iniciar um percurso por alguns cinco ou seis museus e arquivos, andando apenas umas, duas ou três quadras para cada lado. Nem isso! Começamos na praça mesmo, com o Museu de Arte e o Museu Antropológico. Ainda, o Farol que já foi banco. Se tiver sorte, percursos de história passam pela Pegada Africana. Há o Clube do Comércio que, apesar de parecer apenas um restaurante, é um pouco interessante para quem já folheou revistas em que ali era onde as coisas aconteciam. Atravesse a esquina, e lá na Andradas está o Museu de Comunicação. Subindo a rua, o Arquivo Público do Estado... você já viu aquele jardim?

Mas volte duas casas. Isso não lembra aqueles jogos de tabuleiro? Aqui, no caso, são outras ruas. Na General Câmara, no outro lado da praça, vivem ainda os pequenos sebos que guardam tesouros. Vire à esquerda, siga mais os livros na Riachuelo... cafés, relógios antigos ou espadas. Se bem que para a biblioteca no encontro de esquina entre as duas, descem as palavras e as páginas em outubro, vive então a praça nova vida: e quem não vive com uma feira do livro?

Se quiseres, caro leitor, feche o circuito... ou ande mais um pouco. Foi apenas recentemente que descobri que, no monumento na Matriz, alguns dos bichos são cachorros, veja bem! O quanto anda uma memória? Tropeça, pula... Se esse é um passeio que pode ser feito, que existe em um só tempo ou se junta a uma colcha de retalhos, guardados e vividos, é você que me diga. Certo dia, não faz tempo, "achei" com uma grande amiga alguns murais pela cidade. E lá se vai outra viagem, aos escultores camuflados que aqui fizeram passagem. Outra, me apontou um prediozinho, muito arrumadinho, em uma saída: "aquele, diz, era o primeiro hotelzinho da cidade". Vibram astramas da memória por ritmos coloridos.

Já eu, sigo caminho, me despedindo no mercado. Sinto que cumpro a promessa de um breve trajeto, mas para quem os olhos chamarem, é subindo a Marechal Floriano, até a Av. Otávio Rocha, dobrando à direita na Rua Sr. dos Passos, no número 240, que se encontram as outras aquarelas, onde alguns dos artistas que aqui apenas brevemente pincelaram, já passaram. Se delas gostou, é possível que lá encontre mais, não apenas da cidade, mas de seus próprios passos.







1939. ALEGN





Trajetos: Borges de Medeiros, Paço dos Açorianos a Ponte de Pedra

Pontos de interesse: Fragmento de diário de campo que apresenta las primeras observaciones de una aprendiz de etnógrafa sobre las interacciones cotidianas de las personas que viven y trabajan en una calle del centro de Porto Alegre.

Início: Av. Borges de Medeiros, centro, terminal de ônibus.

Fim: Ponte de Pedra, 1ª Perimetral.

Contexto: O centro da cidade de Porto Alegre é um imenso museu arquitetônico a céu aberto. Os diferentes estilos concentram-se sobretudo no centro da cidade, registrando nos prédios as influências que marcaram épocas na capital. Assim, caminhando pelas estreitas ruas do centro histórico, podem ser vistos prédios com características barrocas - como a Casa da Junta - dividindo espaço com a arquitetura moderna do Palácio Farroupilha - local onde hoje se reúne a Assembléia Legislativa do Estado.

Autora: Ana Cecilia Silva, CONICET, Argentina





FOTO UBATUBA

Son las 9 y media de la mañana y salgo a la calle desde el edificio en el que estoy parando, cerca del centro; "perto de todo" me dicen acá. El día está apenas tibio, hará unos 18 grados y un viento intermitente trae y lleva sonidos y olores. [...]

Voy caminando por la calle Cel. Genuíno hacia la avenida Borges de Medeiros, para tomar el colectivo que me llevará al campus de la Universidad. La vereda está ocupada por andamios, bolsas de material y "medias sombras" que cuelgan del frente del edificio. Están haciendo arreglos en la fachada, y los golpes y martillazos de los albañiles trabajando se suman al paisaje sonoro de esa esquina: ruido de motores, vehículos en marcha, alguna bocina, voces que se acercan y se alejan, de vez en cuando un grito de los obreros, también ruidos de obra más lejanos que vienen de algún otro edificio del otro lado de la avenida. La experiencia también es olfativa: bocanadas de un olor acre y complejo, mezcla de orines de antigüedad variable que a su vez le dan cierta viscosidad a las veredas, grasa de motores, combustible y basura alternan con el perfume de árboles y plantas y el olor a comida que emerge de bares y puestos "al paso".

La plaza de enfrente está parcialmente oculta detrás de un cerco de vehículos. En esta esquina he observado que paran varios fleteros, con sus camionetas, vehículos utilitarios con sus carteles de madera, pintados a mano, ofreciendo servicio de traslados y mudanzas; otros dicen solamente "frete". Detrás de ellos asoma la vegetación frondosa de la plaza, las hamacas y juegos para niños, de madera, pintados de colores brillantes.

Del otro lado de la plaza se encuentra la parada de taxis, una construcción de madera con techo "a dos aguas" junto a la cual se puede ver la hilera de autos pintados de su característico color naranja. Algunos choferes conversan de pie en la vereda, toman mate, mientras esperan a los pasajeros. A esta hora ya no está la mujer joven que desde algunas noches he notado que duerme regularmente en la plaza, con un perrito negro, en un colchón y cubierta con mantas de los pies a la cabeza. He leído, en un trabajo de la Universidad sobre esta misma esquina, que se referían a esta plaza como territorio "de nadie". Parece que esta mujer y

otros dos hombres que también suelen dormir ahí son esos "nadies" que efectúan a diario, cada noche, el gesto de ocupación y apropiación de ese espacio público que les ha sido sustraído estructuralmente, expulsando a los otros/as (¿los "alguien?") que los esquivan, cruzan de calle, desvían la mirada entre el miedo y la indiferencia. Tensiones invisibilizadas por la luz de la mañana, de la que se han ido la mujer y el perrito negro y su colchón y sus mantas.

De este lado de la vereda y de mis preguntas, junto al edificio, hay una peluquería y "salón de belleza". Es un local pequeño, con una vidriera en la que se exhiben productos de cosmética y carteles con fotografías de mujeres bellas en los que figura la lista de servicios que se ofrecen. En la vereda, junto a una gran mace-ta de material, hay un banco "de plaza", ubicado de espaldas a la calle y mirando hacia la fachada del local. El banco es de madera, con pies de hierro forjado. Hoy hay dos mujeres sentadas, ambas rondando los 40 años. Una de ellas parece ser empleada de la peluquería; lleva un delantal encima de la ropa, pantalones de jean y bastante "bijouterie". Ha sacado los pies de sus ojotas, que quedaron en el suelo. Estira sus piernas y mueve los pies con movimientos relajatorios, mientras conversa con la otra mujer. La puerta de la peluquería-salón está abierta, y puede verse en su interior a otras mujeres, unas cuatro o cinco, clientas y empleadas, en un clima de distensión. Ninguna parece apurada. Una señora de unos 60 años, con tinte en el cabello, lee el diario de espaldas a la puerta. Reparo en que ese banco en la vereda oficia de espacio de encuentro y sociabilidad femenina, una suerte de apropiación del espacio público como extensión del negocio.

Hago unos pasos más en la misma cuadra y entro ahora en "territorio" masculino: un bar con mesas en la vereda, mesas y sillas de plástico, de un color amarillo estridente, donde suelo ver un grupo de hombres sentados, en diferentes horarios. Las caras cambian pero la escena es la misma: tienen sus "chops" de cerveza en la mesa, conversan, las sillas ligeramente orientadas hacia la calle, miran a los que pasan y si es una mujer joven seguro comentan algo. Hoy, a esta hora, hay sólo un hombre, flaco, canoso y con ropa de trabajo, que toma una gaseosa. Se ha colocado mirando

hacia a la calle y observa a las personas que pasan, entre ellas yo. Nuestros ojos se cruzan por unos instantes, parece perdido en sus pensamientos.

En seguida noto que otro punto de encuentro y reunión de varones está funcionando en ese mismo momento al lado, en un garage-lavadero de autos. Un grupo de hombres de distintas edades está conversando de pie en la entrada del establecimiento. Más atrás, otro hombre mayor de edad, de pelo blanco, muy delgado y con la piel curtida, cuya cabeza está coronada por una gorra deportiva de colores fuertes los observa de pie con un ejemplar del diario Zero Hora abierto en sus manos. A su lado veo dos sillas de plástico, éstas de color blanco, con almohadones, que han sido colocadas en la vereda de cara a la calle y parecen cumplir una función semejante a la del banco de plaza de la peluquería.

Llegando a la esquina, un edificio con el frente cubierto de rejas y al lado, la sede de una Universidad privada que no tiene rejas pero sí un guardia de seguridad con uniforme y cara de pocos amigos. Doblando apenas, el otro acceso al lavadero y un puesto callejero de comida "rápida" (panchos, pasteles fritos) que ya está en plena actividad y completa el abanico de actividades comerciales y de servicios que se despliega en la cuadra (al que se suma, los fines de semana, la venta de antigüedades y objetos usados en la plaza).

Justo en la esquina, la garita que marca la parada de colectivos con su circulación de personas que esperan, estudiantes con sus mochilas con el logo de la UFRGS, una mujer apurada que lleva de la mano a una nena de unos diez años íntegramente vestida de rosa. Apenas termino de acomodarme en la cola cuando veo aparecer "mi" ómnibus entre el flujo ininterrumpido de vehículos que emerge, en dirección al centro, desde lo alto del viaducto que eleva la avenida Borges de Medeiros por encima del lago de los Açorianos.















Trajetos: Caminhos dos sebos e antiquários

Pontos de interesse: Arquitetura colonial, antiquários e sebos. Percurso urbano descrito para o portal da VII Reunião de Antropologia MERCOSUL/RAM, realizada em Porto Alegre, em 2007. A duração do percurso durou 2h, uma caminhada longa com subidas leves.

Início: Centro de Porto Alegre, desde a Rua dos Andradas (antiga Rua da Praia).

Fim: Rua Marechal Floriano, limites do Centro com Cidade Baixa.

Contexto: O projeto Caminho dos Antiquários é parte do Viva o Centro, um dos 21 programas estratégicos do governo. Com o objetivo de revitalizar a área central, o espaço que abriga lojas de antiguidades foi transformado em uma grande feira a céu aberto. A Rua Marechal Floriano, entre a Fernando Machado e a Demétrio Ribeiro, é fechada e as lojas colocam seus materiais na rua. O Caminho termina na Praça Daltro Filho, onde a Feira de Antiguidades foi ampliada, recebendo mais de 20 expositores de toda a cidade. O investimento da Prefeitura nesse projeto pretende estimular e desenvolver o turismo e o comércio local, levando a população de volta ao bairro que deu origem a Porto Alegre.

Autora: Anelise Gutterres, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Todos os sábados estão reunidas aos antiquários diferentes atrações culturais. A música, o teatro e a cultura local ajudam a contar a história da cidade, tornando o passeio uma festa para toda a família.

Em primeiro lugar, pegue qualquer ônibus ou lotação que leve ao Centro da cidade. Peça orientações e chegue à Rua dos Andradas, antiga Rua da Praia. Caminhe até encontrar a Praça da Alfândega, antiga Praça Senador Florêncio. Pergunte pela Rua da Ladeira, ou a atual General Câmara, tome fôlego e comece a subida. Repare na loja Talismã de Cristal, com maravilhosas pedras e esculturas provenientes do interior do estado. Nessa rua há uma série de sebos: Beco dos Livros, Estação Cultura e a Livraria Nova Roma (na qual o congressista obtém 20% de desconto apresentando sua credencial).

Chegando à Rua Riachuelo, não deixe de apreciar a Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul e, seguindo em frente, você encontrará mais sebos! O Beco dos Livros, Martins Livreiro, Livraria Mosaico, Editora Vozes (só livros novos), Livraria Província e outro Beco dos Livros. Atravesse a Avenida Borges de Medeiros e continue andando pela Riachuelo. Teremos a Livraria Fortunato e Cia., o maravilhoso restaurante Atelier das Massas com sua recheada carta de vinhos e, um pouco adiante, novamente temos outro Beco dos Livros e a Livraria Província.

Volte um pouco e suba a Rua Marechal Floriano Peixoto. Nela, você encontrará a Stoned Discos (com discos raros e importados), a Boca do Disco e a muito antiga Livraria Aurora. Dobre à direita na Rua Duque de Caxias e siga até encontrar o viaduto da Borges. Dê uma espiada em todas as direções, tente ver o cais do porto, repare no estilo arquitetônico dos prédios ao redor e atravesse a Duque. Na outra margem, podemos enxergar a Avenida Praia de Belas e um pouco do morro da TV. Aviste o Hotel Everest e desça pela escadaria ao seu lado, não deixando de admirar o belo trabalho feito no viaduto e a vista que se tem da Borges e da parte interna do viaduto.

Ao final da escadaria, você se deparará com a Rua do Arvoredo, ou melhor, com a atual Rua Coronel Fernando Machado. Dobre à esquerda e comece a se deliciar com a maior concentração de antiquários da cidade: Porto dos Casais – Galeria de Arte e Antiquário, Riboli Antiquidades, Ricordo Antiquidades, Antiquidades Cottage e Horizonte da Luz. Dobre para baixo na Rua Marechal Floriano Peixoto e teremos mais lojas de antiguidades: Túnel do Tempo Antiquidades, AG Antiquidades, Ricordo Antiquidades, Mercado Negro Antiquidades, Cogito Antiquidades, Antiques Antiquidades, San Telmo Antiquário, Nando Giuliato Antiquário e Moita Antiquário. Siga pela Rua Coronel Genuíno e atravesse a Avenida Borges de Medeiros. Dali, você já avistará a antiga Ponte de Pedra. Não perca o pôr do sol.







Trajetos: As escadarias da 24 de maio, um lugar para se conhecer

Pontos de interesse: Percurso a escadaria da 24, localizada entre as ruas Duque de Caxias, na parte alta do centro da cidade, e a rua Desembargador André da Rocha, na parte baixa adjacente, ao sul.

Início: A Rua Duque de Caxias, na parte alta do centro da cidade.

Fim: A rua Desembargador André da Rocha Duração: 2h, caminhada longa com subidas leves.

Contexto: Na cidade de Porto Alegre, quem faz o trajeto centro-imediações, por morar, trabalhar, fazer compras, estudar ou utilizar os serviços desta região, talvez já tenha tomado como atalho um trecho da Rua 24 de Maio, cujos degraus ligam os bairros Cidade Baixa e Centro. É a escadaria da 24, localizada entre as ruas Duque de Caxias, na parte alta do Centro da cidade, e a Rua Desembargador André da Rocha, na parte baixa adjacente, ao sul.

Autora: Luciana de Mello, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Na virada do século XIX para o XX, esta rua apresentava somente uma casa assobradada; todo o mais eram sobrados. Vale destacar que a casa assobradada, construída acima do porão, longe da terra e da umidade, era sinal de maior prosperidade burguesa e índice de status, e era encontrada em quantidade significativa nas ruas Independência, Duque de Caxias e Riachuelo, em fins do século XIX.

Neste lugar, os degraus substituíram o asfalto, em virtude da inclinação do terreno, permitindo somente o transitar de pedestres, sem nenhum acesso de veículos. Todas as construções são antigas, porém de épocas diferentes, a mais recente com aproximadamente 30 anos.

Ao subir ou descer pela escadaria, observa-se uma configuração diferente da paisagem em relação a outros espaços de áreas circunvizinhas ao local. Tem-se a impressão de que está se adentrando, e não simplesmente acessando uma rua qualquer. As áreas edificadas coincidem com as áreas dos lotes, um ao lado do outro, causando a sensação de estar passando por um túnel, pois a escadaria acaba sendo cercada pelas paredes de concreto dos prédios, quase todos edifícios com mais de um andar, em um trecho onde só passam pedestres.

Assentados sobre o antigo parcelamento de solo de Porto Alegre, com lotes estreitos e profundos, os edifícios residenciais não possuem recuos laterais ou frontais, consequentemente nem salão de festas e pracinhas. Isso tanto aproxima mais a casa da rua, como possibilita que a escadaria seja espaço de sociabilidade entre vizinhos e/ou passantes.

A escadaria possui um fluxo de pedestres que a utiliza nos deslocamentos cujo itinerário compreende o centro da cidade e a região de entorno, principalmente os bairros Cidade Baixa, Bom Fim ou Santana, localizados ao sul – “atrás” – da parte alta do centro de Porto Alegre.

Pensando as diferenças entre um encontro etnográfico na escadaria e outro em um bairro de altas camadas sociais, em Porto Alegre, poderia uma conversa com o pesquisador, iniciada na rua, ultrapassar com a mesma velocidade as fronteiras do portão central do prédio? Ou se restringiria à pracinha, ao jardim, em um banco, sob os olhos do porteiro, em espaços coletivos internos do condomínio? No caso da Escadaria da Rua 24 de Maio, a espacialidade viabiliza a troca social entre moradores, de diferentes prédios e da redondeza, e passantes rotineiros.

Atualmente ocorre uma significativa alteração no espaço da escadaria. É a reforma em andamento – remodelação dos degraus e corrimão, e consequentemente estrutura e estética. Tal obra se insere no projeto Revitalização do Centro, da Prefeitura Municipal, e conforme observações colhidas em campo, tanto não agrada aos moradores, que alegam estar descaracterizando o lugar, como agrada àqueles que esperam soluções do poder público em relação à segurança.









Trajetos: Vem comigo caminhar pela república!

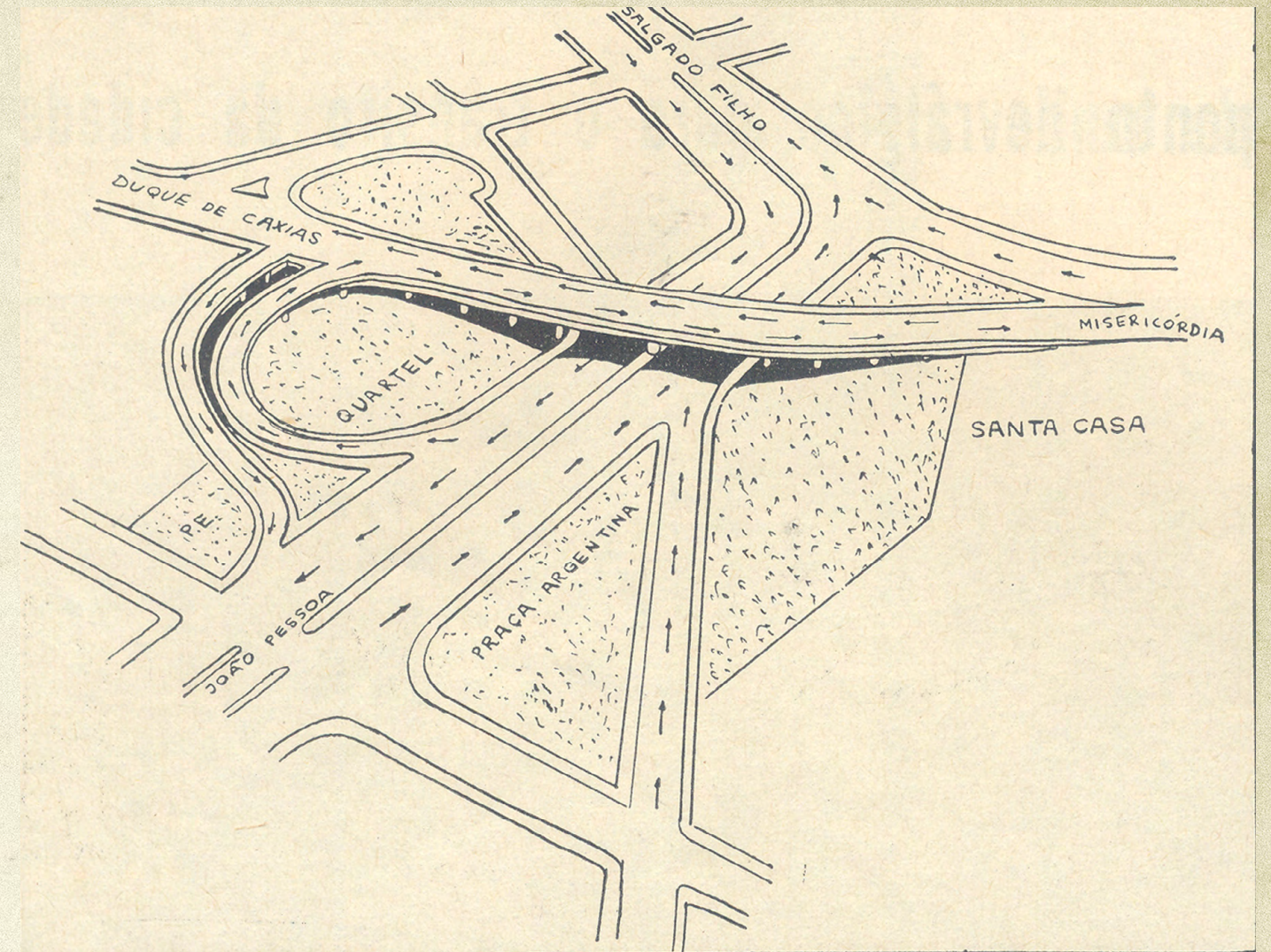
Pontos de interesse: Percurso pela rua da República, uma rua cheia de história, cultura e vida, com seus prédios históricos, pontos tradicionais e até mesmo podemos observar as mudanças que estão ocorrendo. A diversidade arquitetônica e cultural é fascinante.

Início: A Rua Praia de Belas.

Fim: A Rua João Pessoa.

Contexto: Situada no bairro Cidade Baixa, esta é uma rua para ir e vir. Uma rua para se conhecer com todos os sentidos. Olhar para cima e para baixo. Caminhar do início ao fim, e voltar. Ver os movimentos e públicos da manhã, tarde e noite. Ouvir os sons. Uma rua para viver, para experimentar por todo um dia.

Autora: Alexandre Magalhães e Silva, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Minha sugestão é iniciar a caminhada na Rua Praia de Belas, bem na altura da Praça Cônego Marcelino. Comece a caminhada pela manhã, veja o lindo santuário de Santo Antônio do Pão dos Pobres e entre, vale a visita ao interior da nave católica. Seguindo em direção ao Parque Farroupilha, vamos cruzar pela Rua João Alfredo (monarquista e abolicionista), chamada antigamente de "rua da margem". Nesta primeira quadra da Rua da República (dos números 21 até o 87), há um lindo casarão de 1919 que abriga a coordenação de música do município e onde acontecem os ensaios da banda municipal de Porto Alegre. Seguindo na mesma calçada, há o Teatro Túlio Piva (nome em homenagem ao músico gaúcho), totalmente reformado; a nova arquitetura contrasta com o casarão dos músicos.

Passamos pela primeira escola da rua e seguimos para atravessar a Avenida José do Patrocínio (afrodescendente farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político). Ao esperar o sinal para atravessar, deve-se olhar para cima... dois impressionantes prédios altos, um art déco e outro dos anos 1970. Monumentos arquitetônicos atestando os avanços dos tempos. E estes avanços não param de alterar a paisagem do bairro Cidade Baixa, nesta primeira quadra muitos tapumes negros informam que logo cinco novas torres serão inauguradas.

Ao atravessar a Avenida José do Patrocínio, no térreo do prédio art déco, está a sorveteria JOIA, tradicional ponto do bairro que produz sorvetes desde 1978. Passando por alguns bares, vamos encontrar o café DOCES DE PELOTAS, a JÁ PESCA e o PINA-COTECA, um café com deliciosos doces produzidos na cidade de Pelotas, um bar com comida japonesa com nome de uma tradicional peixaria do Mercado Público e um bar noturno muito bem frequentado por intelectuais da esquerda e estudantes de artes visuais. Do outro lado da rua, num casarão, está o CAFÉ DA REPÚBLICA, mas ainda não vamos parar para tomar um café. Seguimos agora olhando para o chão, pois a partir deste trecho a rua não é asfaltada e vemos os irregulares paralelepípedos, suas tonalidades e formas diversas deixando a paisagem mais acolhedora. Nas

calçadas, em alguns trechos, ainda podemos identificar o calçamento de pedras portuguesas rosas e pretas formando desenhos.

Seguimos pela alameda, olhando para frente, vemos o túnel de jacarandás que nos levará ao Parque da Redenção. Mas, seguindo pela República e antes de mirar a Redenção, novos cenários pelo caminho.

Chegamos na esquina da Rua Lima e Silva, nos quatro cantos bares (Baurú, Padoca, Pinguim e Tabacaria). Um deles, o Padoca (hoje Speed), é um prédio baixo, açoriano, totalmente colorido por grafites e pichações. Nesta quadra vamos observar um conjunto de casas, algumas geminadas, antes de moradia e agora todos bares; neste horário da manhã, estão fechados. Os detalhes da arquitetura dos anos 1920, 1950 e 1960 deixam a paisagem harmoniosa e viva. Na esquina com a Rua Sofia Veloso (benfeitora da Santa Casa e abolicionista), vale entrar e ver o conjunto de casas preservadas em toda a rua. Mas seguimos pela última quadra da Rua da República e chegaremos ao Café da Esquina, que não fica na esquina. Te convido a sentar, pedir uma taça de café com um quindim ou um sanduíche farroupilha (pão francês com queijo e presunto). Enquanto aguarda, vá até a esquina e, na Banca da República, esta sim na esquina com a Avenida João Pessoa, há 37 anos o local é um tradicional ponto de venda de revistas, jornais, colecionáveis e outros itens, muitos dos quais praticamente não são comercializados em outros pontos de venda na Capital. Compre o jornal do dia e volte para sua mesa antes que o café esfrie.

Do outro lado da rua há a vitrine da Livraria Sapiens. Depois do café, vamos espiar os títulos através da vitrine e entrar, mesmo que não vá comprar nada; sempre rende uma boa conversa com o proprietário. Novamente na calçada, já próximo ao meio-dia, pare e preste atenção no som da rua agora alterado pela algazarra das crianças saindo das duas escolas e três creches existentes no bairro. Embora próximos ao centro da capital, o som é de subúrbio; o som das brincadeiras das crianças anuncia que nos aproximamos da hora do almoço.

Vamos voltar? Lembre-se de que esta é uma rua para ir e vir. Quero te levar para almoçar no Via Imperatore, um restaurante que, no nome, homenageia a rua em que está localizado. Antigamente, esta rua chamava-se Rua do Imperador. O lugar é agradável e, no andar de cima, é possível ficar olhando a rua por cima dos jacarandás que, conforme a época do ano, estarão totalmente coloridos com suas flores lilases. Do antepasto até a última garfada, ficamos ali até a rua silenciar novamente, sinal de que as crianças do turno da tarde já entraram para suas salas de aula. Não coma sobremesa nem tome café. Vou te levar ao Doce de Pelotas, vamos?

É neste zigue-zague percebemos os encantos da rua e seus personagens. Sentamos nas mesas da calçada diante do pequeno café. Chá, café, sucos ou licores e doce (ou doces). Aprecie demoradamente cada pedaço de doce de ovos, tradicionais da região de Pelotas.

A passagem do tempo é percebida pelos personagens que passam pelas calçadas. Sabemos que é terça-feira quando as senhorinhas passam com carrinhos de feira, sabemos que o relógio marca 16h quando os garçons dos bares noturnos começam a espalhar as mesas nas calçadas e os neons começam a acender nas vitrines.

Descendo o crepúsculo, o sol está caindo em direção do Guaíba e, por aqui, esconde-se atrás dos prédios altos. Os postes de iluminação acendem e o público do happy hour começa a se reunir em grupos saindo do trabalho, fazendo na Rua da República uma parada, evitando o trânsito e os ônibus lotados que os levarão para casa depois de uma cerveja gelada com os amigos.

Se tivermos sorte, vamos ouvir um sax tocando, som produzido por um solitário estudante de música, morador do bairro, que espera alguns dinheiros na caixa do instrumento deitada no chão, dados por jovens das mais diferentes tribos que começam a se reunir para a noite deste ir e vir da rua.

Os mais jovens se reúnem nas calçadas para beber, os trabalhadores em bares populares com cerveja barata e casais sentam-se para jantar em qualquer um dos vários restaurantes da rua.

Vem comigo e vamos beber uma cerveja no Tango Uruguai, no nome já uma provocação a qualquer argentino que passe. Aqui, uma cerveja gelada, um "milaneza" para fechar o dia ao som do Barbosa, músico e frequentador do bar, tocando um violão entre conversas sobre os últimos acontecimentos, sobre futebol, política e namoros. Com o avanço das horas, a bebida vai ficando mais forte e já devemos ir para casa.

A rua é a mesma, mas, no ir e vir de todas as tribos, saímos com a sensação de termos atravessado toda uma cidade que convive pacificamente, de forma republicana e democrática.

Este texto foi escrito no final do mês de abril, quando tirei estas fotos. A partir do dia 01 de maio, a paisagem mudou. Nas duas primeiras quadras da Rua da República só era possível transitar com botes infláveis ou barcos. As chuvas associadas à cheia do rio Guaíba deixaram a rua com um metro de água marrom. Os moradores saíram de suas casas para não ficarem ilhados em seus apartamentos; quem morava no térreo perdeu muitos móveis e o silêncio no bairro era assustador, com vento, somente o barulho da água batendo nas paredes dos prédios, bares e livrarias podíamos ouvir. Conforme a tarde caía, o bairro, agora sem luz, ficava abandonado, escuridão total.

Pessoas ficaram sem trabalho, crianças sem escola, alguns bares não puderam abrir e, depois de a água baixar, o lixo se acumulou nas calçadas. Quinze dias sem luz, sem água e com ruas inundadas, metade de um mês abandonados pelo poder público.

Os moradores se reúnem num movimento para auxiliar os comerciantes do bairro; após a faxina, é necessário repor o caixa. As aulas ainda não retornaram, não há algazarra de crianças para marcar o tempo, todos parecem sentir as mudanças do espaço, perdidos ainda se espantam com a altura das marcas que a água deixou nas paredes dos prédios. Sentado no Tango Uruguai, que reabre depois de ter 40 centímetros de água em todo o bar, ouvindo as histórias dos amigos, rabisco os versos abaixo que, quando secar o violão, talvez seja uma milonga:

O homem ria do rio, chamando-o de lago
Um dia veio o rio lhe visitar.
O rio veio avisar
uma, duas, três vezes
que cada um tem seu lugar.

Veio ensinar ao homem,
que o Guaíba é rio, é flexível.
Se curvar é uma sabedoria,
necessária, para quem quer se agigantar.

O homem imaginou
Uma cidade vertical,
Com isso o espaço da mata ocupou
E o clima colapsou,
o desastre foi colossal.

O rio, veio primeiro suave,
como uma mãe chama a atenção.
O rio, veio depois, forte e violento
como castigo e repreensão.

O homem poderoso, do alto,
Viu o rio rasteiro e caudaloso
colorindo a cidade de marrom.
Sobrou a lama,
reclamando por ser porcelana.

Sobrou o artista, sobrevivente.
E sobre viver, tem em mente,
Modelar, remodelar
Mas, agora, sem ter o badalo para o barro martelar.

Está o homem lá no alto
Sem ciência, sem coração.

Está o artista sem seus instrumentos,
para poder compor esta canção.











Trajetos: Passeio no Brique da Redenção, Parque Farroupilha

Pontos de interesse: Colégio Militar, Parque Farroupilha, laguinho e zôo, bar do Lago, brique e mercado das pulgas. Percurso urbano descrito para o portal da VII Reunião de Antropologia MERCOSUL/RAM, realizada em Porto Alegre, em 2007.

Início: Av. Osvaldo Aranha, ao longo da Avenida José Bonifácio.

Fim: Av. Osvaldo Aranha

Contexto: O Brique da Redenção é uma feira tradicional que acontece todos os domingos em toda a extensão da Avenida José Bonifácio, junto ao Parque Farroupilha, em Porto Alegre. Teve início em abril de 1982 e, em 22 de março de 1983, a feira foi oficializada pelo então prefeito Guilherme Socias Villela. Cerca de 300 expositores ali vendem artesanato, antiguidades, artes plásticas e alimentos. Vende-se desde objetos antigos e artesanato regional até artes plásticas. Além disso, tornou-se ponto de encontro da juventude portoalegrense. Fica na Avenida José Bonifácio, dentro do Parque Farroupilha. Funciona todos os domingos, das 10h às 16h. O percurso até lá é curto, mas as atrações são inúmeras; calcule no mínimo 1 hora e meia de caminhada no parque, assistindo aos artistas de rua e visitando as tendas do brique e do mercado das pulgas.

Autora: Ana Luiza Carvalho da Rocha, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Brique da Redenção

Difícil imaginar um porto-alegrense ou turista de passagem pela capital que jamais tenha visitado o Brique da Redenção, eleito o Lugar Nota 10 pelo voto do público. Tradicional ponto de encontro aos domingos, a feira faz parte da rotina da cidade desde 1978, quando foi criada para a venda de objetos antigos. Hoje, a diversidade de produtos oferecidos nas bancas montadas na Avenida José Bonifácio, em frente ao Parque da Redenção, é bastante variada: artesanato, antiguidades, artes plásticas e gastronomia fazem parte do cardápio. Todos os domingos, das 9h às 18h, milhares de pessoas - geralmente de chimarrão em punho - visitam a feira, idealizada por jornalistas e intelectuais inspirados no Mercado de Pulgas de Montevideu e na Feira de San Telmo de Buenos Aires.

O Parque Farroupilha, também conhecido como Parque da Redenção, é o parque mais tradicional e popular de Porto Alegre. Local tradicionalmente visitado pelos porto-alegrenses nas horas de descanso, seja para praticar esportes ou simplesmente tomar um chimarrão com a família. Passear pelos 375,17 metros quadrados do Parque Farroupilha, a maior estrutura do gênero da capital, mescla a beleza dos jardins projetados originalmente pelo urbanista francês Alfred Agache nos anos 30 com a reconstituição histórica da vida na capital a partir de 1807.

Em 1884, a área foi denominada Campos da Redenção, para comemorar a libertação dos escravos em Porto Alegre, a primeira cidade do país a abolir a escravidão. A atual denominação foi conferida em 19 de dezembro de 1935 pelo prefeito Alberto Bins.

O parque, criado na então Província de São Pedro, para acolher a exposição comemorativa ao Centenário da Revolução Farroupilha, conquistou o tombamento pelo patrimônio histórico em 1997. Cortado por um eixo monumental com espelho d'água, tem propostas distintas, como lago com pedalinhas e lugares aprazíveis temáticos, a exemplo do Jardim Japonês e do Recanto Europeu.

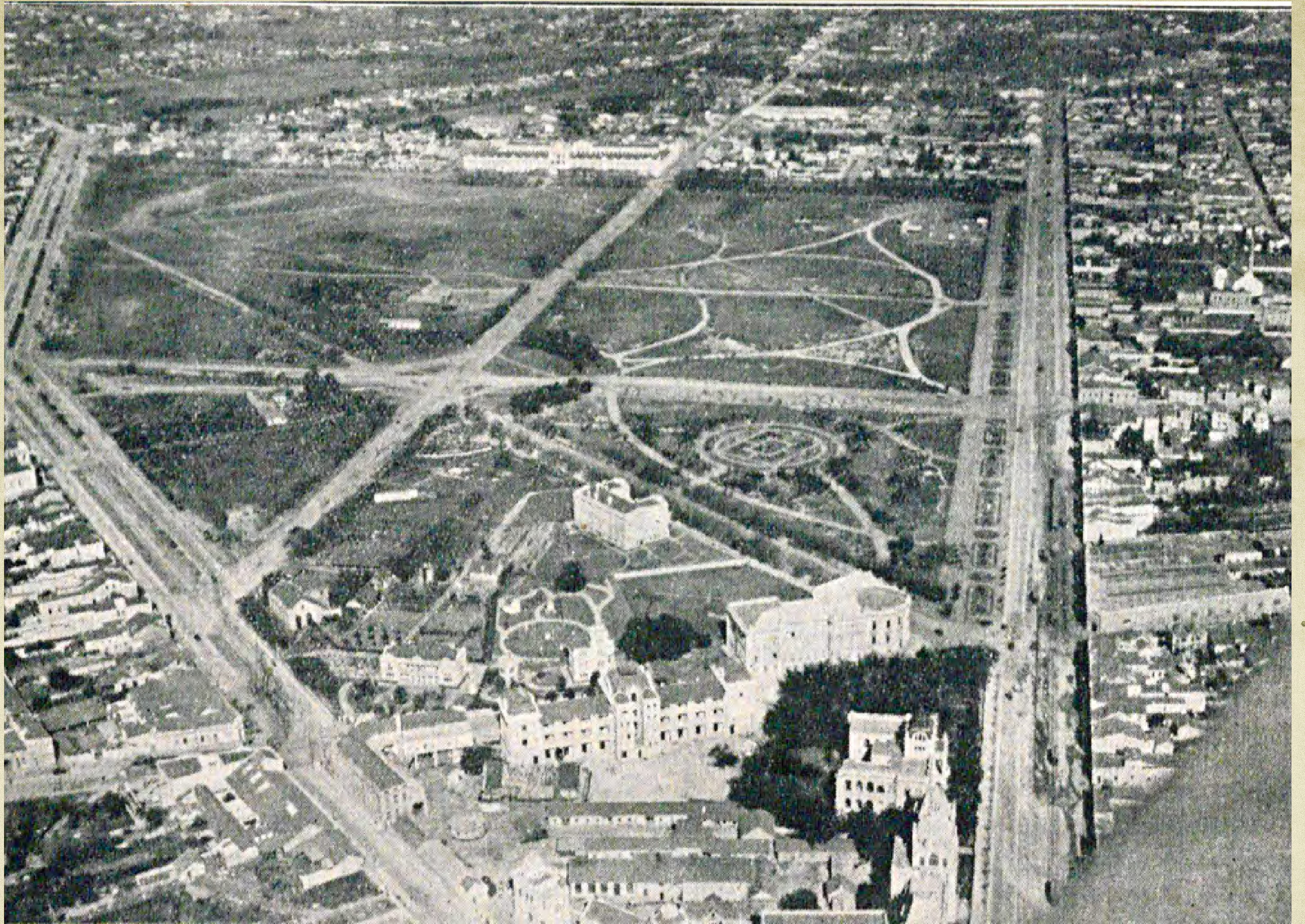
O paisagismo começou na administração do intendente Otávio Rocha. O Jardim Paulo da Gama foi o primeiro do futuro parque. No final da tarde, você pode curtir um bate-papo com os amigos sobre o deque do Café do Lago, que oferece pistas dos motivos que levaram o espaço a ser eleito o Ambiente de Bar Nota 10 pela votação popular e pelo júri. Abraçado por um dos locais mais arborizados da capital, o café valoriza o entorno e o contato com a natureza privilegiada do Parque Farroupilha.

E não é apenas a flora que encanta. Tartarugas e carpas, moradores do lago onde parece flutuar a área externa, frequentemente dão o ar da graça. Além de estimular o contato visual com a natureza do parque, o deque de madeira oferece conforto térmico - destaca o arquiteto César Berttiê, responsável pela ampliação do espaço e pela reforma da estrutura existente, um prédio em estilo art déco construído em 1935.











Trajetos: Ilhota e Areal da Baronesa

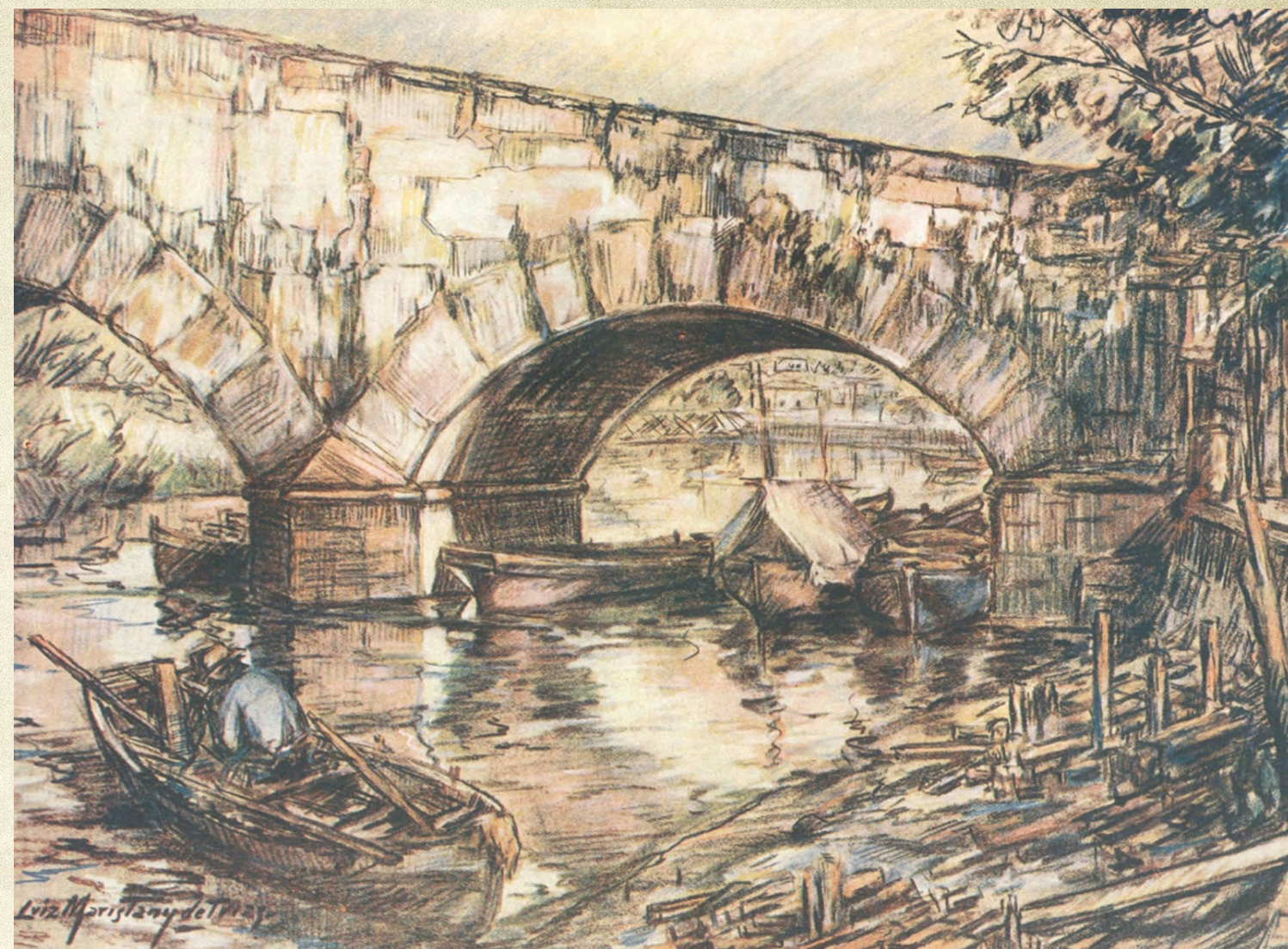
Pontos de interesse: Ponte de Pedra, Arroio Dilúvio, Areal da Baronesa, Praça Garibaldi e Travessa dos Venezianos

Início: Ponte de Pedra

Fim: Travessa dos Venezianos

Contexto: <https://www.instagram.com/arealbaronesa/>

Autora: Elisa Algayer Casagrande, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Ponte de Pedra / Ponte dos Açores

A Ponte de Pedra ou Ponte dos Açorianos foi inaugurada em 1848, sobre o "Riacho", para ligar o "Caminho das Belas" – atualmente a Av. Praia de Belas – à região do centro. O riacho tinha quase 20 km de extensão, nascia em Viamão e era responsável pelas fronteiras da Ilhota. A ponte foi solicitada por Duque de Caxias durante a Guerra dos Farrapos, para substituir a ponte de madeira que havia no local. Um século mais tarde, aconteceu a remodelação do riacho, que hoje é conhecido como Arroio Dilúvio, e a criação da Av. Ipiranga. Um marco da história da cidade e da ocupação da população negra no território urbano. Próximo ao local onde hoje fica o prédio da Zero Hora, o riacho abria em dois braços, formando a Ilhota e continuando na zona dos fundos do Pão dos Pobres, acompanhando a Rua João Alfredo, em paralelo, até cruzar por baixo da Ponte de Pedra e desaguar no Guaíba. Ele era navegável, muito utilizado pela população local do Areal da Baronesa e da Ilhota, para entrega de carvão e outros produtos, e desaguava na Ponta da Cadeia, junto da Usina do Gasômetro.









Arroio Dilúvio

O Arroio Dilúvio foi criado a partir das obras de retificação do riacho, na década de 1940, com a abertura de um canal em linha reta. Essa obra desviou o curso do riacho e tornou a Ponte de Pedra obsoleta. Ele nasce na Lomba do Pinheiro, na Represa da Lomba do Sabão, divisa da cidade de Porto Alegre e Viamão. Sua microbacia tem cerca de 80 km², sendo 19% em Viamão. Sua extensão canalizada tem 12 km e 17 pontes, sendo que a primeira, localizada no bairro Menino Deus, foi construída em 1850. Mais informações: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/dep/default.php?p_secao=71



Quilombo do Areal, o Areal da Baronesa e a Ilhota

O Berço do samba. É assim que o Areal da Baronesa se coloca nos dias de hoje. A comunidade quilombola, que já foi um território negro de grande amplitude, atualmente, depois de remoções e perda de espaços, ocupa uma parte reduzida do que um dia foi o Arraial da Baronesa, renomeado como Areal da Baronesa por causa do seu terreno arenoso. O território histórico fazia fronteira com a Ilhota, sendo que os dois locais eram separados pelo riacho. O Quilombo do Areal tem atividades contínuas de oficinas de percussão e dança, com jovens e crianças da comunidade. Diversos trabalhos e pesquisas foram feitos sobre a comunidade. A Ilhota, imortalizada pela tradição carnavalesca e religiosa na cidade, era circundada pelo riacho (Arroio Dilúvio) e ligada ao entorno através de uma ponte de madeira. Era localizada ao sul da Praça Garibaldi, entre a atual Érico Veríssimo (Rua Arlindo) e Getúlio Vargas (Rua 13 de Maio), com limite sul na Rua 17 de Junho, próxima ao que viria a ser a Avenida Ipiranga, após a canalização do arroio. De lavadeiras à família de Lupicínio Rodrigues, a região era marcada pelo senso de comunidade e apoio mútuo. Os limites do Areal eram: Av. Praia de Belas, Av. Getúlio Vargas (Rua 13 de Maio), Riachinho (Arroio Dilúvio), Rua 28 de Setembro (que viria a se tornar a Avenida Ipiranga) e a Ponte de Pedra. Nessa região, as ruas Barão e Baronesa do Gravataí, Miguel Teixeira, Cel. André Belo, Praça Cônego Marcelino e outras travessas menores. Remanescente da chácara da Baronesa do Gravataí, o lugar registra a presença de moradores negros desde 1870, mesmo antes de seu loteamento ou da abolição (oficial) da escravatura. Carnaval, religiosidade, tradição cultural e passado escravocrata, de um povo que, em época de festividades, andava quilômetros pela cidade levando seu cortejo. Mais informações: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6158> e <https://anpur.org.br/territorios-negros-em-porto-alegre-rs-1800-1970/>

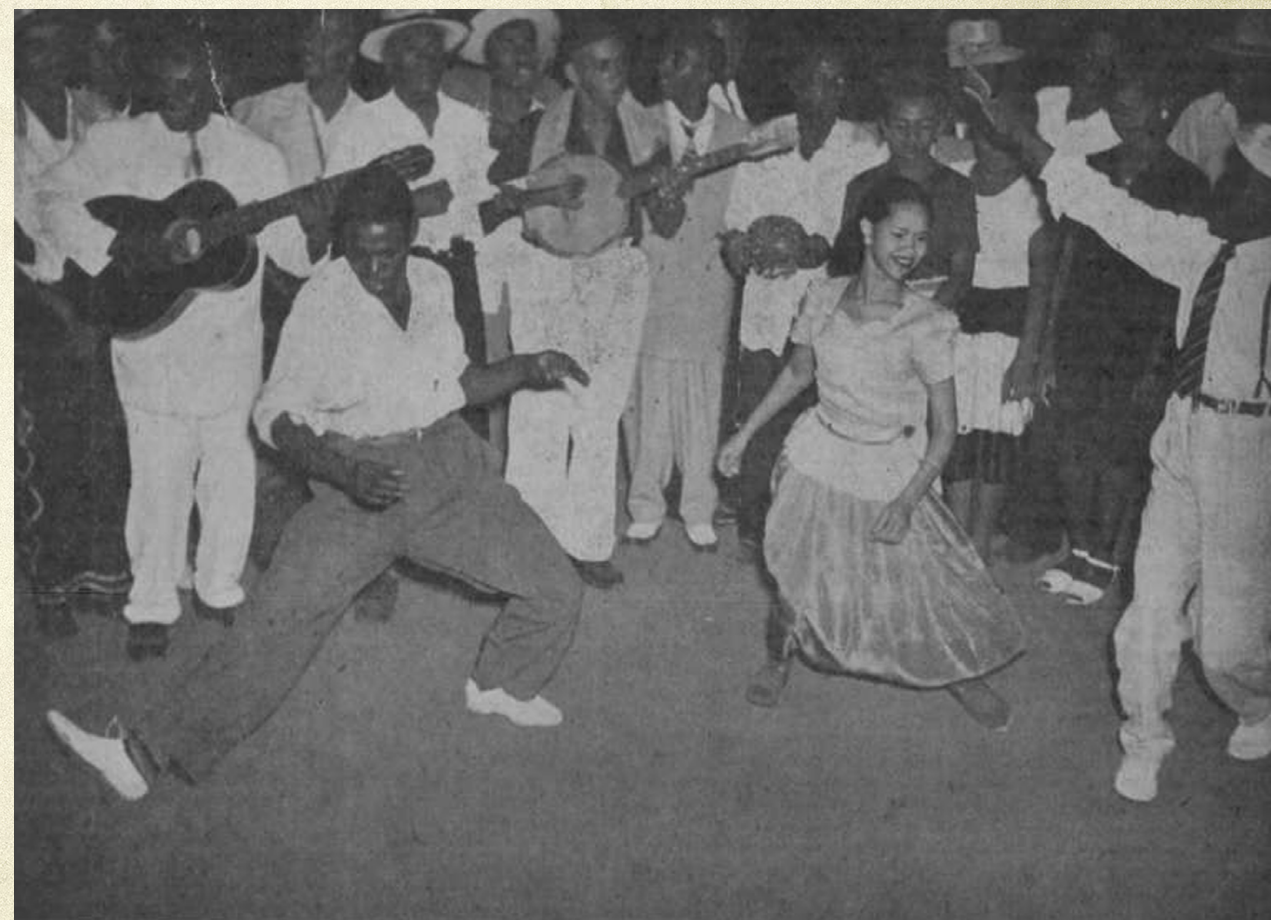






Praça Garibaldi

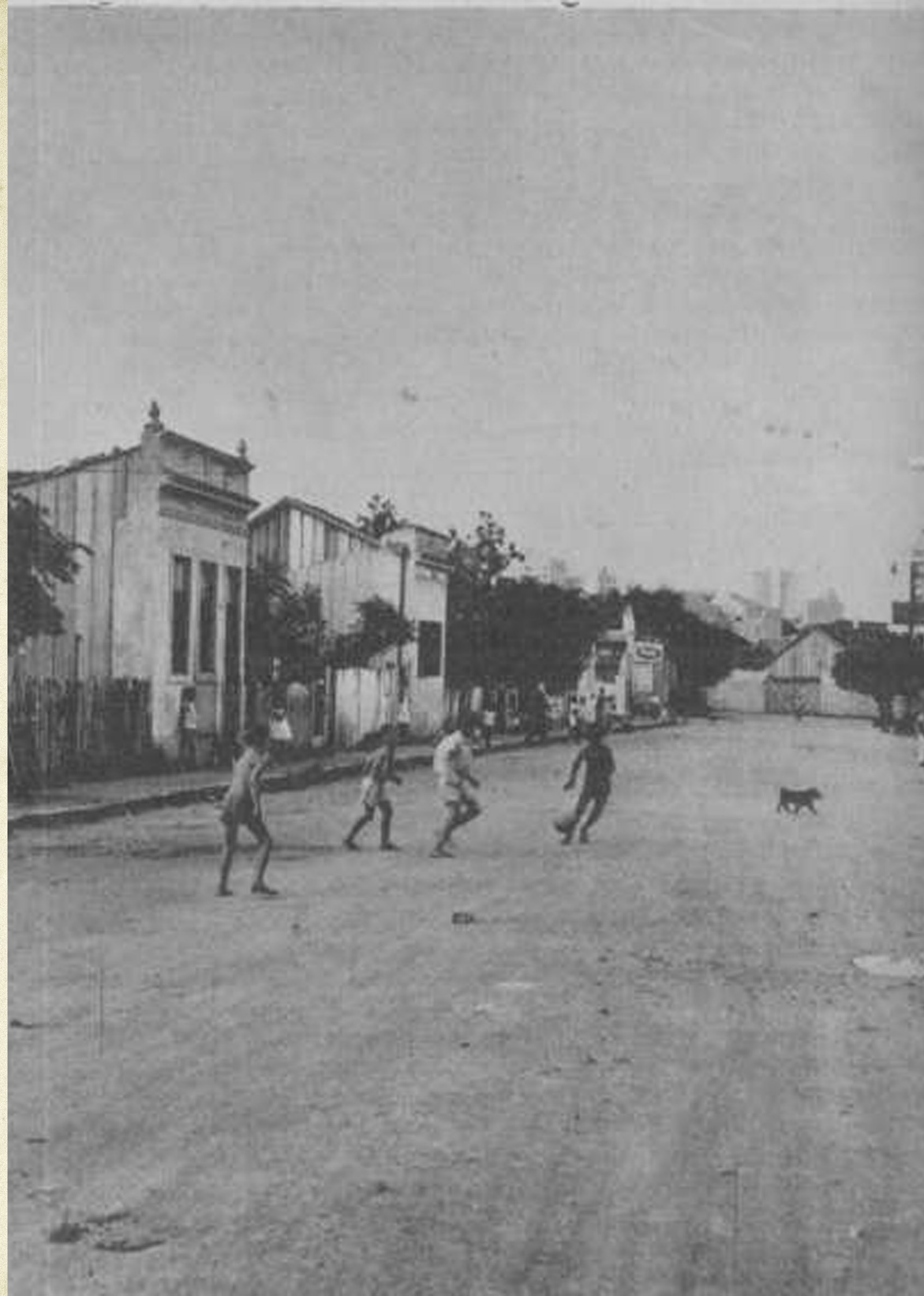
A Praça Garibaldi já foi uma referência dos movimentos carnavalescos da cidade de Porto Alegre. Um local de sociabilidade e deslocamentos do povo que habitava as redondezas. Na sua esquina, está o Bar da Carla, que recebe reuniões do movimento social da população negra, eventos de slam, capoeira e samba. Logo fora da região mais movimentada da Cidade Baixa, está no bairro Menino Deus, limitada pelas ruas Lobo da Costa, José do Patrocínio e as avenidas Érico Veríssimo e Venâncio Aires. A história do local começa em 1873, quando a cidade adquiriu a área do Potreiro da Várzea, quando ela ainda tinha como limite o riacho. Já foi chamada de Praça Concórdia, presente nas crônicas de Felicíssimo de Azevedo, 20 anos antes de aparecer nos mapas, quando foi ajardinada devido ao começo das obras de retificação do Arroio Dilúvio. Seu tamanho foi reduzido durante o Projeto Renascença, que removeu a população da Ilhota e abriu a Avenida Érico Veríssimo.





Travessa dos Venezianos

A Travessa dos Venezianos é um conjunto de 17 casas e fica entre as ruas Joaquim Nabuco e Lopo Gonçalves. Com ares de um outro tempo, ela também é um dos locais mais movimentados da cidade de Porto Alegre à noite. Com casas baixas, geminadas, pé-direito alto, janelas que abrem diretamente para a rua e calçamento irregular, original de 1926, é quase uma viagem no tempo, ou melhor, um portal que une o passado e o presente. Originalmente, era direcionada para moradores de baixa renda, para aluguel. A rua é reconhecida como Patrimônio Histórico da cidade de Porto Alegre desde 1980. A maior parte das casas já não é residencial, são bares, ateliês de artista e a Associação de Artes Plásticas Chico Lisboa. Mais informações: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/historico_travessa_venezianos_1.pdf





Trajetos: As ruas e ruelas do antigo Areal da Baronesa

Pontos de interesse: Museu de Porto Alegre, Travessa dos Açorianos, antiga Rua da Margem. Percurso urbano descrito para o portal da VII Reunião de Antropologia MERCOSUL/RAM, realizada em Porto Alegre, em 2007.

Início: 1ª Perimetral, limites iniciais da Rua João Alfredo.

Fim: Avenida Praia de Belas com Rua da República

Contexto: O bairro Cidade Baixa é um dos bairros centrais e mais antigos da cidade de Porto Alegre. A delimitação atual do bairro abrange as avenidas Praia de Belas, Getúlio Vargas, Venâncio Aires, João Pessoa e parte da Borges de Medeiros. Apesar das propostas de arruamento desde 1856, boa parte da Cidade Baixa permaneceu desabitada por vários anos, principalmente o trecho entre as atuais rua Venâncio Aires e Rua da República. Consistia em um terreno baixo e acidentado, cortado por árvores e capões, que dificultavam o trânsito e facilitavam os esconderijos. O lugar abrigava tanto escravos fugidos quanto bandidos.

Autora: Olavo Marques, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





A implantação das linhas de bonde de tração animal, através do Caminho da Azenha (Av. João Pessoa) e da Rua da Margem (João Alfredo), contribuiu para a urbanização do local. A partir de 1880, novas ruas foram inauguradas, como a Lopo Gonçalves e a Luiz Afonso. A atual rua Joaquim Nabuco também foi oficialmente aberta nessa época, batizada de Rua Venezianos, pois sediava o famoso grupo carnavalesco com o mesmo nome. O carnaval da Cidade Baixa era reconhecido e prestigiado na época, com destaque para os coros que movimentavam as ruas.

Atualmente, o bairro se caracteriza pela grande quantidade de bares e é conhecido por ser lar dos boêmios da cidade, onde pode-se aproveitar a madrugada em todas as noites da semana, principalmente nas ruas General Lima e Silva, República e João Alfredo. Situa-se próximo ao Parque Farroupilha (também conhecido como Redenção), uma das áreas mais arborizadas da capital gaúcha. A proximidade do campus antigo da UFRGS favorece a concentração de universitários, intelectuais e artistas.

Percorre-se, neste trajeto, caminhos de uma região de Porto Alegre antigamente reconhecida como Areal da Baronesa. Região de baixada ou várzea, cercada pelas águas, esta porção da cidade remonta a um bairro popular, negro e boêmio, palco de carnavais de rua. Atualmente, permanece um local boêmio e noturno; entretanto, há um interessante circuito cultural a ser percorrido durante o dia, contando com museus, igrejas, ruas históricas e casarios de porta e janela. É fácil chegar à Cidade Baixa, bairro adjacente ao Campus Central da UFRGS. Como referência, as avenidas João Pessoa e I Perimetral possuem grande circulação de ônibus e lotações, principalmente para quem vem do Centro, da Zona Sul e Zona Leste (região Partenon). Quem vem da Zona Norte pode tomar a linha T7, da Cia. Carris, que segue as ruas Nilo Peçanha e Protásio Alves.

Iniciamos o trajeto na Rua João Alfredo (antiga Rua da Margem). Curva e característica por seu casario assobradado geminado, esta rua seguia o curso do Riachinho, retificado na década de 1950. Siga-a na direção oposta à I Perimetral, até o Museu de Porto Alegre (Joaquim José Felizardo), localizado no nº 582. Obras de referência sobre a história do município fazem parte do Museu,

assim como a fototeca Sioma Breitman - que abriga importantes documentos fotográficos de profissionais porto-alegrenses a partir do século 19 - e a Biblioteca Walter Spalding - que inclui a coleção bibliográfica daquele historiador. Destaque para a arquitetura do prédio, construído em meados do século 19, pelo comerciante Lopo Gonçalves - por isso recebe o nome Solar Lopo Gonçalves. Estes solares eram as luxuosas habitações das chácaras que ocupavam a região antes de seu loteamento, que data de fins do século 19.

Siga pela João Alfredo e dobre à esquerda na Rua Lopo Gonçalves; siga-a por alguns metros e à direita conhecerá a famosa Travessa dos Venezianos, que liga as ruas Lopo Gonçalves e Joaquim Nabuco. Novamente, destaque para as casas geminadas, de "porta e janela" ou "em fita", muitas das quais são tombadas como patrimônio do município. No local, há cafés, ateliês de artistas plásticos e uma casa de religião afro. As casas eram originalmente de aluguel e abrigavam populações pobres e tipos populares, como prostitutas, jornalheiros, pais-de-santo, prestadores de serviço, etc.

Retorne pela Lopo Gonçalves, atravesse a João Alfredo e vire à esquerda na Travessa Pesqueiro. Seguindo-a, atravesse a arborizada Av. Aureliano Figueiredo Pinto e dobre à direita na Rua Barão do Gravataí; vire à esquerda na primeira esquina, na Rua Baronesa do Gravataí. No meio da quadra, à esquerda, encontrará a Av. Luís Guaranha, comunidade remanescente de quilombo, legatária do Areal da Baronesa (antigo território negro de Porto Alegre, descharacterizado ao longo do século 20). O Areal se formou com o loteamento das chácaras da região, entre elas a chácara dos Barões do Gravataí - o que explica os nomes das ruas e mesmo do bairro.

Da mesma forma que a Travessa Pesqueiro, é uma das últimas representantes destas antigas formas características de habitação popular na área (que os antigos moradores denominam avenidas). Destaque para os casarões de esquina, cuja arquitetura se destaca das casas do entorno. Diferentemente da Travessa dos Venezianos, as casas da Luís Guaranha eram de madeira e sucumbiram à ação do tempo, sendo reconstruídas ou demolidas, dando lugar a novas construções.

Retorne até a Baronesa do Gravataí e vire à esquerda, seguindo-a até a Av. Praia de Belas. Vire à direita e adiante encontrará a Fundação Pão dos Pobres, na esquina com a Rua da República, nº 801. Esta antiga fundação inclui trabalhos de assistência social, orfanato, escola, oficinas, etc. Destaque para a arquitetura requintada. Este antigo prédio era moradia da Baronesa do Gravataí e, após sua morte, tornou-se organização social que há mais de um século vem desenvolvendo trabalhos com populações pobres e marginalizadas.











Trajetos: Região da Grande Cruzeiro, em Porto Alegre/RS

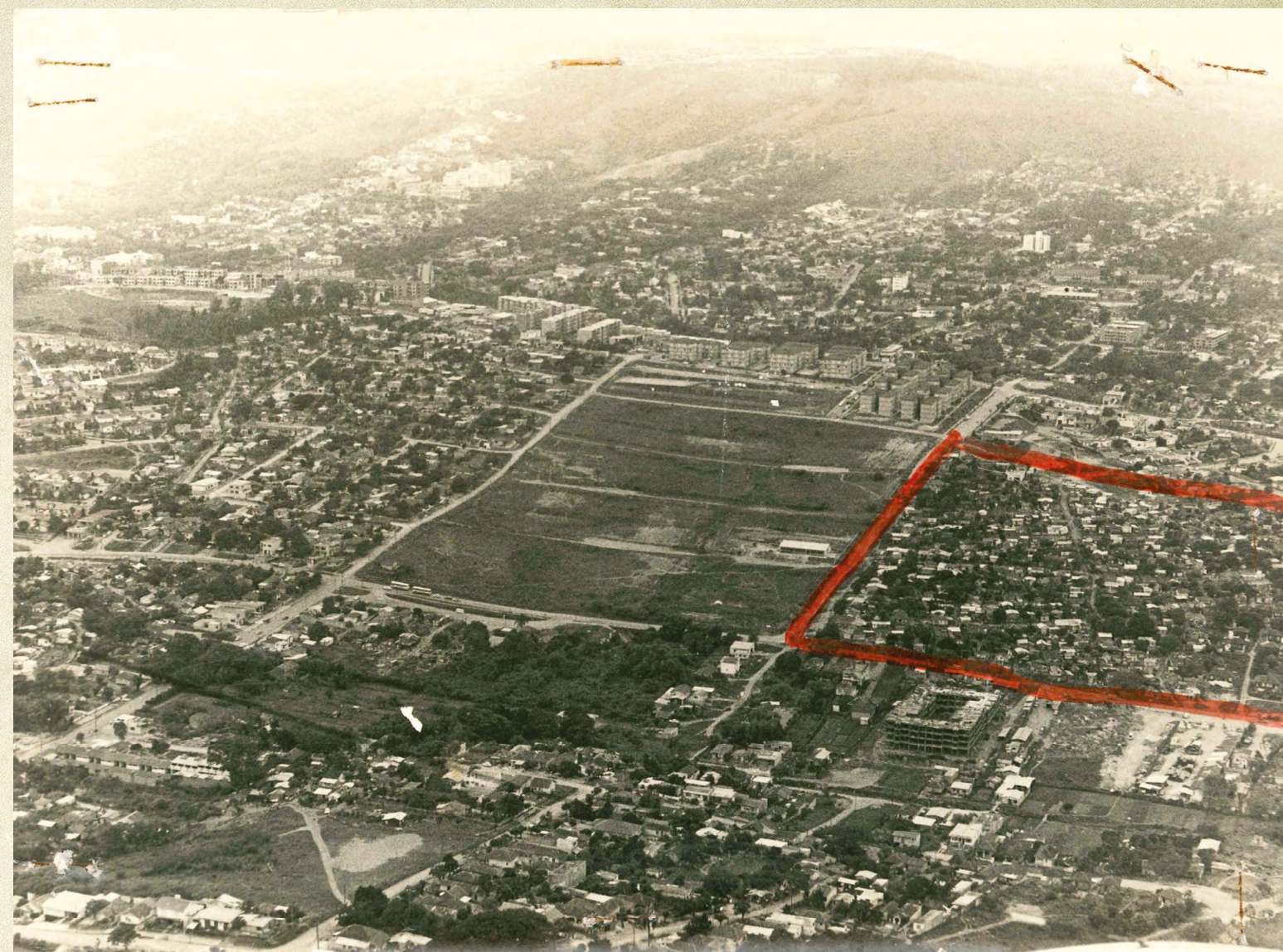
Pontos de interesse: Grande Cruzeiro, em Porto Alegre/RS, caminhadas pelas ruas, pelos becos, travessas e vielas da Grande Cruzeiro costumavam levar de duas a quatro horas, onde era possível olhar e escutar suas histórias de vida, as construções das moradias, a estética da região, percebendo-a como parte integrante da cidade de Porto Alegre.

Início: 2014.

Fim: 2017.

Contexto: A região da Grande Cruzeiro começou a desenvolver-se a partir da segunda metade do século XX, com a chegada de mais ou menos cem famílias, em sua grande maioria vindas de outras localidades da cidade e que foram atraindo outras pessoas, dando início às primeiras ocupações na Região. A Grande Cruzeiro é formada por um conglomerado de 60 vilas e está localizada nas proximidades dos bairros Santa Teresa, Cristal, Medianeira, Tereópólis e Nonoai, distante apenas 6 km do centro da cidade.

Autora: Ana Patrícia Barbosa, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul



A presença dessa região, encravada no meio da cidade de Porto Alegre, cuja dimensão física impressiona, pois ocupa uma área de mais ou menos duzentos hectares, e tem uma população estimada de aproximadamente duzentos mil habitantes, foi uma das motivações para realizar a pesquisa. Tendo em vista que a população da cidade de Porto Alegre gira em torno de 1.400.000 habitantes, observa-se que há uma grande concentração de moradores na região da Grande Cruzeiro, perfazendo cerca de 15% da população total da cidade. Cabe ressaltar que metade da população da Grande Cruzeiro é constituída por crianças, adolescentes e jovens. Trata-se de uma área com densa ocupação das encostas dos morros, tornando-se um grave problema geológico, o que a classifica como área de risco.

Região da Grande Cruzeiro:

Circular de ônibus até a região da Grande Cruzeiro constitui uma interessante experiência de análise acerca da concepção da cidade e das diferenças da paisagem urbana. O trânsito flui normalmente e o ônibus, ao longo do percurso, para em poucos pontos. Ao dobrar à direita no final da Avenida Carlos Barbosa, há uma mudança acentuada no cenário. As ruas tornam-se mais estreitas, há mais lixo acumulado nas esquinas, carros sucateados, casas conglomeradas, construções mais baixas e inacabadas, e calçadas irregulares, o que sinaliza o contexto de outro espaço urbano. Há um grande trânsito de pessoas na rua, principalmente de crianças e jovens, que ocupam a frente das casas. Pode-se observar alguns equipamentos públicos: o Posto de Saúde da Vila dos Comerciantes, a Escola Alberto Bins e o Posto da Brigada Militar.

Na medida em que o ônibus avança pela Vila dos Comerciantes, a estética modifica-se cada vez mais: as casas são de alvenaria, bem-acabadas, edifícios e calçamentos regulares. Há algumas lojas de materiais de construção, supermercados e igrejas. Logo que o ônibus passa pelo Posto da Brigada Militar, retoma-se o cenário com a paisagem anterior, com casas de alvenaria semiconstruídas, de cimento aparente e quase todas sem pintura. Além disso, há padarias, mercadinhos, lanchonetes, borracharias e lan houses, que compõem a estética urbana da região.

É possível entrar na região por cinco caminhos diferentes: o primeiro, pelo bairro Santa Tereza, onde do alto a vista da cidade de Porto Alegre é uma das mais belas. É possível avistar parte do centro da cidade, o Rio Guaíba, a Usina do Gasômetro e parte das ilhas do arquipélago. Entrar na Grande Cruzeiro por essa parte da cidade é se confrontar com as geografias das desigualdades sociais, com os muros reais e simbólicos que a cidade ergue para demarcar fronteiras. Os condomínios são guardados por guaritas, grades, cercas elétricas e muros, como se fossem ilhas intransponíveis para a circulação da população em geral.

Se, por um lado, a entrada na Grande Cruzeiro pelo bairro Santa Tereza revela uma feição mais valorizada da cidade de Porto Alegre, com seus condomínios fechados para camadas médias urbanas, a entrada na Grande Cruzeiro pelo bairro Cristal manifesta as desigualdades e contradições que se expressam no espaço urbano das cidades, contrastando outras feições: falta de saneamento básico, lixo acumulado nas ruas, ligações elétricas clandestinas e pequenos casebres de madeira que evidenciam a condição de vulnerabilidade das moradias que ficam à beira de um arroio.

Pode-se entrar na Grande Cruzeiro também pelo bairro Medianeira, onde a rua é o elemento base de organização espacial dessa parte da região. Em um dos pontos, há um muro de aproximadamente duzentos metros de extensão que separa as residências da população de classe média das residências dos moradores das vilas da Grande Cruzeiro, um percurso marcado por uma divisão de territórios regularizados e não regularizados.

A entrada pelos bairros Teresópolis e Nonoai se dá através das avenidas Teresópolis e Nonoai, uma das principais ligações da zona sul ao centro da cidade. Estes são bairros de classe média, com a presença de vários edifícios, casas residenciais e comércio local. Um pequeno riacho, localizado na Rua São Sebastião, chamado Riacho da Morte, divide as residências de classe média das casas dos moradores da Grande Cruzeiro.

Alteração na paisagem da Região:

Através de seus projetos urbanísticos, Porto Alegre iniciou uma reaproximação da cidade com a sua área costeira. Atualmente, são inúmeros os projetos de infraestrutura urbana para a Zona Sul de Porto Alegre que incidem sobre os territórios da Grande Cruzeiro e alteram as paisagens da região. Dentre eles, destaca-se o "Pontal do Estaleiro". Hoje, no lugar do Estaleiro Só, vemos edifícios residenciais, comerciais, estacionamentos e shopping centers. Essas alterações urbanísticas impactam diretamente a orla do Lago Guaíba.

Do Cais Mauá, onde foi inaugurado o Cais Embarcadero, um local visitado pelos porto-alegrenses para apreciar o pôr do sol tomando um chimarrão, reunir-se com amigos nas diversas cafeterias e restaurantes, ou passear com os filhos nas praças e parques. Ao extremo sul, foi inaugurado o Pontal, local onde os turistas e moradores locais podem usufruir de um shopping center, um hotel de luxo, centro de eventos, torre multiuso, centro de saúde Pontal Clínicas e um parque. A cidade aos poucos vai sendo transformada.











Trajetos: De caminhadas no Morro do Osso ao calçadão de Ipanema

Pontos de interesse: Percurso urbano descrito para o portal da VII Reunião de Antropologia MERCOSUL/RAM, realizada em Porto Alegre, em 2007. Em média, leva-se 40min para chegar do centro aos bairros da zona sul.

Início: Bairro Centro, Avenida Borges de Medeiros ou Avenida Salgado Filho, terminais dos ônibus Serraria, Ponta Grossa, Assunção e lotação Guarujá-Ipanema, Ipanema e Assunção.

Fim: Zona Sul.

Contexto: Vila Assunção é considerada a primeira praia balneária da cidade de Porto Alegre e muito procurada a partir da década de 1940. Sua mais importante avenida é a Pereira Passos, que não passava de um estreito caminho de acesso ao interior da chácara de José Joaquim Assunção, que deu o nome ao bairro. O proprietário tentou instalar em suas terras uma destilaria de álcool, mas nunca chegou a finalizar a construção de suas instalações, por causa de desentendimentos com as autoridades. Em 1918 José Assunção faleceu e, em 1937, a viúva, dona Felisbina, fez um acordo com uma empresa Di Primo Beck, que urbanizou a região, calçando, canalizando a água e puxando a luz, e reservando uma fatia deste loteamento para uso da viúva. Suas ruas fazem referência aos tupi-guaranis, primeiros moradores dessas terras.

Autora: Rafael Devos, Universidade Federal de Santa Catarina





O Loteamento Balneário Ipanema foi aprovado pela prefeitura de Porto Alegre em 1938, com os nomes das ruas dados por Oswaldo Coufal e seus sócios. Com a venda de terrenos, muitas famílias construíram suas casas de verão em Ipanema. O Rio de Janeiro foi a inspiração de Oswaldo Coufal ao dar nome às ruas e ao balneário local, que ele queria ver transformado em ponto turístico. Oswaldo Coufal adorava a capital fluminense e levava a família para passar férias no bairro da Urca. Amplamente arborizado e situado à beira do Rio Guaíba, o bairro é um lugar notadamente residencial. Um calçadão e uma ciclovia à beira-rio atraem atletas e moradores durante os dias de verão. Conta com uma praia fluvial, muito utilizada para lazer pela população de baixa renda, apesar de poluída.

Opção 1: Bairro Assunção – Com o ônibus Assunção, descer no final da linha e caminhar pela orla (à esquerda de frente para o rio). O final da linha do ônibus é a antiga doca de onde partia a balsa que levava automóveis para a cidade de Guaíba, único acesso de Porto Alegre à zona sul do estado antes da construção das pontes. Mais adiante, o bar Timbuca é uma boa opção para uma cerveja e um final de tarde despreocupado à beira do rio. Em frente ao bar, a rua que segue cruzando a praça dá acesso à subida da igreja, que proporciona uma boa vista da zona sul da cidade, e onde ocorrem rodas de capoeira todo domingo ao final de tarde.

Opção 2: Bairro Ipanema – Descer do ônibus Serraria ou Ponta Grossa, ou da lotação Ipanema na Avenida Dea Coufal. Assim como a Tristeza, Ipanema é um antigo balneário da cidade, atualmente um bairro de classes média e alta. Caminhando em direção ao rio, temos o calçadão de Ipanema, com dois quilômetros de orla dedicados aos recantos para chimarrão, à prática de esportes e a uma infinidade de bares para todos os gostos. Destaque para a estátua de Oxum, orixá das religiões afro-brasileiras do estado, que ganhou na praia de Ipanema um espaço para sua festa anual (8 de dezembro). Mais ao final do calçadão, pode-se tomar novamente o ônibus Serraria para conhecer os bairros seguintes: Guajará, Espírito Santo, Ponta Grossa e Serraria.







PALEGRE - 126
PANORAMA

Trajetos: Caminhada na rua mais linda do mundo, Rua Gonçalo de Carvalho

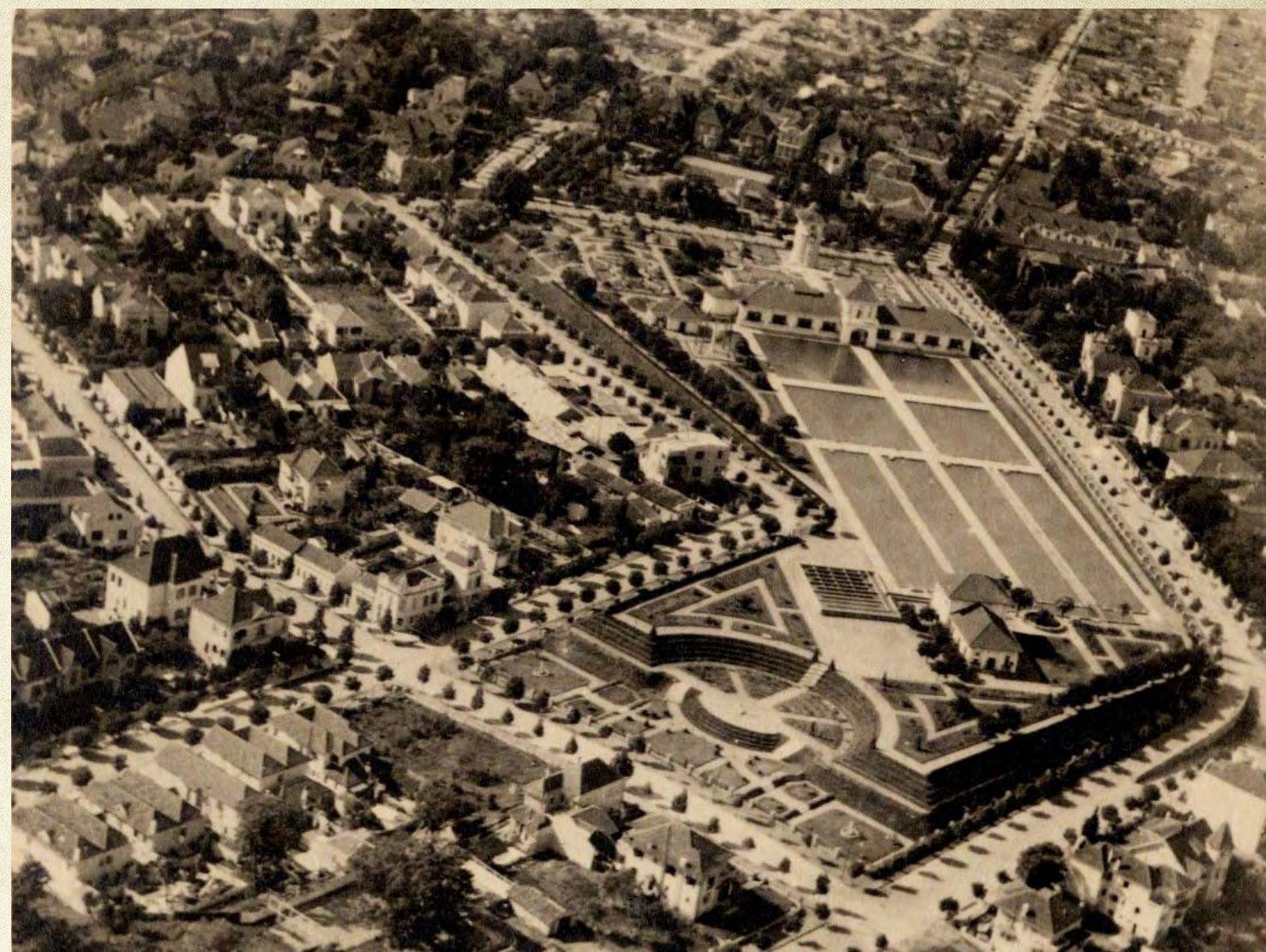
Pontos de interesse: Situa-se em Porto Alegre, no bairro Independência. O aspecto mais importante da rua é o túnel verde formado por árvores do tipo tipuanas, fenômeno este protegido por lei pelo seu caráter ecológico, turístico e cultural. Conforme o estudo técnico da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) o túnel verde não pode receber intervenção como podas, cortes de árvores e obras que alterem a paisagem sem licença e supervisão técnica. A caminhada pode durar até uma hora

Início: Rua Ramiro Barcellos

Fim: Rua Santo Antônio

Contexto: O túnel verde de tipuanas da Rua Gonçalo de Carvalho chama a atenção por sua imponência em um bairro (divisa dos bairros Independência e Floresta) caracterizado por prédios altos, institucionais ou residenciais, e um shopping de grandes proporções, instalado em espaço revitalizado onde funcionou uma antiga cervejaria, num prédio original de 1873 (sendo a última empresa a Brahma). O asfalto, neste trecho, não foi implantado, e sobrevivem os paralelepípedos que dão maior vazão à água da chuva, o que ajuda na preservação.

Autora: Cornelia Eckert, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





107. PORTO ALEGRE - PANORAMA - V. DA PATRIA - GUARIBA

Declaradas áreas de uso especial – de caráter ecológico, turístico e cultural – significa que não poderão sofrer intervenções como podas, cortes de árvores e obras viárias que alterem sua paisagem sem antes passar por um estudo técnico da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Smam).

A fama da rua com suas tipuanas deve-se ao artista plástico Cesar Cardia, por conta do blog Amigos da Rua Gonçalo de Carvalho (Cardia, 2018). Este blog se dedica à preservação das árvores, iniciado em 2005, quando uma empresa tentou construir um estacionamento no local, ameaçando cortar algumas delas. Os moradores locais, a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Independência (AMABI), sob a liderança do dentista Haeni Ficht, organizaram-se em um movimento de resistência. Este evento resultou no tombamento do conjunto de árvores. Foi decretado Patrimônio Histórico, Cultural, Ecológico e Ambiental do município em junho de 2006. Desde então, a associação pela preservação é mantida. Outro leimatív divulgado nas redes sociais é que Porto Alegre tem a rua arborizada mais linda do mundo, sugestão original do blog português A Sombra Verde. Esta referência vem acompanhada de fotografias da Rua Gonçalo de Carvalho.

Para o militante ambientalista Cardia, líder da associação do bairro após o falecimento do dentista Ficht, estas árvores foram plantadas por moradores cerca de 70 a 100 anos atrás. Já em outras referências, as mais de cem árvores do gênero tipuana, enfileiradas em aproximadamente 500 metros de calçadas, teriam sido plantadas no final da década de 1930 por trabalhadores de origem alemã, empregados na antiga cervejaria local.









Sudiobalgaru



Andriabakari

Trajetos: Quarto Distrito de Porto Alegre.

Pontos de interesse: Antigas fábricas, Vila Flores, Cervejarias.

Início: Avenida Voluntários da Pátria (Antiga Fábrica)

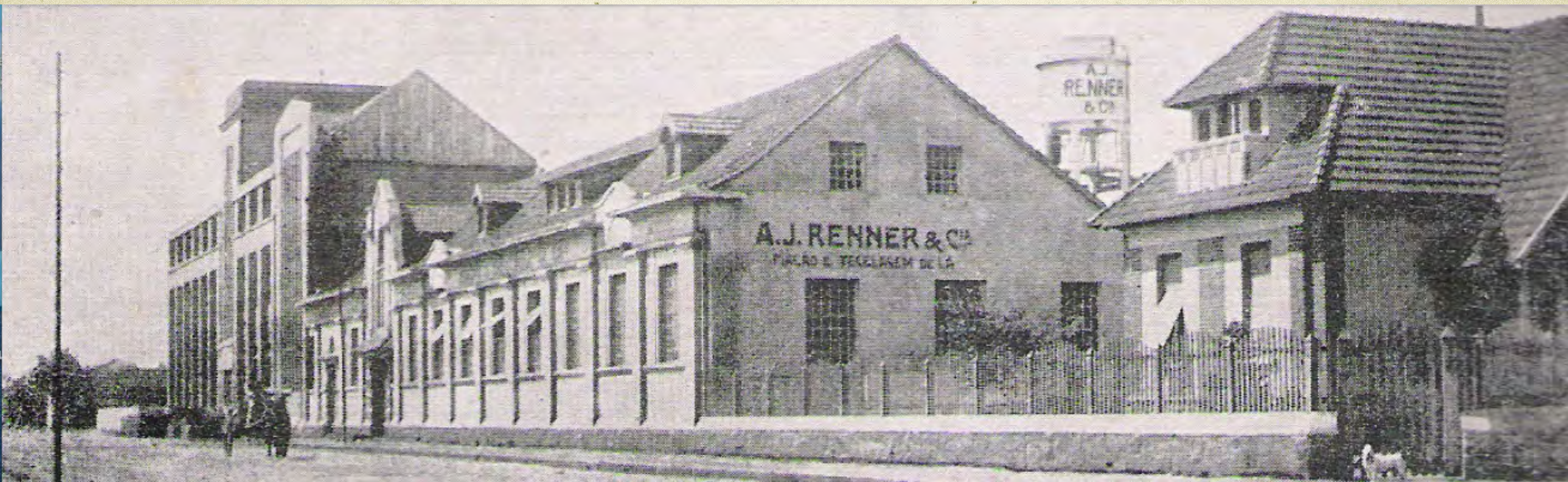
Fim: Rua Conselheiro Camargo

Contexto: Este circuito passa pelo antigo bairro industrial da cidade de Porto Alegre. Após o processo de desindustrialização, que iniciou-se na década de oitenta, as antigas fábricas, gradativamente, foram se tornando grandes ruínas. A partir do ano de 2013 muitas iniciativas buscaram revitalizar este território, seja arquitetonicamente, buscando um embelezamento do patrimônio edificado, seja simbolicamente, procurando uma saída do estigma de região abandonada, local de todas as mazelas da cidade.

Duração: 6h, caminhada longa com subidas leves.

Autora: José Luís Abalos Júnior, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





Este circuito passa pelo antigo bairro industrial da cidade de Porto Alegre. Após o processo de desindustrialização, que iniciou-se na década de oitenta, as antigas fábricas, gradativamente, foram se tornando grandes ruínas. A partir do ano de 2013, muitas iniciativas buscaram revitalizar este território, seja arquitetonicamente, buscando um embelezamento do patrimônio edificado, seja simbolicamente, procurando uma saída do estigma de região abandonada, local de todas as mazelas da cidade.

Essa caminhada ocorreu em um dia de sol, em setembro de 2021. Comigo estavam alguns colegas e participantes de um evento denominado "Walking Tour 4D", que propunha caminhadas pela região. O trajeto começou em uma antiga fábrica de tecelagem: "Companhia Fabril Portoalegrense", um espaço dominado pelas marcas do tempo. Nele, pode-se acessar antigos espaços, escadas quebradiças, janelas e cadeiras, testemunhas de um passado industrial.

O circuito continuou pelas ruas da Avenida Cairú, onde se encontra a antiga fábrica de Chocolates da Neugebauer, a primeira do Brasil, criada em 1891. Diferente da experiência anterior, não foi possível acessar as antigas instalações, visto o grau de degradação e perigo iminente de deslizamentos da velha estrutura. Contudo, a parte externa já expressa um pouco do antigo bairro e sua vocação industrial.

O grupo caminhou pelas ruas do Quarto Distrito, especialmente as do Bairro São Geraldo, com a curiosidade de quem tinha ganhado a possibilidade de voltar no tempo e vivenciar uma cidade que não existe mais, mas deixou suas marcas. Enquanto os guias do Walking Tour traziam referências da história local, eu me direcionava a ouvir, mas também a captar imagens do cenário que se construía no processo de caminhada.

Caminhando, o grupo chegou ao Vila Flores, uma antiga moradia operária da região, que também já serviu de fábrica de diversos materiais. Hoje, o espaço é uma referência de regeneração urbana, pois, através de investimento dos proprietários e em diálogo com um Distrito Criativo que se forma, o Vila Flo-

res acolhe diversos públicos interessados em atividades culturais, de inovação e tecnologia. Talvez esse seja o espaço que melhor materializa as perspectivas de futuro para a região, pois, além de trazer foco para a questão de empreendedorismo, também tem muitos projetos de intervenções sociais em comunidades carentes do território, como a Vila Santa Teresinha.

A partir de então, no final da tarde, nosso percurso foi de retorno para o bairro São Geraldo, para reconhecimento do chamado Circuito Cervejeiro. A ideia era acompanhar o processo de produção de cervejas artesanais, típicas de Porto Alegre, produzidas no Quarto Distrito, que possui diversas cervejarias em seu território. Desta forma, nos encaminhamos para a Cervejaria Cubo e, posteriormente, para o Agulha, importante bar e espaço de shows da região. O Agulha fica em uma rua onde estão outros empreendimentos focados no lazer noturno, na Rua Conselheiro Camargo. Tal travessa foi renovada para que os moradores/clientes possam ter espaços de lazer no espaço público.

Por fim, o público se despediu, e pude ainda caminhar por algumas ruas, após o bairro se configurar em sua estética noturna. Dobrando na Avenida Moura de Azevedo, pode-se perceber o quanto o bairro é reconhecido por sua insegurança, porém pode também ser um local atrativo com mais iluminação e presença do Estado. O anoitecer no território é iluminado pelas luzes dos pubs noturnos e pelos novos prédios residenciais construídos não há muito tempo. A ideia de reabitar o Quarto Distrito, zona com baixa densidade populacional, também tem um impacto na vida e no futuro da região.



ERNESTO NEUGEBAUER & CIA

NEUGEBAUER





Trajetos: Seguir as águas pelas bordas, abrir um Caminho Novo: a Rua Voluntários da Pátria

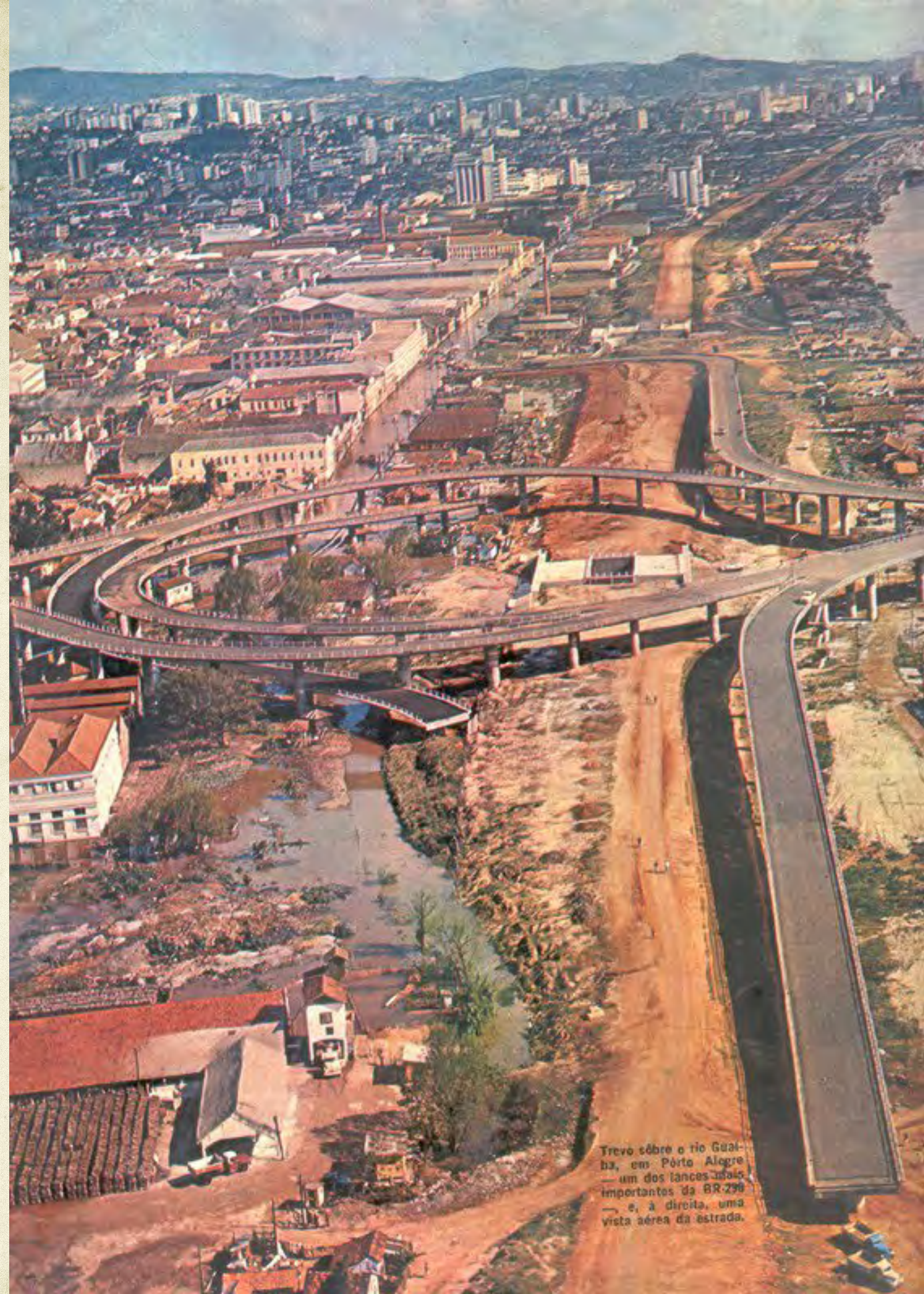
Pontos de interesse: Localizada nas regiões territoriais Centro e Zona Norte, a Rua Voluntários da Pátria atravessa cinco bairros diferentes da cidade, sendo eles: Centro Histórico, Floresta, São Geraldo, Navegantes e Farrapos. Com mais de cinco quilômetros de extensão, tem seu início na Rua Marechal Floriano Peixoto, ao lado do Mercado Público, e termina na Rua Ricardo Seibel de Freitas Lima, próximo ao Estádio Arena do Grêmio.

Início: O Caminho Novo tinha seu início na Praça Parobé – atualmente terminal Pereira Parobé – na região central da cidade, conhecida no passado como Doca das Frutas, uma doca portuária de abastecimento do Mercado Público e da cidade que, em 1919, passou por processo de aterramento.

Fim: Estádio da Arena do Grêmio

Contexto: Capital do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre tem uma relação de longa data com o Rio Guaíba e com a Rua Voluntários da Pátria, principalmente quando se trata do desenvolvimento da metrópole a partir do século XIX, associada ao distrito industrial. A cidade, desde seus primórdios, teve pela via fluvial seu meio básico de operação e a Rua Voluntários da Pátria, por sua proximidade com o rio. A abertura da rua começa em 1806 pelo governador Paulo José da Silva Gama, dando acesso à Vila de Porto Alegre para as quintas, nas quais havia chácaras e casas de veraneio margeando o Guaíba. Localizada no coração da cidade, além de ser um entreposto mercantil, foi historicamente espaço de manifestações culturais de matriz africana.

Autora: Camila Braz da Silva, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





A manchete do dia no Jornal do Comércio mostrava: "Em ritmo lento as obras da Copa são retomadas".

O dia amanhece chovendo muito. Algo esperado no inverno de Porto Alegre, como também as roupas que não secam e as paredes dos prédios úmidas. Pensava incessantemente porque raios não tinha feito campo em dia de chuva até aquele momento. Minhas memórias das obras da Copa do Mundo de 2014 ecoavam aridez e calor, escavadeiras e vestígios alaranjados da cor dos cones de sinalização urbana. Foi preciso uma mudança no ambiente para que eu pudesse sentir, atentamente, as águas nos meus pés.

Já não me lembro exatamente quando foi a primeira vez que caminhei sozinha pela extensão de toda a Rua Voluntários da Pátria, principalmente no trecho que se inicia depois do viaduto da Conceição. O cenário da Voluntários incluía duas estações de trem - conectando a região central ao 4º distrito da cidade - que davam à margem do rio lugar para o estabelecimento de trapiches, depósitos, estaleiros e oficinas, armazéns de atacado e indústrias. Tal trajeto pela margem do Guaíba recebeu inicialmente o nome de Caminho Novo, no qual se tinham inúmeras preocupações com o paisagismo e com o prazer que aquele percurso poderia proporcionar.

Caminhos silenciosos cercavam meus passos por aquela rua. Conseguia nitidamente ouvir sapatos na terra arrasada arrastando pedregulhos. Levantava os olhos na linha do horizonte. Entulho, grandes tubulações, grandes buracos, camadas de terra, concreto, asfalto, tudo revirado, como se estivessem começando algo que ninguém retornou para terminar. Mas somente aos finais de semana. Quando passava do viaduto da Conceição, durante os cinco dias, intensamente em horário comercial, o barulho não dava tréguas. Grandes máquinas cavando, operários em movimento, sinalização com cones marcando lugares fechados para transitar. E as pessoas transitavam. Reinventavam o espaço enquanto eu, ainda tonta com o barulho, sentia que o sol durante a tarde fazia a pele queimar.

Nos últimos anos, comecei a entender que o viaduto era uma divisão muito consistente da rua em relação à região central, sentido zona norte, mas mais ainda eram aquelas primeiras três quadras até a esquina da Rua Ernesto Alves: lugar de fronteiras porosas, com paisagem em constante mudança e características particulares que produzem reconhecimento. É posto, hotel, galpão de reciclagem, igreja, garagem de ônibus, lava-jato, funilaria, mecânica, boteco, restaurante, carrinheiros, carros, calçadas esburacadas, pedestres andando na rua, movimento, pressa, ruína, passagem. Tudo isso ao lado da Estação Rodoviária. Agora, com uma via duplicada, uns dizem que mudou muito, outros que continua a mesma coisa de como era antes das obras.

Ao mesmo tempo, as reminiscências das construções fabris podem ser encontradas reverberando por dentro dessas quadras, entre ruínas e patrimônios tombados, nas diversas formas de habitação, comércio e circulação de pessoas. Dividindo comigo a calçada inexistente e um pedaço da rua esburacada, porém circulável, estavam moradores da região, passantes que faziam daquele seu caminho para onde quer que fossem, carroceiros malabaristas com seus carrinhos empilhados de coisas prestes a tombar.

Desde o viaduto, pelo lado direito, reparava no que havia nas quadras seguintes e suas esquinas. Comecei a memorizar pontos importantes: primeiro um galpão de reciclagem, carrinhos que se alinhavam na frente em vagas bem delimitadas, um pequeno bar; seguindo, havia alguns prédios antigos com as grandes janelas fechadas de tijolos e cimento, outros servindo de moradia, uma grande oficina mecânica.

Andando mais, havia uma grande igreja, um pequeno restaurante, um antigo posto de gasolina desativado, outro restaurante, outro bar, outra igreja, algumas pequenas oficinas, mais uma igreja, um hotel em cima de um bar e um hotel bem antigo cuja fachada ocupava uma esquina inteira, um grande prédio branco com detalhes amarelos e escritos em verde e vermelho entre a Rua Ernesto Alves e a Rua Voluntários da Pátria. No letreiro: Hotel Rodoviária.

Em alguns trechos, me sinto caminhando solitária, quase não se cruza com outros transeuntes. Na esquina da Dr. João Inácio, uma borracharia. Caminho mais um pouco até conseguir ver o anel viário que conecta a antiga ponte do Guaíba com a BR-116. Por falar em ponte, em nenhum momento desse trajeto vi o rio. Entro à direita na Avenida Sertório.

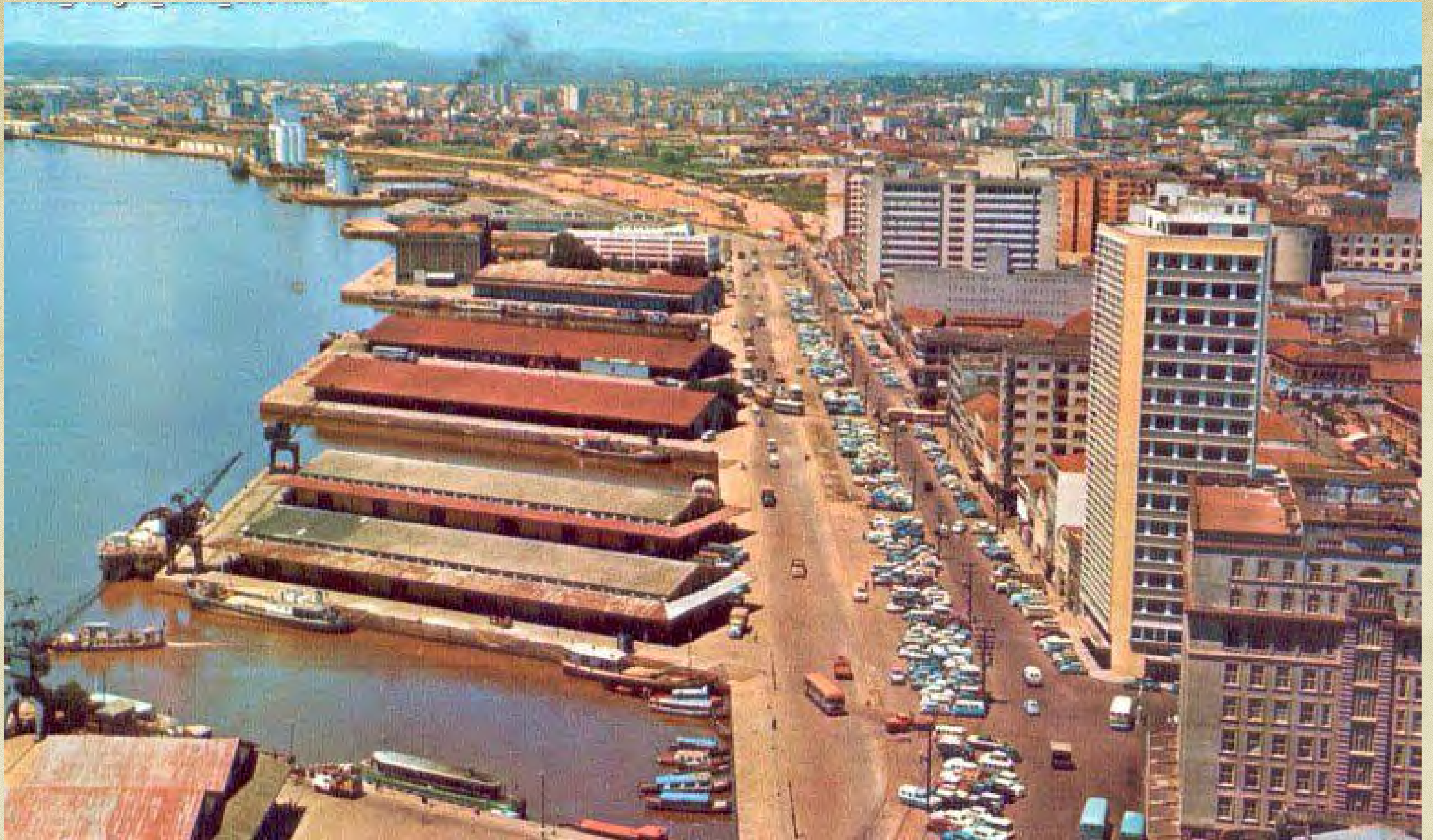
A dificuldade de atravessar até a igreja Nossa Senhora dos Navegantes impõe ao pedestre duas opções: ou chegar à próxima faixa de pedestre seguindo a Sertório (que não é perto, verifiquei com minhas próprias pernas), ou se aventurar nesse cruzamento de avenida e rodovia. Atravesso praticamente correndo até a igreja por baixo da elevada, a sensação é de uma pequenez sem tamanho passar por baixo daquela grande estrutura. Não sou a única que passa por ali e provavelmente não serei a última. Na frente da igreja, me surpreendo com um pátio usado como estacionamento, bem iluminado pelo sol de uma manhã fria, com uma fileira de pequenas árvores protegendo o pátio da confusão exterior. Vejo um muro vazado de concreto e do outro lado os trilhos do trem. Espero pacientemente o barulho chegar, sento na escadaria da igreja, o trem passa. Subo as escadas até a porta e acima da porta um desenho de gesso me chama muita atenção: a imagem da santa, Nossa Senhora dos Navegantes, envolta a nuvens e, embaixo dela, um grande barco apoiado sobre águas turbulentas. Quão perto da água estou agora ou estaria em outros tempos? Meus pés estariam secos ou cheios de barro?











Trajetos: A cidade das águas e suas paisagens mais que humanas

Pontos de interesse: Av. Beira Rio, Centro Histórico de Porto Alegre, Usina do Gasômetro, Praça da Alfandega, Mercado Público, Rodoviária, Av. Voluntários da Pátria, Humaitá, Sarandi Aeroporto Salgado Filho.

Início: Centro Histórico de Porto Alegre direção orla sul (Menino Deus, Cidade Baixa), orla norte (Navegantes, São Geraldo), Início: Centro Histórico, em direção a Usina do Gasômetro e as ruas principais que dão acesso a Avenida Praia de Belas, indo em direção aos bairros Menino Deus e Cidade Baixa, incluindo o Estádio Beiro do Sport Clube Internacional.

Fim: Centro Histórico, suas praças e as ruas principais que dão acesso ao Mercado público, indo em direção a região do 4º Distrito, passando pela Rua Voluntários da Pátria, bairros São Gerando, Navegantes, Humaitá e Sarandi, junto a Arena do Grêmio Futebol Clube e ao aeroporto Salgado Filho.

Contexto: Que dias estamos vivendo neste mês de março de 2024.

Autora: Sonia Lucietto Piccinini, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





PRINCEZA DO SUL

GUASPAN

GUASPAN

Sivua

Chove e chove muito desde o dia 1º de maio. Normalmente, neste dia há muitas atividades e pessoas nas ruas em função do feriado do Dia do Trabalho, porém, este ano, foi tudo diferente. Menos gente nas ruas e pouca, ou nenhuma, manifestação social neste maio chuvoso.

Sim, foi feriado, mas a cidade estava entristecida pela quantidade de chuva que estava caindo, volume muito além do normal, coisa por volta de 80mm em poucas horas. Mas ninguém, ninguém mesmo, imaginaria o que estava por vir e seus efeitos sobre as memórias dos fenômenos meteorológicos da comunidade urbana porto-alegrense.

Em setembro de 2023, o Vale do Taquari já havia sido atingido por cheias e inundações. Cidades como Muçum, Roca Sales, Lajeado, Arroio do Meio e outras cidades menores foram duramente atingidas por chuvas de grandes proporções que transformaram a paisagem da bacia hidrográfica do Rio Taquari e das cidades construídas às suas margens, vitimando muitas pessoas, além de muitas perdas de suas casas, animais e memórias.

Ainda no mês de novembro do mesmo ano, novamente outra enchente de proporção menor atingiu a região, deixando novamente as comunidades ali localizadas, principalmente os bairros situados às margens do Rio Taquari, entregues à própria sorte, perdendo tudo o que já haviam tentado reconstruir.

Agora, no mês de maio de 2024, novamente a enchente chegou ao Vale do Taquari e, desta vez, atingiu fortemente a cidade de Porto Alegre e a sua região metropolitana, uma vez que no Lago Guaíba desaguam os rios Jacuí, Caí, Gravataí e Sinos, além do Taquari, convergindo ameaçadoramente em direção à região norte e nordeste da capital e sua região central.

Na mídia, nos canais de comunicação, rádio, TV e na análise de vários estudiosos do clima e da hidrologia apontaram a falha estrutural na manutenção do sistema de proteção contra cheias construído nos anos 1960-70 em Porto Alegre, com as águas do Guaíba rompendo as barreiras de diques, muros e comportas e invadindo bairros da capital, principalmente aqueles cujos mo-

radores imaginavam-se sob a proteção do dique e do muro da Mauá. O caso dos bairros Centro, Cidade Baixa e Menino Deus.

No Centro Histórico, locais de referência econômica e social sofreram inundação, como o Mercado Público, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a Usina do Gasômetro e a Casa de Cultura Mario Quintana. Além disso, os bairros periféricos usualmente atingidos por cheias e inundações, como São Geraldo, Navegantes, Humaitá, Sarandi, expandiram-se indistintamente para os antigos aterros da orla sul e orla norte do Lago Guaíba, para as regiões onde se localizam a Arena do Grêmio Futebol Clube e o Estádio Beira-Rio, sede do Sport Clube Internacional. Foi assustador o número de pessoas que foram atingidas por esta enchente. Segundo relata a Defesa Civil do estado, 575 mil pessoas foram desalojadas e 175 morreram, sendo que algumas outras se encontram desaparecidas.

Todo o ano temos inundações na Grande Porto Alegre, principalmente nas ilhas (Ilha dos Marinheiros e Ilha da Pintada, que todo ano, na época das chuvas de inverno, a mídia retrata de alguma maneira o problema, ou do alagamento ou da retirada das pessoas de suas casas indo para abrigos), mas essa enchente de maio de 2024 foi além de todas as expectativas, pois atingiu não só as mencionadas ilhas como toda a Grande Porto Alegre, o Centro Histórico, Cidade Baixa e Menino Deus, e, mais tarde, também a Zona Sul. E o mais agravante foi saber que uma cidade que foi inundada a vida inteira não deveria ser pega de surpresa por uma inundação.

Fiquei me perguntando: e se o muro não suportasse o volume de água que estava entrando na cidade? Se ele rompesse, não havia e não há um plano para saber o que fazer e onde levar as pessoas. O que se viu durante essa tragédia foi o poder público batendo cabeça, correndo feito zumbis para atender a tanta demanda em tempo de crise nas cheias que se verificaram aqui em Porto Alegre. Acredito que não foi diferente em outros lugares onde a enchente chegou, como Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Eldorado do Sul e o próprio Vale do Taquari, que abrange cidades como Lajeado, Estrela, Encantado, Roca Sales, Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados e Muçum, só para citar algumas das várias cidades atingidas.



ENCHENTE DE 5-1941 PALEORE
CASA DO AMADOR

Na enchente de 1941, que também foi bem significativa, aprendemos e foram feitas melhorias e um sistema de proteção contra inundações. O que parece é que essa estrutura que foi montada não avançou, e o que foi estudado e implantado a partir do evento da época funcionou, porém, com a manutenção precária, não deu conta de segurar o grande volume de água.

O crescimento das cidades e a ocupação desordenada são também grandes problemas que temos, segundo estudiosos da geografia e da geopolítica brasileira. Para que as pessoas pudessem se estabelecer cada vez mais próximas das margens dos rios e açudes, foram feitos aterros, como os construídos nos bairros Humaitá e Sarandi, entre outros. Outrora eram margens do Rio Gravataí, e a população ocupava o lugar da água; de tempos em tempos, o rio volta a ocupar o seu lugar original.

O que foi fundamental nessa tragédia toda é que a população se sensibilizou, coisa que pensei já termos esquecido, esse bem maior que temos que é a empatia. Muitos cidadãos se prontificaram e fizeram a diferença nos primeiros minutos da tragédia em Porto Alegre e nos seus municípios vizinhos, socorrendo a todos indistintamente para que saíssem de suas casas, ainda que deixando para trás seus pertences e bens... Jetskis e barcos povoaram as ruas e avenidas de nossa cidade, dos bairros nobres aos de menor poder aquisitivo, até a Usina do Gasômetro, considerado o "point" de encontro e lazer da população porto-alegrense. O silêncio só era quebrado pelos motores e pela chuva que caía torrencialmente.

Os abrigos e o voluntariado foram essenciais para o acolhimento de um imenso contingente de pessoas cujas vidas tinham sido atingidas por mais esta tragédia ambiental, agora de proporções absurdas. Muitos dos abrigos não possuíam, no momento, nenhuma infraestrutura; eram espaços organizados às pressas, onde os abrigados, ainda que sem usufruir de privacidade, podiam permanecer em segurança, junto a alguns dos pertences que haviam conseguido levar consigo quando foram resgatados pelos barcos de resgate em suas moradias invadidas pelas águas.

Neste cenário devastador, muitos voluntários se cadastraram para ajudar. Como parte desta comunidade urbana atingida pelo avanço das águas do Lago Guaíba, participei de ações do voluntariado local no Centro de Esportes do Grêmio Náutico União, na sede localizada na Rua Quintino Bocaiuva, número 500, bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Além do espaço da quadra de esportes, o abrigo tinha três banheiros com água quente para atender cerca de 280 pessoas, com uma escala de horários ao longo do dia. Nesse local, também foi ofertada recreação orientada para as crianças.

Iniciei, assim, o voluntariado indo até o local e me inscrevendo para ajudar no que fosse preciso. Chegando lá, fui direcionada para o ginásio de esportes, que estava recebendo as doações. Não foi possível tirar fotografias porque era proibido. Mas chegavam muitas coisas: colchões, água, roupas de cama, alimentos, calçados...

Comecei, então, a participar do processo de separação das roupas para os acolhidos no abrigo por tamanho e sexo. Fiquei atuando no processo de separação de roupas entre os tamanhos de 12 a 14 anos. Após a separação por tamanho, essas roupas eram levadas às arquibancadas, que também tinham essa mesma organização de tamanho e sexo.

Este foi meu primeiro dia de trabalho. Fiquei comovida de ver tanta gente reunida no abrigo... havia muitas pessoas, crianças, idosos, jovens e adultos. E o local estava "recheado de colchões" e o espaço de cada um era o espaço do colchão. Havia um pequeno corredor para as pessoas passarem, e só. No início, fiquei um pouco impactada e não sabia o que fazer. Fui informada que, ao meio-dia e trinta minutos, seriam servidas marmitas aos abrigados, que viriam em fila até nós e receberiam a marmita ofertada pela UNISINOS, junto com talheres de plástico. Na sequência, em outro lugar um pouco mais à frente, seriam distribuídos sucos em copos também de plástico.

Sem saber como agir, aos poucos, um a um se aproximavam e, na socialização diante da tragédia, iam pegando de nossas mãos o alimento. Neste percurso, crianças junto com seus pais e idosos eram amparados por outras pessoas, e os cadeirantes também eram auxiliados para se dirigirem ao "seu lugar" no espaço do abrigo, ao seu colchão, sendo avisados de que precisariam cuidar de seus "talheres" porque não havia para reposição no dia seguinte.

Aos poucos, fui me aproximando das famílias que eram acolhidas no abrigo e conversando com elas sobre os dilemas da solidão, da insegurança e da tristeza que estavam vivendo. Todas se sentiam muito agradecidas pela ajuda de toda a comunidade local, pois, sendo habitantes de áreas de risco, na maioria das vezes em que viveram as situações de cheias e enchentes, nunca haviam sido amparadas, seja pelo poder público, seja por outros moradores das regiões não atingidas pela catástrofe. Sentindo-me humanamente útil, o que eu podia fazer nesse momento de reflexão deles era escutá-los e acolher seus dramas na busca de um apoio moral.

Passado o momento crítico, hoje, olho a cidade e os bairros atingidos, como Rubens Berta, Sarandi e Humaitá, de grande população de atingidos e de onde eram a grande maioria das pessoas que estavam no abrigo mencionado. As notícias ainda seguem dando conta de que o lixo permanece nas ruas depois de quase dois meses da maior enchente que assolou o Rio Grande do Sul. E novamente, nas ruas dos bairros mais pobres, situados em áreas baixas e cujos efeitos da enchente foram mais devastadores, a presença da água depositada permanece, como o caso de uma estação do metrô na área central de Porto Alegre, que ainda se encontra desativada, impedindo o ir e vir dos cidadãos, sem que tenha sido objeto dos serviços públicos de drenagem urbana.

Neste cenário, são os próprios moradores locais, mais uma vez, que se mobilizam para, na ausência dos poderes públicos, recuperarem o que resta de seus territórios de vida.













8 f.o. 3A B.Aé. • PORTO ALEGRE (CENTRO) • FB.F.24 • 400^M • 13^H • 10-5-41



Índice de Imagens

Capa - Avenida Luis Guarânia, Porto Alegre, 2006, Autor: Olavo Ramalho Marques. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 08-09 - Imagem de Satélite de Porto Alegre, outubro de 2024. Fonte: Google Earth.

Pág. 10-11 - Imagem de Satélite de Porto Alegre, maio de 2024. Fonte: Google Earth.

Pág. 12-13 - Planta da Cidade de Porto Alegre datada de 1906, organizada e desenhada por A. A. Trebbi.

Pág. 19 - Vista aérea da Ponta do Gasômetro, Porto Alegre, anos 50. Fonte: Guia Histórico de Porto Alegre Moysés Velhinho-AHPAMV. Arquivo Histórico, 2009. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 20-21 - Vista aérea da Usina do Gasômetro em funcionamento, Porto Alegre, anos 50. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo, Biblioteca Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 23 - (Acima superior) Vista aérea da Usina do gasômetro e estaleiro. Fonte: Associação Trabalhadores Aposentados do Porto. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais. (Abaixo) Vista aérea da Usina Termelétrica do Gasômetro e Casa de Correção, estabelecimento penal de Porto Alegre, anos 1950. Fonte: Associação Trabalhadores Aposentados do Porto. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 24-25 - Aquarela de Herrmann Wendroth, Porto Alegre vista do Lago Guaíba, 1852. Fonte: Editora do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Ano: 1983. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 26-27 - Usina do Gasômetro, vista aérea. Fonte: Arquivo Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação da Prefeitura de Porto Alegre-PROCEMPA. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 28-29 - Vista aérea chaminé Usina do Gasômetro, Casa de Correção e início do aterro do Parque da Harmonia. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo, Biblioteca Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 30-31 - Vista aérea, Avenida Mauá, cais do Porto. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo, Biblioteca Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 33 - Planta da Cidade de Porto Alegre. Autor A.A. Trebis, 1906. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 34-35 - Detalhe da planta da cidade de Porto Alegre. Autor L. P. Dias, 1893. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 36 - Rua da Praia, 1910. Autor: Studio Virgilio Calegari. Coleção Benno Mentz-DELFOF-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 39 - Rua General Paranhos em 1865, Autor: desconhecido. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo, Biblioteca Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 40-41 - (Esquerda) Vista da Rua da Praia a partir da Praça Dom Feliciano, década de 1890. Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais. (Direita) Beco do Fanha (atual Caldas Junior). Autor Friedrich Bieri, suíço. Fonte: Museu Hipólito José da Costa, Biblioteca. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 44-45 - Rua da Praia, fins do século XIX, Praça Dom Feliciano. Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 47 - Rua da Praia, primeiras décadas do século XX, direção Praça Dom Feliciano. Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 50-51 - Rua da Praia (atual Rua dos Andradas). Autor: Virgilio Calegari. Coleção Benno Mentz- DELFOF-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 54-55 - Enchente 1941, Rua da Praia (dos Andradas). Autor: desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 57 - Mercado Público, Doca das frutas e antiga estação Rodoviária. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo, Coleção Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 58-59 - Mercado Público, escravo liberto puxando uma carroça. Autor: desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 60-61 - Trapiche próximo ao mercado publico, hoje aterrado, Praça Pereira Parobé, atual Terminal Pereira Parobé. Autor: Desconhecido. Coleção Projeto Monumenta Porto Alegre- IPHAN-RS. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 64-65 - Antigo cais da Praça da Alfandega, 1889. Autor: desconhecido. Fonte: Arquivo Histórico RS. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 66-67 - Igreja das Dores, início da construção 1807, concluída em 1994. Autor: Virgilio Calegari. Ano: 1888. Coleção Benno Mentz- DELFOF-PUC. Acervo

Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 70-71 – (Esquerda) Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, década de 20. Autor: desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Crianças alforriadas, fins do século XIX. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 72-73 – (Superior esquerda) Carregador de Água. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Superior direita) Rua dos Andradas esquina Rua General Câmara. Autor: Virgílio Calegari. Coleção Benno Mentz- DELFOS-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Abaixo) Acendedores de Lâmpioes. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 74-75 – (Esquerda) Negros libertos, fins do século XIX. Fonte: Museu José Joaquim Felizardo, Biblioteca Sioma Breimann. Acervo: Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Cozinheiros. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 76-77 - (Esquerda) Jovem negro em frente ao Mercado Público. Autoria desconhecida; (Direita) Antiga Doca das Frutas, século XIX, ao lado mercado público. Fonte: Coleção Benno Mentz, DELFOS-PUC-RS. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 78-79 - Doca próximo ao mercado de Porto Alegre, 1895. Fonte: Coleção Gilberto Ferrez.

Pág. 80-81 – (Esquerda) Mercado Público tomado pelas águas, enchente de 1941. Fonte: Coleção Benno Mentz, DELFOS-PUC-RS. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Vista aérea da enchente de 1941, área central, mercado público e arredores. Acervo Museu Joaquim José Felizardo, Coleção Sioma Breimann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 83 - Antiga Praça da Matriz e primeiro Palácio do Comerci, 1852. Autor: Herrmann Wendroth. Fonte: Editora do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Ano: 1983. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 84-85 – Praça da Matriz, antiga igreja Nossa Senhora da Madre de Deus, 1865. Autor: Luis Terragno.. Coleção Benno Mentz- DELFOS-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 88-89 - Praça da Matriz, alicerces da Casa da Câmara, Parte do Palácio do Governo, Casa do Bailante, Casa da Assembléia dos Representantes, Porto Alegre RS, 1865. Autor: Luis Terragno. Enciclopedia Itaú Cultural de Arte e Cultura Bra-

sileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 90-91 - Praça da Matriz, Casa do Bailante, 1865. Autor: Luis Terragno. Coleção Karl Von Kosertiz, Benno Mentz Delfos-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 92-92 - Praça da Matriz, Theatro São Pedro, 1865. Autor: Luis Terragno. Coleção Karl Von Kosertiz, Benno Mentz Delfos-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 94-95 - Praça da Matriz, Theatro São Pedro, 1860. Autor: Luis Terragno. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 96-97 - Colagens com fotografias da Praça da Matriz, antiga Igreja Nossa Senhora da Madre de Deus, Palácio do Governo, Bailante, Teatro São Pedro. Autor: Luis Terragno. Ano: 1880. Acervo Benno Mentz- DELFOS-PUC. Criação Felipe Rodrigues

Pág. 98-99 – Vista aérea acervo a pinto soares

Pág. 101 - Praças de Porto Alegre. Autora: Martha de Wagner-Schidrowitz, desenho Fonte: Biografia de uma cidade. Porto Alegre: 1942. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 102-103 - Caminho Novo, aquarela atribuída ao pintor francês Jean-Baptiste Debret. Ano: 1827. Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Voyage pittoresque et historique au Brésil. Paris: Firmin Didot Frères. 1834 – 3 vol.

Pág. 107 - Rua Riachuelo, giz colorido. Autora: Martha de Wagner-Schidrowitz, giz colorido. Fonte: Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Alvaro Franco Morency e Silva e Léo Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre: Tipografia da Cidade S.A., 1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 108-109 – (esquerda) Autora: Martha de Wagner-Schidrowitz, giz colorido Fonte: Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Alvaro Franco Morency e Silva e Léo Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre: Tipografia da Cidade S.A., 1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Antigo Mercado público, pintura a óleo. Autor: Angelo Guido. Fonte: Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Alvaro Franco Morency e Silva e Léo Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre: Tipografia da Cidade S.A., 1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 110-111 - Estuário e as ilhas do Guaíba. Autora: Martha de Wagner-Schidrowitz, tempera. Fonte: Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Alvaro Franco Morency e Silva e Léo Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre: Tipografia da Cidade S.A.,

1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 112-113 - Barcaças no cais do porto. Autor: Angelo Guido. Fonte: Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Alvaro Franco Morency e Silva e Léo Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre: Tipografia da Cidade S.A., 1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 114-115 - Doca das Frutas, 1880. Autor: Athayse d'Ávila. Fonte: Museu Julio de Castilhos. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 117 - Paço Municipal, Intendência Municipal, início do século XX. Autor: Studio Calegari. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 118-119 - Paço Municipal, anos 1940. Autor: Ubatuba da Farias. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 123 - Largo Municipal e Largo do Mercado, abrigo de bondes e ônibus. Fonte: Capa Revista do Globo, No 819, 26-04 a 11-05-1962. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 124-125 - Largo do Mercado, antigo terminal de ônibus, anos 1970. Autor: Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 126-127 - Cartão postal, Praça Parobé, abrigo de ônibus, anos 1960. Fonte: Série Brasil Turístico, Mercator (SP). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 128-129 (Esquerda) Abertura da Borges de Medeiros. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita acima) Abertura Av. Borges de Medeiros, direção Zona Sul, 1940. Fonte: Biografia de uma cidade. Prefeitura Municipal de Porto Alegre; (Direita abaixo) Abertura Av. Borges de Medeiros, direção Zona Sul, 1940. Fonte: Biografia de uma cidade. Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Pág. 130-131 - (Esquerda) Cartão postal, viaduto da Borges de Medeiros, em direção a Praia de Belas, anos 1970. Fonte: EDICARD-SP. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Cartão postal, viaduto da Borges de Medeiros, em direção ao Mercado Público, anos 1960. Fonte: Mercator (SP). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 132-133 (Esquerda) Ponte de Pedra. Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Ponte de Pedra sobre o arroio Dilúvio. Coleção L.P. Borgmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 135-136 Ponte de Pedra, venda de carvão, 1940. Fonte: Museu Joaquim José

Felizardo, Coleção Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 137 Rua Marechal Floriano (antiga Rua da Bragança), anos 1960, antigo caminho das procissões da Igreja da Matriz. Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 138-139 Rua da Praia com a Rua Marechal Floriano (antiga Rua da Bragança). Autor: Ferrari & Irmãos. Acervo: Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 142-143 Rua da Praia, com Marechal Floriano, 1885. Arquivo de Gabriel Pereira Borges Fortes. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 144-145 (Esquerda) Rua Marechal Floriano Peixoto, anos 1960, entre a Rua Duque de Caxias e as ruas da Cidade Baixa. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Rua Marechal Floriano Peixoto, 1912. Cartão postal. Edição Casa A Miscelânea e A Eletrica, S. Leonetti, Porto Alegre

Pág. 146-147 Rua Marechal Floriano Peixoto, anos 1950, conhecida como "a rua do Liceu". Arquivo Laudelino Medeiros. Acervo: Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 149 Rua Duque de Caxias, Academia de Direito, 1909. Autor: Studio Calegari. Arquivo Benno Mentz, Delfos-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 152-153 - Belvedere da Rua 24 de Maio, antigo Beco do Jacques, 1937, escadaria que liga a Rua Duque de Caxias a Rua André da Rocha (antigo Beco do Oitavo). Autor: Desconhecido. Fonte: Arquivo: Adriana Bednarz. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 154-155 - Escadaria da Rua João Manoel, que liga a Rua Duque de Caxias a Rua Fernando Machado. Fonte: Tesouros Culturais no Centro de Porto Alegre Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 156-157 - Escadaria do Amor, atual Rua João Manoel, Centro de Porto Alegre. Fonte: Coleção Escadarias de Porto Alegre. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 158-159 - Belvedere do Amor, atual Rua João Manoel, ligando a cidade alta a cidade Baixa, criada em 1929. Projeto do arquiteto Christiano de La Paix Gelbert. Fonte: Arquivo POA, A memória de Porto Alegre. Acervo: Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 161 - Recriação do projeto de abertura do viaduto da Avenida Salgado Filho. Fonte: Revista do Globo No 763, março de 1960. Acervo Banco de Imagens

e Efeitos Visuais.

Pág. 162-163 – Vista da Cidade Baixa. Paisagem Cidade antiga, fins do século XIX. Autor: Terragno. Fonte: -Benno Mentz, Delfos-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 169 - Vista parcial da Cidade Baixa. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz, Delfos-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 170-171 - Vista parcial da Cidade Baixa. Autor: Desconhecido. Fonte: Coleção Benno Mentz, Delfos-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 172-173 Rua João Alfredo, Cidade Baixa. Fonte: Coleção Cia Riograndense de Telecomunicações, Museu de Comunicação José Hipólito da Costa. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 174-175 – (Esquerda) Vista da Cidade Baixa, Rua João Alfredo. Fonte: Coleção Cia Riograndense de Telecomunicações, Museu de Comunicação José Hipólito da Costa. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais. (Direita) Vista João Alfredo. Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 176-177 – Rua Sarmento Leite, anos 60, anterior a abertura da Av. Perimetral. Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 179 - Projeto de Ajardinamento Campos da Redenção, proposta Arq. Alfredo Agache. Fonte: Biografia de Uma cidade. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1940.

Pág. 182-183 - Acampamento de Carreiros, Campos da Várzea, atual Parque Farroupilha, 1900. Autor: Lunara Amador. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 184-185 – Fogão gaúcho. Campos da Várzea, atual Parque Farroupilha, 1900. Autor: Lunara Amador. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 186-187 – Vista geral da Exposição de 1901, Parque da Redenção (atual Parque Farroupilha). Autor: Lunara Amador. Fonte: Porto Alegre: História e Vida da Cidade Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 188-188 - Remodelação do Campo da Redenção 1929. Autor: Desconhecido. Arquivo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Pág. 190-191 – (Esquerda) Parque Farroupilha, espelho d'água, década de 1960. Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Par-

que Farroupilha, eixo monumental, década de 1950. Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 193 – Ponte de Pedra. Autor: Luís Maristany de Trias Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Álvaro Franco Morency e Silva e Léo Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre: Tipografia da Cidade S.A., 1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 195 – Ponte de Pedra sobre o riacho, vista sobre a Cidade Baixa. Autor: Leo Guerreiro. Fonte: Revista do Globo, anos 40. Coleção Habitantes do Arroio. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 196-197 – Ponte de Pedra sobre o Arroio Dilúvio, ao fundo a Igreja Pão dos Pobres, anos 1930. Coleção Habitantes do Arroio. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 198-199 – Paisagem do antigo riacho, habitações populares a beira do arroio (Arroio Dilúvio, década de 1940). Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Coleção Habitantes do Arroio. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 200 - Fundos Rua da Margem (Rua João Alfredo) na antiga Ilhota. Acervo BIEV, autor desconhecido, década de 1940. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 202-203 – Ilhota, Antiga Ilhota, anterior a abertura da Av. Erico Veríssimo (projeto Renascença, nos anos 1970). Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 205 – Ilhota na década de 1950. Autor: desconhecido. Fonte: Museu José Joaquim Felizardo. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 206-207- Antiga Vila da Ilhota nas proximidades da Avenida Ipiranga em Porto Alegre. Autor: Luiz Abreu. Fonte: Arquivo Correio do Povo Memória. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Pág. 208-209 – (Esquerda) Carnaval na Ilhota. Fonte: O X do problema. Darcy e Hildebranda. Revista do Globo, 19-02-1949. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Reportagem Mulher não há de faltar. Revista do Globo, 19-02-1949. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 210-211 – (Esquerda) O X do problema. Fonte: Revista do Globo No 477, 19 de fevereiro de 1949. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) O X do problema. O sambista no carnaval. Fonte: Revista do Globo No 477, 19 de fevereiro de 1949. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 213 – Areal da Baronesa, bairro esquecido. Fonte: Revista do Globo, No 893, 27-02-1965. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 214-215 – Antiga Rua Major Pantaleão Telles. Autor: Irmãos Ferrari.

Pág. 217 - Avenida Luis Guarânia, Porto Alegre, 2006, Autor: Olavo Marques Rmalho. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 218-219 - Areal da Baronesa, becos e ruelas. Fonte: Revista do Globo, No 893, 27-02-1965. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 223 – Rua Baronesa do Gravataí, “a margem do tempo e do progresso”. Fonte: Revista do Globo, No 893, 27-02-1965. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 224-225 – (Esquerda) Ponte sobre o Arroio Diluvio. Fonte: Museu de Comunicação Social Joaquim José Felizardo. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Pinguela sobre o arroio diluvio, região da Ilhota. Fonte: Museu Joaquim José Felizardo. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 226-227 – Ilhota vista de cima. Autor: Desconhecido. Fonte: Museu da Comunicação José Hipólito da Costa. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 228-229- (Esquerda) Paisagem da Ilhota, anos 70, antiga Rua Arlindo, antes do Projeto Renascença Autor: Desconhecido. Fonte: Museu da Comunicação José Hipólito da Costa. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Antiga Vila da Ilhota nas proximidades da Avenida Ipiranga em Porto Alegre. Autor: Luiz Abreu - Fonte: Correio do Povo Memória. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 230-231 – Paisagem da Ilhotas nos anos 1950. Acervo Fotográfico Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Autor: desconhecido.

Pág. 232-233 –Planta da situação da ilhota e as ocupações entre as ruas Venâncio Aires, José do Patrocínio e 17 de Junho. Fonte: Especiais- Sul21, 14 de agosto 2017. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 235 – Vista Parcial da Grande Cruzeiro, Vila Ipê, Jardim Europa. Ano: 1982. Fonte: Associação de Moradores da Vida Cruzeiro do Sul (AMOVIC). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 239 – Travessa C, Grande Cruzeiro Travessa, 1982. Fonte: Associação de Moradores da Vida Cruzeiro do Sul (AMOVIC). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 240-241 - Vista Parcial da Grande Cruzeiro, Morro Santa Teresa, Fundação Estadual do Bem Estar do Menos-FEBEM. Ano: 1978. Fonte: Associação de Moradores da Vida Cruzeiro do Sul (AMOVIC). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 242-243 – Vista parcial de um dos acessos a Grande Cruzeiro. Ano 1978. Fonte: Associação de Moradores da Vida Cruzeiro do Sul (AMOVIC). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 244-245 – Panorama da Rua Padre Nóbrega, Vila Cruzeiro. Ano: 1978. Fonte: Associação de Moradores da Vida Cruzeiro do Sul (AMOVIC). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 246-247 – Grande Cruzeiro, Vila Orfanatrofio 1982. Fonte: Associação de Moradores da Vida Cruzeiro do Sul (AMOVIC). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 249 – Vista da antiga paisagem da Praia de Belas. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 250-251 – Panorama as margens da antiga Praia de Belas. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 252 – Vegetação as margens do Lago Guaíba, orla sul. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 254-255 – Vista área do Asilo da Mendicidade, atual Asilo Padre Cacique, Praia de Belas. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 256-257 -Panorama da Praia de Belas, antiga estada destinada ao comércio de escravos. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 259 – Hidráulica Moinhos de Vento, vista aérea, Bairro Moinhos de vento, 1920. Autor: Desconhecido. Fonte: Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág.260-261 – Visão panorâmica do Caminho Novo, atual Av. Voluntários da Pátria. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 264-265 – Bairro Moinhos de Ventos, Rua Hilario Ribeiro, década de 1950. Fonte: Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 264-265 – (Esquerda) Paisagem antiga do bairro Moinhos de Vento. Autor: Tabacaria Alpha de Andrade, década de 1930. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo: Banco de Imagens e Efeitos Visuais. (esquerda) Cartão Postal Rua dos Coqueiros, atual 17 de junho, bairro Menino Deus. Autor: Ed. A Miscelânea e a Elétrica de S. Leonetti. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 268-269 – Praça XV de Novembro, Largo do Mercado no centro de Porto Alegre. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 270-272 – Antiga Praça da Harmonia, Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 273 - A visão panorâmica do Quarto Distrito. Autor: Studio Calegari. Fonte: Coleção Benno Mentz-Delfos PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 274-275 - JH Renner. Fonte: Centro de Pesquisa Histórica de Porto Alegre Casa Godoy secretaria Municipal de Cultura SMC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 278-279 - Fábrica de Chocolates Neugebauer fundada em 1891, Porto Alegre, década 1950. Fonte: Polo industrial 4o Distrito Arquivo Histórico Neugebauer. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 280-281 - Ampliação da Fábrica Neugebauer Arquivo Histórico Neugebauer. Fonte: Polo industrial 4o Distrito Arquivo Histórico Neugebauer. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 282-283 - Cervejaria Ritter. Fonte: Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 285 - Vista área, construção do trevo para a Ponte do Guaíba, abertura da autoestrada, anos 1950. Autor: Desconhecido. Fonte: Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 286-287 – Trapiches e galpões que avançam sobre o Guaíba, Canal de Navegantes, início século XX. Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo, Biblioteca Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 291 - Vista área, saneamento cais de Navegantes. Acervo Museu Joaquim

José Felizardo, Biblioteca Sioma Breitmann. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 292-293 – Vista aérea, aterros da Rua Voluntários da Pátria, instalações portuárias. Década de 1950. Acervo Associação dos Amigos do 4º Distrito. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 294-295 — Ocupação do Passo da Areia, criação da Vila dos Industriários-IAPI, várzea do Gravataí, anos 1950. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 296-297 – (Esquerda) Saneamento e aterros em direção a foz do Rio Gravataí. Autor: Desconhecido. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Ocupação do Passo d'Areia, Vila IAPI, em direção da foz do Rio Gravataí. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 298-299 – Vista aérea, em direção aos aterros da Rua Voluntários da Pátria, instalações portuárias. Cartão postal, década de 1950. Coleção Gilberto Werner. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 301 - Praça da Alfândega, Clube do Comércio, enchente de 1941. Autor: Casa do Amador, Biblioteca Sioma Breitmann. Fonte.: Museu José Joaquim Felizardo (Museu de Porto Alegre). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 302-303 - Mercado público, Borges de Medeiros, esq. Paço Municipal, enchente 1941. Autor: Biblioteca Sioma Breitman. Fonte.: Museu José Joaquim Felizardo (Museu de Porto Alegre). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 304-306 – Enchente de 1941, Rua Uruguai, centro de Porto Alegre. Autor: Casa do Amador, Biblioteca Sioma Breitman. Fonte: Museu José Joaquim Felizardo (Museu de Porto Alegre). Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 311 – Enchente de 1928, bairro Navegantes. Autor: Desconhecido. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 312-313 – Enchente de 1928, bairro Navegantes. Autor: Desconhecido. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 314-315 – Enchente de 1941, Igreja de Nossa Senhora de Navegantes, bairro Navegantes. Autor: Desconhecido. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 316-317 – (Esquerda) Enchente 1928, antiga Praça da Harmonia, situada ao final da Rua da Praia (dos Andradas). Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFO-PUC.

Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais; (Direita) Enchente de 1928, área central de Porto Alegre, ao fundo armazéns do porto e chaminé da usina do Gasômetro. Autor: Desconhecido. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFOSS-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 318-319 – Enchente 1928, área central de Porto Alegre. Autor: Desconhecido. Fonte: Acervo Benno Mentz-DELFOSS-PUC. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 320-321 - Enchente de 1941, vista área, área central, vista da Praça da Alfândega, seu entrono, armazéns do cais do porto, e Av. Mauá, Av. Siqueira Campos, Rua da Praia (dos Andradas). Autor: Desconhecido. Acervo Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

Pág. 322-323 – Vista aérea Porto Alegre, enchente de maio de 2024, Google Earth.

Sobre os Autores

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil e FEEVALE, Novo Hamburgo, RS, Brasil, miriabilis@ gmail.com. Doutora em Antropologia Social pela Paris V, Sorbonne, França, 1994. Atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela UFRGS e em PPGs na FEEVALE. Coordena o Banco de Imagens e Efeitos Visuais. <https://www.ufrgs.br/biev/> Porto Alegre, RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-2294-5932>

<http://lattes.cnpq.br/5633849867865936>

Cornelia Eckert

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, chicaeckert@gmail.com. Doutora em Antropologia Social pela Paris V, Sorbonne, França, 1992. Atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela UFRGS. Coordenou o Núcleo de Antropologia Visual (1994-2023) e coordena Banco de Imagens e Efeitos Visuais..

<https://www.ufrgs.br/biev/> Porto Alegre, RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>

<http://lattes.cnpq.br/7446126566413577>

Felipe da Silva Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, felipe.editoracao@gmail.com. Mestre em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS), Brasil, 2023. Bolsista PROEX/CAPES. Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAMECOS/PUCRS), Brasil, 2008. Pesquisador Associada do BIEV- Banco de Imagens e Efeitos Visuais. <https://www.ufrgs.br/biev/> Porto Alegre, RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3646-7641>

<https://lattes.cnpq.br/8171419229468738>

Sonia Maria Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, soniapi54@gmail.com. Socióloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979; Especialista em Geografia Ambiental Urbana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle- Canoas-RS-Brasi-I 2015. Pesquisadora Associada do BIEV- Banco de Imagens e Efeitos Visuais. <https://www.ufrgs.br/biev/> Porto Alegre, RS, Brasil.

<https://orcid.org/0009-0001-5694-6810>

<http://lattes.cnpq.br/5110962371435564>

